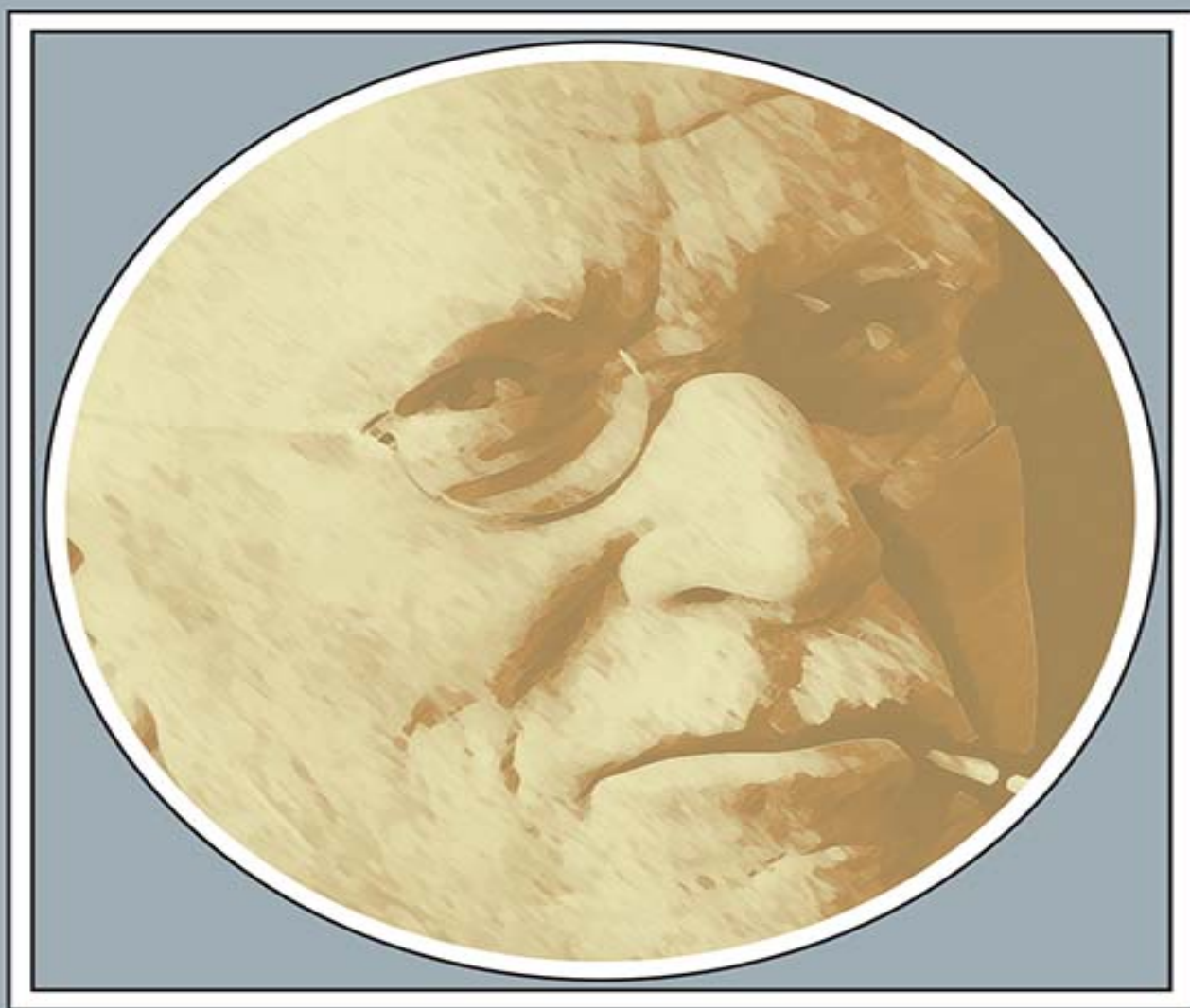


JUNG

Médico da alma

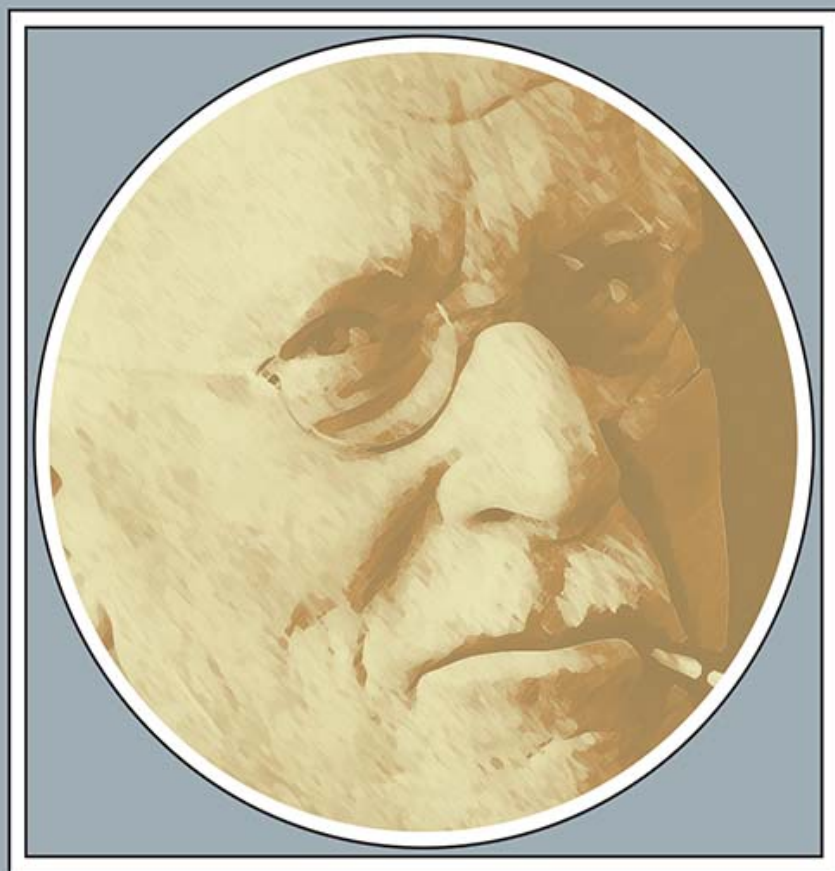
Viviane Thibaudier



JUNG

Médico da alma

Viviane Thibaudier



VIVIANE THIBAUDIER

JUNG,
MÉDICO DA ALMA



Sumário

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Introdução](#)

[C. G. Jung, o médico da alma](#)

[“Torne-se o que você é.”](#)

[Capítulo 1](#)

[Jung, esse desconhecido](#)

[Jung solitário](#)

[Jung psiquiatra](#)

[Os anos Freud](#)

[Capítulo 2](#)

[Freud, Jung,](#)

[os pontos de ruptura](#)

[Nem tudo é sexual](#)

[O incesto psíquico](#)

[O sacrifício](#)

[Capítulo 3](#)

[Para que serve](#)

[o inconsciente?](#)

[A criatividade do inconsciente](#)

[O inconsciente coletivo e os arquétipos](#)

[Fazer emergir novas possibilidades](#)

[Um mergulho nas profundezas e na complexidade](#)

[Capítulo 4](#)

[O sonho: uma realidade interior](#)

[Uma via real](#)

[A atividade compensadora do sonho](#)

[O símbolo](#)

[Capítulo 5](#)

[Deixar acontecer](#)

[A imagem](#)

[Dialogar com o inconsciente](#)

[Capítulo 6](#)

[Tornar-se consciente](#)

[A relação entre o ego e o inconsciente](#)

[O ego e seus fantasmas: os complexos](#)

[Capítulo 7](#)

[Nossa equação pessoal](#)

[A cada um, seu tipo](#)

[Adaptar-se ao meio: as funções](#)

[Nós e os outros](#)

[Capítulo 8](#)

[O ser e o parecer: a persona](#)

[Um instrumento de comunicação](#)

[Capítulo 9](#)

[O cisco no olho do vizinho](#)

[A sombra e o corpo](#)

[Os aspectos positivos da sombra](#)

[Capítulo 10](#)

[O casal e seus mistérios](#)

[Masculino, feminino](#)

[O casal anima-animus](#)

[Capítulo 11](#)

[Como se manifesta a anima?](#)

[A anima ou as fraquezas ignoradas](#)

[Estar possuído pela anima](#)

[Capítulo 12](#)

[Como se manifesta o animus?](#)

[Virtudes e trevas do animus](#)

[Animus e vontade de poder](#)

[Estar possuída pelo animus](#)

[Capítulo 13](#)

[O Self: ser inteiro](#)

[A via do centro](#)

[Maior que o ego](#)

[Os símbolos do Self](#)

[O processo de individuação](#)

[Capítulo 14](#)

[O meio da vida](#)

[Enantiodromia](#)

[Primeiro amor](#)

[Capítulo 15](#)

[A sincronicidade,](#)
[as coincidências significativas](#)
[Além e aquém do espaço e do tempo](#)
[Um mundo “Uno”](#)
[Conclusão](#)
[O processo de criação, reparador da alma](#)
[O incognoscível, fonte de riqueza](#)
[Glossário](#)
[Coleção](#)
[Ficha catalográfica](#)

INTRODUÇÃO À COLEÇÃO AMOR E PSIQUE

Na busca de sua alma e do sentido de sua vida, o homem descobriu novos caminhos que o levam para a sua interioridade: o seu próprio espaço interior torna-se um lugar novo de experiência. Os viajantes desses caminhos nos revelam que somente o amor é capaz de gerar a alma, mas também o amor precisa de alma. Assim, em lugar de buscar causas, explicações psicopatológicas para as nossas feridas e os nossos sofrimentos, precisamos, em primeiro lugar, amar a nossa alma assim como ela é. Desse modo é que poderemos reconhecer que essas feridas e esses sofrimentos nasceram de uma falta de amor. Por outro lado, revelam-nos que a alma se orienta para um centro pessoal e transpessoal, para a nossa unidade e a realização de nossa totalidade. Assim a nossa própria vida carrega em si um sentido, o de restaurar a nossa unidade primeira.

Finalmente, não é o espiritual que aparece primeiro, mas o psíquico e depois o espiritual. É a partir do olhar do imo espiritual interior que a alma toma seu sentido, o que significa que a psicologia pode de novo estender a mão para a teologia.

Essa perspectiva psicológica nova é fruto do esforço para libertar a alma da dominação da psicopatologia, do espírito analítico e do psicologismo, para que volte a si mesma, à sua própria originalidade. Ela nasceu de reflexões durante a prática psicoterápica, e está começando a renovar o modelo e a finalidade da psicoterapia. É uma nova visão do homem na sua existência cotidiana, do seu tempo, e dentro de seu contexto cultural, abrindo dimensões diferentes de nossa existência para podermos reencontrar a nossa alma. Ela poderá alimentar todos aqueles

que são sensíveis à necessidade de inserir mais alma em todas as atividades humanas.

A finalidade da presente coleção é precisamente restituir a alma a si mesma e “ver aparecer uma geração de sacerdotes capazes de entender novamente a linguagem da alma”, como C. G. Jung o desejava.

Léon Bonaventure

*Será que conseguimos manter juntas a moderação
e a insensatez, a ordem e a poesia? Jung tentou.*

Élie Humbert

Para Camille, Émilie e Alexandre.

INTRODUÇÃO

*Minha vida é a história de
um inconsciente que se realizou.*¹

C. G. Jung, o médico da alma

Jung é, com Freud, um dos pioneiros da psicanálise. Porém, enquanto todos ouviram falar do “pai da psicanálise”, como se costuma referir-se a Freud, ainda muito poucos conhecem Jung, pelo menos na França.

No entanto, ele foi o “príncipe herdeiro” de Freud e, com este, um dos fundadores do movimento psicanalítico, do qual foi, no início do século XX, figura central durante vários anos. Jung foi também o primeiro presidente da Associação Psicanalítica Internacional (IAP), cuja sede fica em Zurique, desde sua fundação, em 1910, até 1914, quando renunciou. Foi, ainda, o primeiro redator-chefe do *Jahrbuch*,² sobre a qual se pode dizer que foi a primeira revista internacional de psicanálise.

O que não teria sido dito sobre Jung? Afirmou-se que não passou de um pedagogo, um simbologista ou mitólogo, que foi místico, esotérico, antisemita, que fazia girar mesas, acreditava em discos voadores e praticava a alquimia, que teria fundado uma nova religião. O catálogo é infinito. Alguns chegaram a escrever livros sobre ele para demonstrar que o autor era pouco recomendável, como aqueles que escrevem obras inteiras para provar que Deus não existe!

Tais simplificações, com frequência exageradas, contribuíram amplamente para distorcer o pensamento de Jung. Mas será que conhecemos o verdadeiro Jung? Será que já lemos o que ele escreveu de outra maneira que não na diagonal, com todos os *a priori*, ou fixando-nos sobre uma única de suas expressões, a maior parte do tempo deformada, e a partir da qual interpretamos ou reduzimos toda sua obra? Será que realmente

lemos essa obra densa e complexa para nela penetrar em profundidade e compreender seu sentido verdadeiro e inesgotável de riqueza?

Muito adotado na maioria dos países anglo-saxões, em particular nos Estados Unidos, onde inumeráveis obras foram escritas sobre ele ou baseadas em sua obra, Jung permanece ainda pouco conhecido na França, onde ainda é “banido” da universidade, como tantos outros autores que não entram no “pensamento correto”, qualquer que seja a matéria sobre a qual possam tratar.

Entretanto, queiramos ou não, Jung permanece um dos grandes pensadores do século XX, provavelmente demasiado avançado para seu tempo. Muito cedo, interessou-se pelo pensamento oriental. Foi um dos primeiros a introduzi-lo ao público ocidental a partir de 1920, por meio de diferentes comentários sobre os clássicos do pensamento chinês ou budista,³ e devido à estreita colaboração com os grandes sinólogos e indólogos da época.

Essa mente curiosa e culta, de visão aguçada e de longo alcance, interessava-se por tudo: ciências, filosofia, literatura, antropologia, paleontologia, história das religiões, linguística etc., e sua obra no campo da psicologia, incluindo algumas de suas ideias mais audaciosas, vai ao encontro das pesquisas mais adiantadas da física contemporânea.⁴ É, além disso, especialmente apreciada por pessoas criativas de todo o meio artístico.

“Torne-se o que você é.”

*O que há de mais fundamental que saber: “Eis o que sou”?*⁵

Durante os vinte primeiros anos de sua vida, Jung se sentiu constantemente inseguro e desconfortável em seu ambiente. Ele sabia o que significava não estar “dentro dos padrões”, sentir-se diferente dos outros e aguentar o olhar e as zombarias daqueles que não gostam que não sejamos como eles. Isso formou sua atitude desde o início de sua existência e lhe ensinou a confiar e a

se apoiar unicamente em seus recursos interiores. Tal abertura à “diferença” formou seu espírito para sempre. Seu olhar penetrante sobre os seres e as coisas, bem como a maneira como considerava a doença mental e a neurose, seriam profundamente influenciados por isso.

Com seu modo extremamente humano de encarar a relação médico-paciente, Jung não tenta enfatizar o lado patológico das pessoas ou os aspectos que nelas não funcionam bem, visando eliminá-los, corrigi-los ou fazê-los entrar nos padrões. Ele sabe que cada um constrói sua neurose como reação de sobrevivência e numa tentativa de autocura. O objetivo principal, portanto, não é fazer com que ela desapareça, mas, ao contrário, tentar compreender o que a impulsiona e sua significação profunda. É descobrir qual poderia ter sido sua utilidade no contexto em que cada um viveu e se desenvolveu. Ao fazê-lo, Jung esforça-se para encontrar o valor próprio de cada ser e sua riqueza interior, a fim de permitir que cada um descubra quem verdadeiramente é, para que viva com mais coerência consigo mesmo, ainda que isso não esteja de acordo com aquilo que o ambiente espera dele.

Pois, para Jung, que era psiquiatra, ninguém é verdadeiramente normal ou anormal, psiquicamente saudável ou doente. Aliás, quem pode realmente dizer o que é “normalidade”? Todos os seres são diferentes e somos todos, em determinadas circunstâncias ou em alguns momentos, um pouco “loucos”, ou até mesmo “perdidos” no difícil caminho da vida. Mas talvez resida exatamente *aí* nossa originalidade, pensava ele. Tudo é uma questão de olhar.

A visão que Jung tem do mundo e dos seres não é binária. Ele não tenta combater ou eliminar nossas contradições e falhas. Ao contrário, Jung empenha-se, e aí está sua grande originalidade, em encontrar o *sentido* que elas têm para nós hoje, o que faz com que sejamos como somos. Ele busca o que essas contradições vêm compensar e o que podem significar em relação ao que foi estabelecido interiormente, de maneira inconsciente, na tentativa natural de encontrar o equilíbrio aceitável e conseguir, tanto quanto possível, continuar a viver apesar de nossas feridas. Em

outras palavras, Jung interessava-se por compreender o que nossas contradições e falhas querem dizer sobre nós mesmos, com o objetivo final de conseguir integrar esse conteúdo ao conjunto de nossa personalidade, mas, desta vez, com toda consciência, levando em consideração a extrema “complexidade” de todo ser.

Capítulo 1

JUNG, ESSE DESCONHECIDO

*Eu sentia angústias vagas durante a noite...
Homens afogavam-se, um cadáver caía sobre os rochedos.
No cemitério vizinho, o sacristão cava um buraco...¹*

Jung solitário

Filho substituto

Carl Gustav Jung nasceu em 26 de julho de 1875, às margens do lago Constança, em Kesswil, na Suíça, na fronteira entre três países: Suíça, Alemanha e Áustria (que, à época, fazia parte do Império Austro-Húngaro). Seu pai, Paul Achilles Jung, era pastor. Sua mãe, Émilie Preiswerk, filha de pastor. Cinco dos irmãos dela, tios de Jung, também o eram.

Carl Gustav era o quarto, mas o primeiro filho vivo do casal Jung, já que os três anteriores nasceram mortos ou morreram apenas alguns dias depois do nascimento. Uma irmã, Gertrud, nasceu nove anos depois dele, de maneira que Jung foi, por muito tempo, filho único.

Seis meses após seu nascimento, seus pais estabeleceram-se em um lugar magnífico, próximo às quedas do rio Reno, mas igualmente impressionante e sinistro para uma criança tão pequena. Por esses dados, pode-se ter ideia da atmosfera muito particular na qual o pequeno Carl Gustav passou os quatro primeiros anos de sua vida, ao lado de uma mãe enlutada pela perda sucessiva de três filhos e “ausente” para seu filho. Émilie precisou ser internada por longo período de tempo em um hospital para tratar uma grave depressão. Jung recorda-se que seu pai era afetuoso, mas ultrapassado. Em meio a uma natureza certamente esplêndida, mas no ambiente austero do presbitério do Castelo de Lauffen, o menino viveu abandonado a si mesmo e imerso em enorme solidão.

Em suas memórias, Jung explica que, durante toda sua infância, percebeu em si duas personalidades, que ele chamou de “número 1” e “número 2”. Como se, desde a mais tenra idade, ele estivesse em contenda com o outro de si mesmo, alguém que o assombrava sem que ele conseguisse saber qual dos dois ele era verdadeiramente. Após numerosos estudos realizados sobre o assunto,² sabe-se que algumas crianças que nascem depois da morte de um irmão encontram o mesmo tipo de problema ligado à identidade. Eles trazem, de maneira inconsciente, o luto que seus pais não puderam viver e percebem-se como outro. Quase sempre, segundo os autores dessas pesquisas, eles enlouquecem ou tornam-se psiquiatras ou psicólogos, ou, ainda, artistas. Foi o que aconteceu a Beethoven, Van Gogh e Salvador Dali, por exemplo. Mesmo que tenha estado bem próximo da loucura, Jung, entretanto, não enlouqueceu, mas tornou-se psiquiatra. Se julgarmos com base na originalidade e abundância de sua obra, da qual mais da metade ainda não foi traduzida e publicada, não há dúvidas de que ele foi um autor particularmente prolífico e criativo.

Uma criança “precocce”

Carl Gustav cresceu ouvindo histórias do Antigo Testamento, que seu pai lhe contava desde muito cedo. Aprendeu a ler precocemente e começou a aprender latim aos quatro anos. Uma criança sensível e curiosa de tudo, durante muito tempo insone, ele povoava sua grande solidão passando horas na natureza grandiosa a sua volta e na biblioteca do pastor, entre livros de filosofia, religião e literatura.

Em suas memórias, Jung relata o sonho que teve aos três ou quatro anos, que é o mais antigo de que ele se lembra. Vale a pena reproduzi-lo aqui, pois diz muito sobre o inconsciente de Jung e a forma como algo nele soube, de maneira muito precocce, guiá-lo em direção às profundezas, para lá descobrir as forças mais arcaicas e poderosas da vida.

A criança está em um pasto atrás do sítio adjacente ao castelo. Ele descobre aí um buraco sombrio que nunca tinha visto antes. Curioso, ele se aproxima e olha para o

fundo. Vê aí uma escada de pedras que se aprofunda, pela qual desce receoso. Chega a uma porta fechada por uma cortina ricamente trabalhada. Ele a abre e vê um grande espaço quadrado banhado por uma luz crepuscular. Um trono de ouro, real, está sobre um estrado. Sobre esse trono encontra-se uma forma gigantesca e alta, de cerca de cinco metros, que a criança pensa inicialmente tratar-se de um tronco de árvore. O objeto, com um diâmetro de cinquenta centímetros, é “feito de pele e carne vivas”, diz ele. Ele tem “uma cabeça no formato de um cone, sem rosto e sem cabelos. No topo, um único olho, imóvel” que olha para cima. Uma claridade brilha acima dele. A criança está aterrorizada, pois ela tem a impressão de que o objeto, apesar de imóvel, pode descer de seu trono e, como um verme, arrastar-se até ela. É então que o menino ouve sua mãe gritar do alto: “Sim, olhe bem para ele. É o ogro, o comedor de homens!”.³

Esse sonho remete ao “Falo”, que pode ser visto como uma antecipação e a representação simbólica nessa alma infantil daquilo que Jung elaborará somente cerca de trinta anos mais tarde. Essa descida às profundezas obscuras e a imergência subterrânea em direção à qual a criança dirige-se “de maneira consciente” serão encontradas ao longo de toda sua vida.

Isso também permeará a trama de toda sua obra e acompanhará a sua trajetória científica por toda a vida. Trata-se da atração irresistível e aterrorizadora das profundezas do inconsciente, onde se encontra a fonte ao mesmo tempo criativa e destruidora de toda a vida. Provavelmente, foi ela que salvou o jovem Carl Gustav. A fé que ele teve intuitivamente em suas representações internas vieram a suprir a “falta”, na realidade externa, de pais suficientemente sólidos em quem ele pudesse apoiar-se. Foram essa atração e essa fé que, paradoxalmente, conduziram-no às fronteiras da loucura e, ao mesmo tempo, salvaram-no.

Mais tarde, quando tinha onze anos e ingressou no colégio de Basileia, apresentou dificuldade para adaptar-se, porque estava habituado a viver no campo. Caçoavam de sua esquisitice e da maneira pouco elegante de vestir-se. Por outro lado, ele surpreendia e incomodava tanto professores quanto colegas em função da profundidade de suas colocações e o alcance de seu conhecimento, que não correspondiam a seu aspecto exterior nem a sua idade. Taciturno e com sensibilidade extrema, ele se enfadava na sala de aula. Era antissocial, agressivo e briguento, e ficava facilmente separado dos demais alunos.

Diríamos, atualmente, que essa seria uma “criança precoce”. De fato, ele possuía todas as características de tal conceito: defasado com relação às outras crianças devido à sua visão profunda sobre as coisas e os seres, e dotado de um grau de maturidade e uma capacidade de compreensão que, em geral, crianças de sua idade não têm. Essa defasagem só fazia acentuar sua retirada para a solidão e a vida interior, como reforçava o devaneio por meio do qual tentava escapar do sofrimento gerado por sua inadaptação.

Jung psiquiatra

*O mais importante no tratamento
é o compromisso pessoal,
o projeto sério e a dedicação, eu
ousaria dizer, a abnegação dos cuidadores.*⁴

Carl Gustav viveu em um ambiente letrado onde, em várias gerações, medicina e religião sempre estiveram muito próximas. Era um meio particularmente aberto às outras culturas e às línguas. Durante seus vinte primeiros anos, ele também habitou os confins de vários países, uma vez que, aos quatro anos de idade, foi morar próximo a Basileia e, mais tarde, em Basileia propriamente dita, novamente entre três países: Suíça, Alemanha e França.⁵ Essas experiências contribuíram para fazer de Jung um homem “da fronteira”, curioso pelo mundo e influenciado, desde o início da vida, por diversas culturas.

Na mais tenra idade, Carl Gustav queria ser paleontólogo ou arqueólogo. Porém, após a *Maturität*, o exame suíço de ingresso à universidade, e para agradar seu pai, ele iniciou os estudos de medicina com o objetivo de tornar-se cirurgião como seu avô. Todavia, a falta de dinheiro da família e a morte prematura do pai logo depois do início da faculdade tornaram as coisas difíceis, pois ele passou a ser responsável por sua mãe e irmã. Especializou-se, então, em psiquiatria, que exigia estudos menos longos e, sobretudo, menos onerosos do que a especialização em cirurgia. A realidade talvez seja, como acabamos de ver, que tudo, de fato, o destinava à psiquiatria.

Muito rapidamente, e pela primeira vez, o jovem estudante começou a se sentir mais à vontade e em adequação com relação aos colegas. No meio universitário, e na confraria de estudantes de Zofingue,⁶ à qual, como seu pai, ele tinha se filiado, sua acuidade mental e erudição puderam, enfim, ser reconhecidas por seu devido valor, e até mesmo admiradas por seus colegas. Mas elas poderiam, acima de tudo, encontrar ali um eco e possibilitar trocas estimulantes, o que sempre lhe faltara até então. Ele contava vinte e um anos.

Carl Gustav obteve seu diploma de medicina em dezembro de 1900, aos vinte e cinco anos. Dez dias mais tarde, começou a trabalhar no hospital psiquiátrico de Zurique.

O hospital de Burghölzli

Durante os anos de residência e após seu doutorado, Jung passou cerca de dez anos no hospital de Burghölzli, em Zurique. No início do século XX, esse estabelecimento psiquiátrico era, graças a seu diretor, Eugen Bleuler,⁷ um hospital de vanguarda e de renome internacional, em razão, principalmente, de suas pesquisas sobre a esquizofrenia, naquela época ainda chamada de “demência precoce”.

De fato, e contrariamente a outras instituições psiquiátricas da época, os enfermos de lá eram tratados com grande humanidade e considerados seres integrais que, qualquer que fosse seu estado, mereciam o respeito e a dedicação de toda a equipe do hospital, incluindo os médicos. Aliás, eles deveriam morar no hospital e estar a serviço dos pacientes 24 horas por dia. Enquanto a demência precoce era considerada incurável e as pessoas por ela atingidas eram abandonadas e até mesmo maltratadas, Bleuler, muito adiante de seu tempo, acreditava que, se o médico conseguisse nutrir uma relação “humana” com o paciente, sua doença poderia envolver e, eventualmente, ser curada. Além disso, era costume virem pessoas de outras partes da Europa e, por vezes, da América, para se tratar na famosa clínica de Zurique.

Na linhagem de Wundt,⁸ Jung levou a cabo, na época, experimentos aprofundados sobre o teste de associação de

palavras que ele mesmo desenvolveu e que, com a ajuda de palavras indutoras, explicava sintomas de doentes esquizofrênicos. Isso permitiu compreender onde se poderia situar a origem do problema, e também reconstituir parcialmente a história afetiva dos pacientes.

Jung estudou em Paris com Alfred Binet⁹ e Pierre Janet,¹⁰ que, na época, era professor no Collège de France e trabalhava com histeria e a hipnose no laboratório de psicologia que dirigia em Salpêtrière.

Os anos Freud

Jung havia lido o livro de Freud sobre a interpretação dos sonhos¹¹ e seus diferentes artigos sobre a histeria.¹² A vida dos dois homens era, em grande parte, semelhante, e os trabalhos de Freud vinham corroborar em numerosos pontos as próprias descobertas que Jung tinha feito ao longo de suas experiências de associações, nas quais ele havia se tornado especialista, gozando de certa notoriedade tanto na Suíça como no exterior.

Em 1906, Jung enviou a Freud a obra que ele acabara de publicar sobre essas experiências.¹³ Freud lhe responde imediatamente para dizer que já tinha adquirido o livro tão logo fora publicado. Ele acolheu com muito interesse a entrada de Jung em sua vida, até porque este, em sua obra, citava-o abundantemente, o que não o deixava indiferente. Alguns meses mais tarde, Jung dirigiu-se a ele para pedir conselhos sobre o caso de uma jovem histérica que ele havia começado a tratar com o método descrito por Freud. Tratava-se de Sabine Spielrein, que foi sua primeira paciente, uma história da qual a literatura, o teatro e o cinema apropriaram-se amplamente.¹⁴ Os dois homens começaram, então, a se corresponder de maneira regular, até que, convidado por Freud, Jung foi a Viena em 1907. Foi assim que teve início uma colaboração intensa e frutífera que deveria durar até 1913. Jung via em Freud um mestre e o pai que lhe faltara; Freud via em Jung um filho dotado e herdeiro designado para

fazer com que a psicanálise saísse do encrave vienense e do judaísmo. “Você será aquele que, como Josué, se eu for Moisés, tomará posse da terra prometida da psiquiatria”,¹⁵ escreveu Freud a Jung, de maneira lírica, colocando toda sua esperança nesse brilhante e carismático jovem psiquiatra do prestigioso Burghölzli.

A relação foi intensa, e até passional. Freud, como um amante ciumento, esperava com impaciência as cartas de Jung, que, de seu lado, fazia Freud abater-se por estar muito ocupado com diversas atividades. Desde seu primeiro encontro, eles concordaram totalmente sobre o fato de que, como dizia Freud em seu livro: “A interpretação dos sonhos é a via real que leva ao conhecimento do inconsciente”.¹⁶ Porém, também desde o início, Jung guardou algumas reservas sobre o espaço excessivo que, a seu ver, Freud dava à sexualidade.

Pois, se concordava com a ligação que as psiconeuroses, em particular a histeria, tinham com a sexualidade e o recalque – negação inconsciente de desejos –, seu contato cotidiano com a doença mental lhe ensinara que isso não ocorria de forma alguma no caso das psicoses.

Jung tentou muito convencer Freud a colocar alguns bemóis em suas asserções pansexualistas. Mas este não lidava bem com questionamentos. Em geral, ele os tomava como ataques pessoais. Não quis abrir mão de suas posições. Esse foi o ponto de divergência entre eles que nunca encontrou resolução e determinou a ruptura definitiva em 1913.

Capítulo 2

FREUD, JUNG, OS PONTOS DE RUPTURA

Em seu prefácio para *Métamorphoses de l'âme et se symboles* [Metamorfoses da alma e seus símbolos], publicado em 1912 com o título de *Métamorphoses et symboles de la libido* [Metamorfoses e símbolos da libido], Jung explica:

Este livro foi escrito em 1911, quando completei 36 anos. Foi um momento crítico, pois marcou o início da segunda metade da vida, no qual, frequentemente, se produz uma metanoia, uma mudança de opinião. Tive certeza, então, que perderia toda a comunidade de trabalho e toda relação de amizade com Freud.

[...] Ele foi escrito, de certa maneira, apesar de mim... Sem nenhuma possibilidade de deixar amadurecer meus pensamentos. Tudo isso caiu sobre mim como uma avalanche impossível de conter... Era a explosão de todos esses conteúdos que não puderam encontrar lugar na estreiteza sufocante da psicologia freudiana e de sua “Weltanschauung”.¹

Esse livro foi, portanto, o detonador que fez estilhaçar a relação entre Freud e Jung, que expõe aí, um pouco bruscamente, como explica no prefácio, as premissas de sua teoria. É a obra na qual, talvez de maneira desajeitada, mas, em todo caso, bastante clara, ele assume abertamente uma posição com relação a Freud e, em particular, sua noção de libido sexual. Ele desenvolve, entre outras, a hipótese do fundamento psíquico que ultrapassa em muito a história pessoal do sujeito e que se enraíza muito além do inconsciente tal como Freud o definiu. É a conclusão, para Jung, de um fio condutor de longa data, que, de maneira inconsciente, foi lentamente tecido ao longo dos anos, como um eco distante daquele primeiro “sonho do Falo” da infância.²

A partir dessa obra, surgiram várias ideias-mestras que vão de encontro às teses desenvolvidas por Freud.

Nem tudo é sexual

A libido, uma energia de vida

Jung nega-se a considerar o ser humano como governado unicamente por seu instinto sexual. Sem, no entanto, negar a importância da sexualidade para todos, pelo contrário, ele não pode, todavia, aceitar a redução do funcionamento psíquico a esse único componente. Na realidade, para ele, a libido, ou seja, a energia psíquica, é composta de numerosos instintos que, ao serem amalgamados à sexualidade ou dela decorrerem, têm todos sua própria função e seu papel em um momento ou outro de nosso desenvolvimento.

Permitir que cada um encontre o sentido da vida e sua própria criatividade é prioridade para Jung. Isso lhe parece muito mais importante do que descobrir se temos um desejo secreto por nosso pai ou nossa mãe. Mas é claro que um não exclui necessariamente o outro. O primeiro esboço desse novo conceito de libido, que não é somente sexual, mas que também está presente no processo da vida, certamente tem motivos para contrariar Freud, pois, para Jung, a libido não tem uma tendência específica e pode, ao contrário, comunicar-se com qualquer domínio, quer seja de fome, ódio, poder, sexualidade etc.

O espiritual e a função religiosa

Entre esses domínios, encontra-se o sentimento religioso ligado à “experiência do divino”, que cada um pode ter em determinados momentos da vida e deve ser diferenciada de “crença” religiosa. Para Jung, o sentimento religioso não deriva de um desejo infantil nem do recalque da sexualidade. Não se trata, tampouco, de uma neurose nem da transformação da homossexualidade com relação a uma imagem paterna, como pensa Freud. Afinal, de maneira alguma a imagem de Deus é um avatar da imagem do pai, que, com frequência, é contaminada pela imagem de Deus.³ Jung considera a função religiosa, portanto, como uma “atividade espontânea da alma”,⁴ que se origina de uma realidade especificamente humana.

É uma tendência própria dos homens desde a noite dos tempos,

que sempre lhes fez construir altares, fabricar objetos de rituais, oferecer sacrifícios aos deuses. Trata-se de uma tendência que pode também se manifestar onde menos se espera, inclusive fora de qualquer confissão religiosa. A imagem de Deus é uma representação inerente à psique humana. Um conteúdo do inconsciente que, para Jung é, assim, muito importante de recuperar por aquilo que é, e de levar em consideração, a fim de trazê-lo à consciência, assim como tudo que é inconsciente e age sobre nós sem que o saibamos. Caso contrário, como tudo que é depreciado e relegado ao inconsciente, isso se manifestará à nossa revelia e, sobretudo, de maneira infantil e arcaica e, portanto, perigosa.

Tal tendência humana não é necessariamente ligada a uma prática religiosa, mas, por outro lado, para ministrar sua mensagem, todas as religiões se apoiam sobre a carência inata de religiosidade que os homens têm. O mesmo se passa com a política: todos os “guias” e outros “profetas” dos tempos modernos, quer eles se autodenominem Pai dos Povos, Grande Timoneiro ou Guia Supremo da Revolução,⁵ apoiam-se na busca inconsciente de religiosidade que reside no cerne da psique humana. Buscando encarnar a imagem de Deus aos olhos dos seus, conquistam ascendência sobre eles e colocam-nos em estado de fascinação e submissão. Os numerosos Estados ditatoriais pelo mundo e a atitude de submissão passiva dos povos são mostras surpreendentes disso, e não há exemplos mais claros do que esses.

O incesto psíquico

Segundo Jung, o incesto é, antes de tudo, uma realidade “psíquica”, mais do que uma referência à mãe real. Significa um refluxo da libido em direção às camadas arcaicas do inconsciente, que se situam muito além da mãe genética.

A Grande Mãe

*A mãe é a raiz secreta de todo vir a ser e de toda transformação... o fundo primordial silencioso de todo início e de todo fim.*⁶

O sonho de Alex poderia servir de ilustração a essa ideia da Grande Mãe e de incesto psíquico e mostrar como isso pode se representar no homem por volta dos trinta anos, bastante contemporâneo.

Uma mulher gigantesca está deitada nua na natureza verdejante. Uma multidão de homens, pequenos como filhotes de cachorro, sobe aos punhados entre suas pernas para mamar o leite de seu sexo que é um pênis.

No momento em que Alex teve esse sonho, estava em plena fase regressiva. Ele não conseguia mais escrever uma única palavra do relatório importante que deveria entregar logo na unidade de pesquisa onde trabalhava, na universidade. A imagem mostra, como Jung postula, que se trata de uma regressão tão distante que ela ultrapassa, de fato e em muito, a mãe genética.

Por um lado, vemos que o movimento é “coletivo” e não “pessoal” – um punhado de homens – e, de outro, que a mulher nua tem aparência bastante mítica, sem nenhuma relação com qualquer mulher real nem, evidentemente, com a mãe de Alex. Porém, essa imagem mostra ainda um movimento regressivo, como um forte empurrão que propulsiona os homens-filhotes de cachorro em direção ao seio-pênis, enquanto buscam um leite-semente que vai poder “nutrir” e “fecundar” ao mesmo tempo.

Jung nos diz que emprestou o termo Grande Mãe da história das religiões. Assim, ele faz referência às práticas advindas de um mesmo culto que se estendia do Mediterrâneo aos Hindus: o da Grande Mãe, da Deusa Mãe ou da Grande Deusa, de acordo com as regiões e épocas. Essa figura antiga representava, então, cerca de dez mil anos antes de nossa era, uma divindade de fecundação e de prosperidade, que reunia, em si, toda a potência mágica e sagrada contida na natureza e no cosmos. Tratava-se, portanto, de um poder que contém uma antítese, tanto fecundo quanto devastador, pois reunia todas as qualidades dos elementos primordiais e naturais. Em sua obra sobre as Metamorfoses, Jung faz, então, da Grande Mãe, um símbolo do Materno primordial e, do retorno às origens, um símbolo do *matricial*, de onde emergem todas as coisas e que, simultaneamente, engendra e nutre o

processo de vida.

Essa energia primordial contém múltiplas formas e manifestações daquilo que poderia ter sido, para os homens da época, a divindade que representava as forças criativas e destrutivas em ação em seu próprio psiquismo. Potencialidades às quais eles só poderiam ter acesso através da projeção, o que Jung exprime através da ideia de que “a psique é, antes de tudo, o mundo”.

É assim porque seu ambiente constitui um espelho para o ser humano. Um espelho no qual ele se reflete, não podendo, ainda, encontrar outras formas para aquilo que se encontra nele além do que ele vê ou acredita ver, através da projeção, nas qualidades que ele empresta aos elementos que se encontram fora dele. É o ambiente com o qual ele esteve, durante milênios, em “identidade inconsciente”, como está, por vezes, ainda hoje, em certas etapas de seu desenvolvimento – na infância, por exemplo, ou em determinados estados psíquicos. Em outras palavras, “sem distância”: confundem-se ele e o mundo, imagens e realidade.

É o processo de humanização que vai permitir ao homem sair da relação indiferenciada com o que está a sua volta, tanto em relação com a história da humanidade como com sua própria história.

A Grande Mãe, essa energia primordial, é, portanto, a origem de todas as coisas e aquilo em direção a que precisamos retornar sem cessar, para daí sorver a substância que nutre e as forças necessárias para renascermos por nós mesmos, as forças exigidas para nossa transformação.

Sandrine é dotada de certo talento e pinta quadros cujo valor artístico é apreciado pelos que estão a sua volta. No entanto, um dia, pouco antes da exposição que deveria fazer, ela se põe a rasgar suas telas com grandes golpes de faca, destruindo tudo que havia criado por vários meses. Em seguida, da mesma maneira, dedica-se às paredes do local onde trabalha, que ela mesmo decorara, para atacar, finalmente, seu próprio corpo, ingerindo uma dose de barbitúricos suficientemente grande para ter certeza de destruir-se. Foi salva, no limite, pela chegada de seu marido.

Essa dualidade criatividade-destrutividade, a violência arcaica, é uma das características da energia primordial que contém a

noção de Grande Mãe. Esse tipo de alternância constitui um de seus componentes essenciais, a saber, aquilo que nos nutre e que também nos devora, o que nos dá a vida, mas pode também nos destruir. É nesse movimento paradoxal que, para Jung, se funda o dinamismo do processo de vida no qual se inscreve sua noção de libido.

Estar preso à Grande Mãe, como Sandrine está, é estar afogado nas águas sombrias e profundas da indiferenciação. Significa que uma parte de nossa energia ainda não foi integrada à consciência. É o sinal de que ainda não “nascemos por nós mesmos” ou que somos semelhantes a um personagem mitológico, quer dizer, eterno e, de alguma maneira, “anterior ao humano”.

O sacrifício

*O mundo aparece quando o homem o descobre.
Ora, ele só o descobre no momento em que sacrifica
seu envolvimento com a mãe original,
dito de outra maneira, o estado inconsciente do início.²*

O confronto com a Grande Mãe caracteriza-se como uma instância simbólica que representa as camadas mais arcaicas do inconsciente e corresponde, portanto, a um retorno às origens, o que, como vimos, é, para Jung, um equivalente simbólico do incesto psíquico. Mas esse retorno às origens é, ao mesmo tempo, um local de renascimento que, nos mitos, é geralmente representado pelo combate do herói contra o monstro. Podemos citar, por exemplo, Jonas e a baleia ou a luta de São Miguel contra o dragão.

Em sua busca, o herói aspira a ser recriado pela matriz original, mas, conforme desce às profundezas do inconsciente, precisa libertar-se desse “materno” sob pena de por ele se deixar engolir. É o que Jung chama de sacrifício. Trata-se de uma fase importante do confronto do ego com os conteúdos inconscientes arcaicos.

Tal desligamento, entretanto, não acontece sem risco e sem dor, pois, diz Jung, “a libido retirada da mãe... torna-se ameaçadora como uma serpente, símbolo da angústia de morte, uma vez que é

necessário que a relação com a mãe morra e, em decorrência disso, nós mesmos quase morremos”.⁸

Christine é professora em uma ZEP.⁹ É uma mulher generosa e de boa vontade. O que ela quer, acima de tudo, é “salvar” os seres em dificuldade e em perdição. Ela aspira a uma comunicação harmoniosa entre os homens. Para ela, todos deveriam amar-se e não deveriam existir nem conflitos nem injustiças. Christine espera também que seu marido e seu filho sejam como ela, plenos de amor, atenção e generosidade com os outros, ou seja, perfeitos; o que, evidentemente, eles não são. Isso a faz sofrer imensamente. Ela fica o tempo todo criticando e reclamando da ingratidão e incompreensão deles. Em nome de seus “bons sentimentos”, na realidade, ela os aprisiona e envenena a vida deles. Christine deve abandonar essa mãe imensamente boa e toda poderosa na qual ela se encerrou e com a qual se identifica. Para isso, é necessário que renuncie a esse “valor absoluto” que condiciona toda sua vida e pelo qual ela também aprisiona os que estão a sua volta. Mas ela não parece se dar conta, nem compreender que o ideal de amor absoluto é uma prisão que construiu tanto para si como para os outros. Em lugar de renunciar ao ideal de amor universal, que ela jamais poderá alcançar, em vez de fazer o “sacrifício” de sua visão ideal das coisas, Christine prefere “sacrificar” a si própria. Então, um dia, à beira do desespero, ela tenta o suicídio.

Christine não está consciente de que esse amor que preconiza dessa maneira corresponde àquilo que lhe faltou de maneira tão cruel quando ainda criança. Ela tinha necessidade desse amor absoluto. Podemos ver atualmente como é difícil para ela renunciar a ele e também como entrava, de maneira perigosa, sua evolução psíquica. Christine aprisiona e aprisiona-se. Ela não consegue evoluir e vê-se em um impasse. Entretanto, é necessário que ela renuncie ao poder absoluto de sua “bondade” e aceite a realidade das coisas e dos seres, a realidade da vida.

No caso de Christine, a noção de “sacrifício” pode implicar a renúncia do apego ao materno, mas também pode ser o caso de renunciar às ilusões narcísicas, à unilateralidade da consciência, ao despotismo da vontade e do ego etc., ou seja, de tudo aquilo que pode nos ser útil em determinado momento da vida, mas do qual devemos um dia nos desviar e que, no momento, é necessário “sacrificar”.

O sacrifício é diferente da castração, à qual ele não substitui de maneira alguma. O primeiro provém de um imperioso impulso interior que procede do que Jung chama de processo de individuação. É algo consciente e consentido; o segundo é infligido a partir do exterior e é geralmente sofrido por outrem. Os dois são

experiências dolorosas para o ego.

Capítulo 3

PARA QUE SERVE O INCONSCIENTE?

Os conteúdos originados pelo inconsciente que retornam à consciência nos permitem compreender as relações neuróticas que mantemos com aqueles que estão próximos de nós, com nossos pais, nossos cônjuges, nossos filhos, nossos colegas etc. Ao fazê-lo, eles nos dão a possibilidade de curá-los, ainda que Jung pense que não é a neurose que precisa ser curada, pois ela já constitui, em si, uma tentativa natural de autocura.¹

A criatividade do inconsciente

*O conceito de inconsciente “não diz nada”,
ele designa somente “minha ignorância”.²*

Como toda sua psicologia, chamada por vezes de “psicologia profunda” ou “psicologia complexa”, o inconsciente, para Jung, não tem nem a mesma origem, nem as mesmas características, nem sequer o mesmo sentido que tem para Freud.

Se nos permitirmos um pleonasma, para Freud, o inconsciente é o “não consciente”. Ele é formado por aquilo que é reprimido, ou seja, aquilo que foi excluído por ser proibido e censurado *pelo consciente*. Ele é assim e, de maneira caricata, a “lata de lixo” desse último. Para Jung, ao contrário, o inconsciente é uma fonte de conteúdos que nunca se cala. Ele tem uma *criatividade* e um *saber*, e é ele quem cria o consciente. O movimento é exatamente o inverso. “Nossa consciência foi desenvolvida, em termos históricos e individuais, a partir da obscuridade e da aurora do consciente original”,³ diz Jung.

Segundo Jung, o bebê não nasce uma “tábula rasa”, e sim com uma herança de disposições funcionais e representativas, mas ele

está, no entanto, em total inconsciência. Somente aos poucos vai despertar para o mundo e tornar-se consciente *daquilo* e *para aquilo* que está à sua volta. Isso significa que a consciência não é um estado dado *a priori*, e sim que ela cresce progressivamente ao longo do tempo e da maturação psíquica. Ainda mais, ao longo das diferentes épocas da vida, de maneira que não deixamos de nos tornar conscientes e de ampliar, assim, nosso campo de consciência, conforme avançamos em idade.

Portanto, é a partir do inconsciente que se desenvolve a consciência. Durante o curso da vida, ela busca destacar-se dele e diferenciar-se por meio de uma lenta assimilação dos conteúdos inconscientes que se lhe apresentam. “O inconsciente é a mãe da consciência”,⁴ diz Jung. Além disso, existem, para ele, dois níveis de inconsciente. De um lado, o inconsciente pessoal, do outro, o inconsciente coletivo.

O inconsciente pessoal: a antecâmara do ego

É a camada mais superficial do inconsciente, é a de mais fácil acesso para a consciência e para o ego. É constituída de todos os conteúdos que têm uma ligação com a vida pessoal: lembranças escondidas, tudo o que foi reprimido, ou seja, eliminado de nossa consciência por razões diversas, as imagens que, desde a infância, construímos a respeito daqueles à nossa volta etc. Esse aspecto do inconsciente corresponde, aproximadamente, ao inconsciente definido por Freud. Entretanto, para Jung, se o recalque tem toda sua importância, ele “não é o único mecanismo intrapsíquico atuante”.⁵

O inconsciente coletivo e os arquétipos

Alguns anos após ter colocado a tese do incesto psíquico e dos conteúdos mitológicos que residem no inconsciente e produzem determinado tipo de imagens às quais chamou, no início, de “imagens primordiais”, Jung explicita a natureza desses conteúdos ao introduzir a noção de arquétipo.

Segundo Jung, o ser humano, “ao nascer, traz sistemas

organizados que são especificamente humanos e estão prontos para funcionar graças a milhões de anos de evolução humana”.⁶ Foi a essa camada profunda e primitiva do inconsciente que ele deu o nome de inconsciente coletivo. Está enraizada no corpo e corresponde à esfera instintiva, ou seja, a mais arcaica do indivíduo, aquilo que desde sempre fez com que o homem fosse homem. Ela conserva, em si, a memória ancestral de sua evolução.

O inconsciente coletivo não contém nada propriamente dito. Ele é constituído somente de “possibilidades”, de representações que são como “matrizes” *virtuais* que podem dar nascimento a comportamentos, imagens, ideias, emoções e a todo tipo de expressões que podem ser reconhecidas devido à intensidade muito particular.

Jung chama essas matrizes de *arquétipos*. São estruturas correspondentes aos esquemas de comportamento ligados aos instintos. Permitem agir ou reagir de maneira instintivamente adaptada, em toda situação de perigo externa ou interna, por exemplo. Os arquétipos são os “organizadores” do inconsciente. Correspondem às diferentes fases da evolução humana e criam sentido.

O arquétipo, em si, é uma forma vazia. Podemos perceber somente as produções às quais ele dá origem, em determinadas circunstâncias. São as *representações* ou as *imagens arquetípicas*. Essas produções arquetípicas se representam sob a forma de “motivos” que encontramos em mitos, contos e obras artísticas, bem como nos sonhos de todos ou nos delírios dos psicóticos. Como exemplos de arquétipos, podemos citar a Grande Mãe, o Velho Sábio, o Herói, o Andrógino, o Puer Aeternus, Deus etc.

Essas imagens são *impessoais*, uma vez que não têm nenhuma ligação com nossa vida pessoal, e *universais*, porque tais motivos se encontram em todo lugar no mundo e em todas as épocas. Ao mesmo tempo que têm a mesma significação de fundo, elas apresentam modificações em função do local, da cultura ou da época onde aparecem.

O Herói, por exemplo, ao mesmo tempo que tem as mesmas

características, não é representado da mesma maneira hoje como no início do século XX, na Idade Média ou na Antiguidade. James Bond ou o jogador de futebol considerado semideus pela multidão, Percival ou o valente cavaleiro que parte para Jerusalém no tempo das cruzadas e Ulisses, que, por meio de sua astúcia, sabe evitar todas as emboscadas, são todos “representações” do mesmo arquétipo em diferentes momentos da História.

Eles também não são representados igualmente nas Américas, na Europa, na África ou nos países asiáticos. Por exemplo, a Trindade cristã – o Pai, o Filho e o Espírito Santo –, representação tipicamente ocidental, e a Trimurti hindu – Brahma, Vishnu e Shiva. Trata-se do mesmo motivo, isto é, o deus único sob três diferentes aspectos, mas cada cultura representou o motivo de maneira específica, e ele penetrou tanto uma como outra, fecundando o imaginário coletivo e estruturando-o de modos muito diferentes.

As representações arquetípicas podem suprir a falta e assumir a função de estruturas de compensação nos casos de grandes déficits pessoais, permitindo a reestruturação da psique a partir do nível coletivo, e não mais pessoal.

A mãe de Emmanuelle faleceu quando ela nasceu. Ela não a conheceu. Por outro lado, desde sua infância, Emmanuelle desenvolveu verdadeira paixão pela Virgem Maria, a quem ela venera e em direção a quem se volta cada vez que precisa de um conselho, de um apoio. Para ela, significa sua sobrevivência. Foi o recurso que encontrou para preencher o lugar deixado vazio por quem ela nunca conheceu e o imenso vazio que sente desde sempre.

Na ausência de uma mãe pessoal, Emmanuelle, então, pediu a ajuda de uma mãe “arquetípica” que, em um plano simbólico, tem para ela o mesmo papel e desempenha a função materna, trazendo-lhe o conforto de que precisa.

Enquanto não forem reconhecidos pelo consciente e claramente diferenciados, os arquétipos contaminam-se uns aos outros e são projetados no exterior de maneira caricatural e abrupta. É assim, por exemplo, que nascem os “ídolos” de todo tipo, que são projeção das imagens arquetípicas indiferenciadas, como as de Deus e do Pai.

Certamente, não é por acaso que a cantora Madonna Louise

Veronica Ciccone, manteve Madonna como nome artístico. Na realidade, através de tal nome, em que o profano e o sagrado estão habilmente intrincados, Madonna tentou evidentemente suscitar a paixão de um determinado público, um público para o qual “mãe” no sentido de “mamãe”, divindade materna e Mãe de Deus superpõem-se e confundem-se, criando, assim, um efeito de fascinação extrema. Mas, provavelmente, também porque ela mesma se identifica com tal modelo indiferenciado, o que parece confirmado pelo fato de que chamou sua própria filha de Lourdes, um local de aparição da Virgem e de maior peregrinação dos católicos.

Por outro lado, toda figura arquetípica sempre tem dois polos, um positivo e um negativo: sua face luminosa e sua face sombria. Assim acontece, por exemplo, com o herói “salvador” e o herói “destrutor”, as boas fadas e as feiticeiras malvadas dos contos, os deuses e os gênios maus etc.

Fazer emergir novas possibilidades

Quanto aos conteúdos advindos do inconsciente coletivo, ele, com frequência, faz emergir em nós possibilidades novas, ainda desconhecidas por nós, nos momentos de transição da existência. Eles podem, ainda, dar outra densidade e sentido diferenciado e mais profundo aos conteúdos do inconsciente pessoal. Essa dimensão pode explicar por que, às vezes, é tão difícil compreender que nos encontremos em certas situações, e totalmente impotentes para sair delas. Algo de importante, cujo sentido ainda não percebemos, que nos escapa inteiramente, acontece apesar de nós.

Laure está em uma relação extremamente intensa e em grande dependência de sua psicanalista, muito além do simples apego com a mãe, já bastante analisado. Um dia, Laure escreve uma carta para a psicanalista, cujo consultório se encontra na Rua de Rennes. Entretanto, Laure endereça, sem perceber, à “Rua da Rainha”. Ao ver isso, sua psicanalista compreende, então, que, por detrás desse apego tão intenso que a paciente nutre a seu respeito, um arquétipo está agindo, irradiando sua relação com sua potência e dando-lhe um sabor sutil de sagrado.

A falha materna da qual Laure foi vítima deixou-lhe um vazio

psíquico imenso que só pôde ser preenchido por meio da transferência arquetípica de que ela precisava, ou seja, emprestando à analista aquilo que emerge nela, mas que ela ignora, e fazendo daquela uma mãe maravilhosa e todo-poderosa, uma rainha que a dará à luz psiquicamente de novo.

Assim, o que ela pede que sua analista encarne é uma energia extraordinária que, ao mesmo tempo, pertence a ela mesma e a ultrapassa totalmente. Uma vez que Laure tenha tomado consciência dessa nova energia, deverá conseguir reapropriar-se dela, pelo menos em parte, para utilizá-la por sua própria conta, e não mais para divinizar a psicanalista.

Em geral, isso é o que acontece em momentos de transição muito intensos e delicados, e nos quais a reapropriação, infelizmente, nem sempre é possível, porque essa energia potente é uma espécie de energia atômica. Ela pode mostrar-se tanto salvadora como destruidora, de acordo com a orientação que ela tomar ou o uso que façamos dela.

É nesses momentos de transição, que são etapas organizadoras e estruturantes do desenvolvimento psíquico, que podem se produzir as “conversões” de toda ordem, seja no nível do corpo, através da irrupção de uma doença grave, por exemplo, que vai necessariamente mudar algo em nosso modo de vida, ou de um ponto de vista espiritual, seja filosófico, religioso ou outro, que pode, ainda assim, mudar toda a orientação de uma vida.

Um mergulho nas profundezas e na complexidade

O importante na análise junguiana, portanto, não é perseguir o que poderíamos ter recalcado de nossos desejos infantis, pois, como acabamos de ver, o que estaríamos tentados a chamar de “infantil” é, por vezes, de natureza bem diferente daquilo que nos vem da infância. Trata-se, antes, de identificar o que em nós ainda não nasceu ou que não pode ainda se destacar e diferenciar da “inconsciência original”.

Portanto, não é nem o passado nem a lembrança que vai predominar na análise junguiana. Jung tinha o hábito de dizer

que somente os mortos podem ser explicados em termos do passado e que a vida não era somente feita de ontem, mas era necessário acrescentar o hoje e o amanhã... Trata-se mais de se confrontar com o presente e de desenvolver nosso potencial e o “devenir” da personalidade. O vir a ser daquele ou daquela que dorme em cada um de nós e que só poderá acontecer por meio da lenta descida ao interior de si, às camadas mais profundas do inconsciente, onde estão escondidos os tesouros ainda inexplorados de cada um.

Entretanto, é importante precisar que o inconsciente coletivo não é nem um inconsciente grupal nem um inconsciente étnico, nem, como alguns imaginam, um reservatório de imagens que teríamos “herdado”. Com efeito, nos diz Jung, ele contém a memória humana das origens, que nos coloca em relação com a experiência dos homens desde o início da humanidade, mas somente *no sentido virtual*.

Assim como quando estamos diante da tela de um computador, um clique no local adequado é necessário para que uma imagem ou uma emoção de natureza arquetípica apareça, isto é, para que se possa “representar”. Sem isso, ela permanecerá para sempre no estado de virtualidade, “adormecida” e ausente de nossa “tela”, quer dizer, fora de nossa consciência e sem que esta possa jamais captá-la.

Esse clique pode ser um encontro, um choque, um acontecimento específico da vida que permita a manifestação repentina dessas representações que podem tanto ser de ordem emocional, somática, pictural, onírica ou de outro tipo. Pois, para chegar até nossa consciência e tornar-se acessível para nós, um arquétipo precisa de um apoio na realidade. Ele precisa, antes de qualquer coisa, poder aparecer e encarnar, seja em um acontecimento, seja em uma pessoa. Foi o que fez Laure na transferência com sua analista. Mas vamos apreciar, com outro exemplo, a belíssima descrição que Fernando Pessoa faz de seu encontro com uma mulher:

Caí de amores por ela logo que a vi. Perdi minha alma por ela a partir do momento em que lhe dirigi a palavra. Seus olhos, tais como um fogo sobre meu transtorno,

mergulharam sua chama até o mais profundo do adormecido de meu ser.⁷

É bem assim que acontece o encontro com um arquétipo, um encontro que nos mergulha repentinamente até o “adormecido” de nosso ser. Um encontro que, no ardor, na paixão ou no terror, suscita repentinamente a animação dessas representações eternas advindas do mundo dos arquétipos, a que Jung chama de inconsciente coletivo.

Capítulo 4

O SONHO: UMA REALIDADE INTERIOR

*Como toda planta produz flores, a psique cria símbolos.
Todo sonho dá testemunho desse processo.¹*

Uma via real

Para Jung, assim como para Freud, o sonho é a “via real” que permite o acesso ao inconsciente. Entretanto, eles têm pontos de vista muito diferentes sobre a maneira de compreender e interpretar sonhos; essa é uma das divergências mais importantes entre as duas teorias.

Se Freud teve o mérito e a audácia, em sua época, de trazer para o nível científico o que até então era considerado pela ciência como muito pouco digno de interesse, a maneira com a qual ele trata o sonho parece, contudo, muito redutora aos olhos de Jung.

Com efeito, Freud considera o sonho a realização de um desejo proibido que é, por isso mesmo, reprimido e jogado no inconsciente. A partir daí, ele deduz que, quando tal desejo ressurge na superfície da consciência, ele o faz de maneira distorcida. Freud atribui, então, ao sonho, a *intenção* de esconder o seu conteúdo verdadeiro.

Jung contesta essa abordagem do sonho, que ele considera ao mesmo tempo antropomórfica e redutora demais. Ela não corresponde nem à sua ideia do inconsciente nem às suas observações clínicas, pois, para ele, como vimos, o inconsciente encontra-se “em outro grau de complexidade”.

Ao contrário de Freud, Jung afirma que o sonho “representa a realidade interior tal como ela é, e não como eu suponho ou desejo que ela seja”.² Não somente o sonho não tenta nos enganar, mas, além disso, ele constitui um fenômeno imaginativo, um “produto da atividade imaginativa do inconsciente”,³ que faz emergir

imagens novas que, apesar de não percebermos seu sentido de imediato, não tentam esconder nada, mas, ao contrário, buscam *desvelar* aquilo que nos é ainda totalmente desconhecido. Essa é a razão pela qual Jung se opôs à associação “livre” – dizer tudo que passa por nossa mente – para compreender o sonho, tal qual Freud propunha, porque queria apreender o sonho “em si mesmo”, quer dizer, ver as imagens do sonho como uma realidade desconhecida pela consciência.

Do mesmo modo, ele foi levado muito cedo a supor que os sonhos poderiam conter outras mensagens além de símbolos sexuais. Ele cita, por exemplo, um homem que sonhava que introduzia uma chave em uma fechadura, ou que manejava um bastão pesado, ou, ainda, que arromba uma porta com um pesado esporão. Cada um desses símbolos pode ser considerado um símbolo sexual. Entretanto, ele conclui:

Mas o fato de que o inconsciente tenha escolhido uma dessas três imagens em lugar das duas outras também tem grande importância e implica uma intenção. O problema real é compreender por que a chave foi preferida a um bastão ou o bastão ao esporão. E, algumas vezes, somos levados a descobrir, assim, que não era de modo algum o ato sexual que era indicado dessa maneira, e sim toda uma situação psicológica diversa.⁴

A atividade compensadora do sonho

O consciente e o inconsciente não são considerados de maneira independente entre si. Devem sempre ser considerados em uma relação de reciprocidade. Assim, para Jung, o que se exprime através dos sonhos tem, entre outras, a função de “compensar” a atitude consciente. Nesse sentido, o sonho pode eventualmente ser a realização de um desejo reprimido, como postula Freud, mas o que Jung propõe tem outro alcance, pois ele considera esse fenômeno essencialmente em sentido dinâmico, quer dizer, como “autorregulação” natural do psiquismo. Portanto, para ele, importa menos a causa do sonho do que seu objetivo; menos o que ele quer dizer do que o que ele quer de nós neste exato momento.

Assim, em relação a uma atitude consciente que exige muito das capacidades reais do ego, porque demasiadamente orientada a uma única direção, corresponderá uma atitude inconsciente

“compensadora”. Ela virá naturalmente regular o desequilíbrio energético criado em decorrência disso, enfatizando a necessidade de mudar alguma coisa em nossa atitude consciente do momento.

Daniel chega ao consultório de sua psicanalista para sua primeira sessão, após ter feito uma longa análise com um terapeuta anterior, que não está mais trabalhando, mas que ele considera um “grande psicanalista”. Ele decide iniciar outra terapia porque, apesar dos numerosos anos de análise, ainda sente um grande mal-estar, tanto em sua vida privada quanto no meio profissional.

Ele é atormentado por numerosos sonhos muito angustiantes, todos mais ou menos semelhantes: ou ele está em um avião que aterrissa em catástrofe da qual ele consegue escapar ileso por pouco, ou ele está no topo do Everest ou de uma montanha qualquer e escorrega perigosamente para baixo, ou, ainda, ele fica bloqueado em uma nuvem de onde não sabe como descer e corre o risco de cair, a todo momento, ao se inclinar para olhar para baixo... Por que esse tipo de sonho recorrente? O que eles estão compensando?

Daniel, então, revela para sua nova analista que desde o fim de sua terapia anterior ele alimenta a ideia, sugerida, aliás, pelo terapeuta anterior, de abandonar o trabalho que realiza atualmente como funcionário em uma empresa internacional para tornar-se psicanalista, sem conseguir dar tal passo. Daniel pensa nessa mudança profissional há muito tempo... No entanto, a situação está estagnada. Seu mal-estar está cada vez maior, a ponto de tornar-se insuportável, principalmente depois de ser atormentado por esse tipo de sonho.

Quando sua terapeuta pergunta quanto eram os honorários de seu terapeuta anterior, fica estupefata de ouvir uma soma que era mais do que o dobro do que ela cobrava habitualmente. Confusa e perplexa, ela tinha, na ocasião, fixado um preço por sessão que, mesmo sendo ligeiramente superior à sua grade de tarifas – para que Daniel não tivesse a impressão de fazer um trabalho “de ninharia” com ela – estava muito distante do preço cobrado por esse “grande psicanalista”.

Devido à inflação de seu analista precedente, que se considerava um “grande psicanalista”, o homem estava, ele também, em inflação, quer dizer, em posição simultaneamente imaginária e alta em demasia, que não correspondia a sua situação interior. Ele estava “ao lado”, ou melhor, “acima” dele mesmo, tomado ao mesmo tempo por um conflito de fidelidade com relação ao analista anterior, que lhe tinha dito que ele deveria tornar-se analista, e um desejo de identificação com ele: o devenir, sim, mas “como ele”. Era-lhe necessário, então, descer dessas “alturas” às quais ele havia sido impulsionado apesar dele, descer novamente à terra, a sua própria realidade. Mas podemos ver nas imagens de seus sonhos como isso era difícil para ele, pois, a cada tentativa, ele se colocava em perigo. Isso criava uma necessidade ainda maior.

Após alguns meses, Daniel compreendeu o que acontecia e pôde, enfim, abandonar a ideia ilusória de ser psicanalista para consagrar-se de maneira mais séria a seu próprio trabalho, no qual se destacava, e a sua família, na qual, após vários anos, ele ainda não tinha conseguido ocupar o lugar merecido para envolver-se como esposo e pai.

O símbolo

Um símbolo é a forma que toma um arquétipo para se representar. É a expressão do que ainda é desconhecido e incompreensível e ultrapassa toda interpretação concebível. A expressão do que ainda é *indizível*. Essa é a razão pela qual os símbolos não podem ser objeto de nenhuma interpretação *a priori*, e que todo dicionário de símbolos é, em si, um contrassenso. Um símbolo só permanece vivo enquanto estiver “preenche de significação”.⁵ Se ele chegar a indicar algo conhecido, ele morre e deixa de ser, então, um símbolo para se tornar um sinal.

Trata-se aqui de um aspecto fundamental da atitude junguiana perante a imagem e, portanto, mais especificamente, perante o sonho: a atitude de aceitar que não se sabe e não se compreende, quer dizer, de não “reduzir” o que emerge do inconsciente ao “já conhecido”, de não “ revesti-lo ” com nenhum tipo de interpretação. Trata-se da atitude que se destina a manter em si a emoção que nasce dessa produção original do inconsciente e para “carregá-la”, como nos referimos à mulher grávida que “carrega” uma criança, aceitando esperar que amadureça o que a emoção tenta fazer nascer *em nós e de nós*.

Philippe sonha que está sobre um dique no qual ele tem vertigem. De um lado, está o mar revolto; do outro, sua aldeia natal, calma, tranquila, onde ele vê uma criança que vem em sua direção, o que o inquieta e emociona.

Philippe se encontra em um momento profissional crítico difícil de assumir. Na realidade, ele hesita em pedir demissão de seu trabalho porque teme abandonar a vida frenética que leva, que o excita enormemente e esgota ao mesmo tempo, e coloca sua saúde em perigo. O sonho mostra que ele deve descer da posição perigosa de desequilíbrio na qual se encontra. De um lado, o mar furioso e os grandes horizontes que se abrem para ele; do outro, a intimidade e a calma de sua aldeia natal convidam-no a se acomodar.

Seria grande a tentação de interpretar essa aldeia natal e essa pequena criança, com cinco anos de idade – o número exato de anos de análise que ele fez – como um retorno ao passado, um retorno ao seio materno e, portanto, a um desejo do tipo incestuoso. Entretanto, não se trata disso. Ao contrário, é para esse lado que Philippe deve voltar-se, em direção a uma vida mais calma, mais protegida, mais simples também, na qual essa criança o espera. Mas ela não é a criança edipiana que não pode abandonar a mãe. Trata-se, ao contrário, de um “vir a ser” que nasceu com a análise. Um vir a ser que ele deve carregar até a maturação, o que só pode ser feito na aldeia natal, quer dizer, em maior calma, simplicidade, intimidade, introversão. Outra maneira de viver apresenta-se, assim, para Philippe.

A partir de tal ótica, o sonho pode também, por vezes, apresentar função prospectiva, ou seja, dirigida a um objetivo. A função prospectiva do sonho apresenta-se como uma antecipação, através do inconsciente, da atividade consciente futura do sujeito, e seu conteúdo simbólico pode, na ocasião, conter a solução de um conflito.⁶

Todavia, mesmo que para Jung a função prospectiva constitua um dos aspectos importantes do sonho, ele adverte contra a tentação de superestimá-lo e ver nele, com rapidez excessiva, um conhecimento misterioso do inconsciente dotado de uma sabedoria superior, como se fazia na Antiguidade, por exemplo, ou como se o sonho viesse de “outro mundo”.

Capítulo 5

DEIXAR ACONTECER

*Pratique o não agir
Tudo permanecerá em ordem.¹*

A imagem

Para nomear a imagem, Jung não emprega nenhuma das três palavras utilizadas por Freud em alemão.² O termo *Anschauung*, que é utilizado por ele, tem sentido bem específico e intraduzível na língua francesa. Entretanto, para compreender bem Jung e sua relação com a imagem, ou seja, com os conteúdos do inconsciente, é importante conhecer seu sentido exato, pois exprime, por si só, sua maneira muito particular de entrar em relação com o inconsciente.

Essa palavra vem do verbo *anschauen*, que significa “olhar atentamente”, de maneira a “conceber” uma ideia do que se vê. Quer dizer que aquilo para o qual olhamos assim deve nos “engendrar”, nos fecundar, fazer nascer em nós alguma coisa.

Daí a ideia cara a Jung de que as imagens advindas do inconsciente, presentes em sonhos, fantasias ou visões, não somente não nos enganam, mas nos fecundam em sentido simbólico, que exige ser “acolhido” na mais simples expressão, inteiramente e somente pelo que é.

Essa atitude, como vimos, é oposta à de Freud, para quem importa mais “interpretar” as imagens do que acolhê-las tais como são, sem lhes emprestar uma “intenção” oculta. Jung, por sua vez, convida o ego a abdicar da condução, a aceitar o fato de não dirigir, permanecendo, entretanto, inteiramente presente e em escuta atenta do que se apresenta, estando também aberto à emoção que as imagens suscitam em nós.

Dialogar com o inconsciente

A experiência de Jung

Foi após sua ruptura com Freud, em 1913, na depressão e no sofrimento, que Jung verdadeiramente aprendeu a permanecer na escuta de seu inconsciente e começou a entrar em contato com o que estava no mais profundo dele mesmo, e que, mesmo desconhecido, exigiu ser vivido em tempos de grandes perturbações, tanto interiores como exteriores, já que era o momento no qual se preparava a Primeira Guerra Mundial e o mundo entrava em grande desordem.

A partir daí e durante muitos anos, Jung viveu em luta contra uma torrente de imagens que o cobriam. Ele soube tirar partido disso ao instaurar um diálogo com elas. E foi do confronto e desse diálogo com as imagens do inconsciente que nasceram todos os seus grandes conceitos, ou seja, mais uma vez, de sua própria experiência. Seu *Livro Vermelho*,³ coletânea de sonhos, fantasias e visões que teve entre 1914 e 1930, é um testemunho tocante, assim como o capítulo “Confronto com o inconsciente”, que ele consagrou a esse período em suas memórias.⁴

A imaginação ativa

A imaginação ativa é o que permite entrar em comunicação e em discussão com os conteúdos opostos ao consciente que vêm contrariar nossa ação consciente. Eis o que Jung diz em suas memórias sobre aquele momento capital de sua vida, no qual ele “descobre” o método:

Foi no ano de 1913 que decidi tentar o passo decisivo – no dia 12 de dezembro. Sentado em meu escritório, considerei, mais uma vez, os temores que sentia. Depois, abandonei-me à queda. O solo pareceu ceder a meus pés e fui como que precipitado numa profundidade obscura. Não pude evitar um sentimento de pânico. Mas, de repente, sem que ainda tivesse atingido grande profundidade, encontrei-me – com grande alívio – de pé, numa massa mole e viscosa. A escuridão era quase total; pouco a pouco, meus olhos habituaram-se a ela, que parecia um crepúsculo sombrio. Diante de mim estava a entrada de uma caverna obscura; um anão ali permanecia de pé. Parecia feito de couro, como se estivesse mumificado. Tive de esgueirar-me, quase roçando nele, a fim de entrar pela passagem estreita, e fui patinando, a água gelada alcançando meus joelhos, até o outro lado da caverna. Percebi, então, que, numa saliência da rocha, cintilava um cristal vermelho. Ergui a pedra e embaixo dela havia um espaço vazio. A princípio, nada distingui nele; depois, percebi, no fundo, um curso d'água. Passou um cadáver flutuando na corrente: era um adolescente de cabelos loiros ferido na cabeça. Seguia-o um enorme escaravelho negro e, então,

surgiu, do fundo das águas, um rubro sol nascente. Ofuscado pela luz, tentei repor a pedra no orifício, mas, nesse momento, um líquido fez pressão e escoou através da brecha. Era sangue! Um jato espesso jorrou e senti náusea. Tive a impressão de que isso se prolongava intoleravelmente. Afinal, o jato de sangue estancou, terminando a visão.

Sem que ele soubesse ou que a tenha chamado como tal, essa foi a primeira imaginação ativa que Jung realizou. Como vemos facilmente com esse relato, não se trata de um jogo, mas, ao contrário, de algo muito sério que aborda questões fundamentais e existenciais, e que coloca, ao mesmo tempo, a questão do inconsciente e da maneira como podemos confrontá-lo “na prática”. Mas apresenta, antes de tudo, a “questão do sentido”.

O objetivo da imaginação ativa é, então, entrar em contato com o inconsciente para que ele possa expressar-se e venha fertilizar nosso consciente. Entrar em contato com o inconsciente significa dar-lhe livremente a palavra e permitir a união dos conteúdos conscientes e inconscientes, ou seja, permitir a “união dos opostos” que, segundo Jung, o “tornar-se consciente” exige.

Não se trata, de maneira alguma, de “produzir” imagens nem de uma busca intelectual ou estética, mas de compreender e escutar o que elas nos pedem para “realizar na vida... Porque é isso que negligenciamos com mais frequência”,⁵ diz Jung. Temos, portanto, “responsabilidade ética” com relação às imagens que nos forcem a mudar “em nossa vida real” com o objetivo de nos conduzir em direção a uma situação nova, até então totalmente desconhecida, de nossa consciência. A falha nessa responsabilidade atrai efeitos negativos e destrutivos do inconsciente, mas, ao mesmo tempo, “priva a existência de sua totalidade”.⁶

Isso porque a “totalidade”, quer dizer, a união do consciente com o inconsciente, conduz necessariamente a uma situação nova, a um “terceiro termo” que transforma nosso olhar sobre a vida e nossa relação com o mundo, o que lhe dá sentido.

Seis dias depois da primeira imaginação que se impôs a Jung, ele teve um sonho determinante: o sonho de Siegfried.

Armado de fuzil e escondido em emboscada com um companheiro de pele escura, ao raiar do dia, Jung mata um adolescente loiro que chega resplandecente e triunfante,

descendo em louca disparada pelo flanco rochoso, num carro feito de ossos. Ele fica cheio de remorso e de culpa por ter matado alguém tão grandioso e tão belo, e pergunta-se como poderia apagar os rastros de tal crime, quando uma chuva abundante desaba e faz desaparecer os vestígios do atentado. Ele se sente, então, aliviado.

O sonho despertou Jung, e ele não conseguiu compreender o que queria dizer. Tentou voltar a dormir, mas uma voz se fez ouvir: “É preciso compreender o sonho, e rápido”. Ele não tinha muita vontade de fazê-lo e ia voltar a dormir, quando, repentinamente, a voz diz novamente: “Se você não compreender o sonho, deverá dar um tiro na cabeça”.

Como Jung tinha um revólver carregado próximo a seu leito, ficou com receio. Começou, então, a refletir de maneira séria sobre o sonho e, aos poucos, seu sentido começou a aparecer. Seus diferentes momentos impuseram-se a Jung e obrigaram-no, apesar de suas fortes reticências, a confrontar o que emergia assim de seu inconsciente, com tanta força. A voz que o impedira de dormir novamente e lhe ordenara que fizesse algo vinha de encontro a seu desejo consciente, deixando claro que se tratava de questão de vida ou morte.

Ele foi colocado, então, diante da obrigação de compreender que o adolescente em questão era Siegfried, um personagem importante da mitologia alemã, e que correspondia ao desejo de impor, de maneira heroica, sua própria vontade, como havia feito até então, tanto no meio profissional como no ambiente familiar e entre amigos.

Ele compreendeu que, a partir de então, essa atitude não lhe corresponderia mais, pois era necessário que Siegfried morresse. Era exatamente o que lhe tinha aparecido alguns dias antes em sua imaginação, quando viu passar o cadáver de um adolescente loiro, o que foi dito com mais precisão em seu sonho, no qual ele mesmo organizava “deliberadamente” o assassinato. Era uma mensagem forte do inconsciente, que fazia todo sentido para Jung naquele exato momento de sua vida.

Mas o que fazer com tal mensagem? Considerá-la uma simples imagem e continuar a viver como se não passasse de pura quimera? Que conclusão que tirasse disso poderia permitir-lhe

dar outra direção, outro sentido a sua vida?

Jung considerou que seria necessário levar muito a sério tal mensagem e procurou tirar lições que se impuseram a respeito dela. Aquele foi um momento decisivo de mudança em sua vida. Ele concluiu que era necessário realmente “matar o jovem herói”, ou seja, que era necessário renunciar deliberadamente, e em termos práticos, à atitude que faz com que o ego seja todo-poderoso e decida acerca de tudo, sem consideração pelo que está a sua volta. Que o ego é ignorante sobre o que é dito no interior da psique que contraria e faz oposição a seus projetos conscientes, isto é, sem consideração pela outra parte dele mesmo, que permanece inconsciente e ignorada.

Jung tinha trinta e oito anos. A partir desse momento, colocando em prática o que seu inconsciente exigia, pediu demissão da universidade onde tinha um cargo importante, da presidência da Associação Internacional de Psicanálise e da redação do *Jarhbuch*. Em seguida, deixou o hospital em que era chefe da clínica, para consagrar-se unicamente a seus trabalhos e pesquisas sobre os processos inconscientes.

Como vimos, Jung acredita que tenhamos uma responsabilidade ética com relação às imagens do inconsciente. Por essa razão, é da maior importância encontrar seu sentido e realizar, quer dizer, “tornar real”, aquilo que quer viver no mais profundo de nós, a fim de não permanecer “fragmentos” de ser.

É a partir desse ponto que a obra de Jung começa verdadeiramente, e suas pesquisas sobre o processo inconsciente duram até sua morte, em 1961, com a idade de oitenta e seis anos.

Um auxiliar terapêutico

Se, na realidade, o método não deve ser colocado em todas as mãos, ele constitui, por outro lado, excelente auxiliar para o psicoterapeuta, que pode fazer uso dele para ajudar o paciente a superar certos conteúdos inconscientes recorrentes do tipo fóbico ou obsessivo, por exemplo.

Émilie era uma jovem que havia muito tempo tinha sonhos recorrentes com aranhas: grandes, pequenas, peludas, monstruosas etc. Aliás, ela sofria também de

verdadeira fobia de aranhas, que a angustiava a partir do momento em que avistava uma. Como ela morava em uma casa que tinha jardim, com certeza havia aranhas a sua volta com frequência. Tanto nos sonhos como na realidade, cada vez que um desses pequenos seres aparecia, ela o esmagava com violência, com uma mistura de pavor e alegria. Esse comportamento, até então, tinha resistido a todo tipo de interpretação.

Um dia, quando, pela enésima vez, Émilie contava um sonho em que uma aranha estava em sua cozinha sobre a borda da pia e ela se preparava de novo para esmagá-la freneticamente, sua terapeuta a interrompeu e disse: “Não, não a esmague, deixe-a seguir seu caminho e pergunte-lhe por que está aí e para onde vai”. Émilie ficou surpresa com essa intervenção inabitual. Entretanto, e não sem hesitação, aceitou receosa a proposta.

Então, a aranha que, como sempre, havia sido descrita como grande, peluda e horrível tornou-se uma aranha de proporções normais, mais fina e “simpática”, que, dirigindo-se a ela, disse, ao seguir tranquilamente seu caminho em direção à janela: “Vou para o jardim tecer uma teia para aprisionar os pulgões que impedem as rosas de crescerem”.

Ela ficou surpresa e totalmente transtornada com a resposta que se impôs a ela, e pôs-se a chorar longamente. Pela primeira vez, ela compreendeu realmente que sua fixação fóbica nas aranhas correspondia, de fato, à recusa do inconsciente que, para ela, estava identificado com uma mãe negativa e perigosa. Recusa que, paradoxalmente e pela mesma circunstância, a mantinha fechada na prisão materna como uma criança aterrorizada. Ela compreendeu, também, que tal recusa a isolava de outro aspecto do inconsciente, positivo e reparador, que trabalhava em silêncio para que ela saísse de seus medos infantis, que crescesse e se abrisse para a vida – para que suas rosas pudessem florescer.

Visualizar e confrontar

Essa maneira de tratar a imagem como realidade é uma das particularidades de Jung, isto é, deixar subir do inconsciente as imagens que se apresentam à consciência, mantendo, ao mesmo tempo, o mental no plano de fundo, ou seja, sem *a priori* e sem interpretação defensiva. Não se trata de racionalização, mas sim de simples visualização.

Uma vez na presença das imagens, Jung preconiza que “olhemos para elas com atenção” e, em seguida, as “confrontemos”, como ele mesmo fez durante toda sua vida e, mais particularmente, no período de sua depressão. Daí depreendemos os três verbos⁷ que articulam a maneira com a qual a relação entre o consciente e o inconsciente é considerada por Jung:

- deixar acontecer (*Geschehenlassen*);
- considerar/fecundar (*Betrachten*);

•confrontar-se com (*Sich auseinandersetzen*).

Trata-se, assim, de um verdadeiro “diálogo” que acontece entre o consciente e o inconsciente, o mesmo que encontramos no trabalho com o sonho e, portanto, na análise junguiana.

Para Jung, as imagens são substâncias ativas que vêm para significar para o consciente alguma coisa que ainda lhe é desconhecida e dar sentido para a situação do momento. Trata-se, portanto, menos de uma “tomada” de consciência do que de um “acontecer” para o consciente. A imagem, enquanto forma que toma a libido, é o princípio ativo que permite a transformação da personalidade.

Capítulo 6

TORNAR-SE CONSCIENTE

*Antes de tudo, eu sou médico, psicoterapeuta de profissão;
todas as minhas constatações psicológicas são fruto de experiências
feitas ao longo do duro labor profissional quotidiano.¹*

A maneira com a qual Jung procede é, antes de tudo, experimental, e seus conceitos não são entidades abstratas e rígidas. Ao contrário, estão em evolução constante ao longo de toda sua obra. Ele não tinha, absolutamente, nenhum receio de se contradizer, retomando conceitos conforme seu pensamento progredia. Essa circularidade é um dos aspectos que torna tão difícil o acesso a seu pensamento e contribui, em grande parte, para sua rejeição nos meios universitários franceses.

O pensamento de Jung é um pensamento em movimento nutrido de sua vasta cultura linguística adquirida desde a mais tenra idade: alemão, francês, inglês, latim, grego, sânscrito etc. Nutrida, também, de paralelos e aferências com as diferentes culturas e civilizações com as quais esteve próximo, tanto por sua posição geográfica de origem – na fronteira – quanto por suas numerosas viagens como antropólogo do inconsciente entre os índios dos Estados Unidos, no Magreb, na África negra, na Índia etc.

As ideias que ele enuncia não são, portanto, nem dogmas nem abstrações, pois Jung se apoia, antes de tudo, sobre a experiência. Todas as suas noções são fruto de longa observação junto a seus pacientes ou, como veremos, daquilo que ele mesmo pôde viver e compreender em determinados momentos-chave de sua vida, arriscando, por vezes, seu próprio equilíbrio pessoal.²

A relação entre o ego e o inconsciente

Como vimos, o consciente não tem como função única rejeitar

ou banir ao inconsciente o que não lhe convém. Ele também está aí – e para Jung talvez “principalmente” – para colher os conteúdos que, das profundezas do inconsciente, vêm regularmente bater a sua porta, esperando ser acolhidos e, aí, encontrar o local apropriado que lhes pertence, pois “existe sempre uma parte de nossa personalidade ainda inconsciente e por acontecer”.³

Assim, o papel da consciência é, antes de tudo, o de ampliar seu campo para desenvolver a personalidade em sua globalidade, em sua “inteireza”, diz Jung. Isso se faz tornando consciente os conteúdos do inconsciente que, antes de serem reconhecidos como pertencentes a nós, são sempre “projetados” no exterior, seja sobre outra pessoa, seja sobre uma situação.

Há 15 anos, desde que começou a trabalhar, Hervé sempre se vê confrontado com superiores hierárquicos que, segundo ele diz, não o compreendem e o maltratam. “Todos idiotas”, acrescenta ele. Após algum tempo num novo cargo, é sempre o mesmo cenário que se desenrola. No início, ele está em relação de sedução e de submissão com seu chefe. Depois, pouco a pouco, a relação se transforma, e ele se torna opositor e agressivo. Enfim, ele entra em uma rivalidade aberta e é guerra até o embate final, em que ele deixa a empresa, de preferência tendo se arranjado antes para esmagar o seu “dominador”.

Hervé não percebe nem que se trata do mesmo cenário cada vez, nem que reproduz, com fidelidade desconcertante, o problema que teve com seu pai durante sua adolescência. Problema que terminou com uma briga com ele, após a qual ele partiu.

De fato, como na adolescência, falta a Hervé confiança em si mesmo. Por essa razão, ele não consegue se impor de outra maneira além de por meio da agressividade e da violência, ou mesmo pelo desprezo do outro. É disso que ele acusa seus chefes de fazerem com relação a ele, sem nunca perceber que se trata de seu próprio problema. Quer dizer, ele projeta em seus “superiores” e lhes faz agir de acordo com o que ele mesmo não consegue reconhecer em seu próprio sentimento de “inferioridade”.

O reconhecimento e a reapropriação do que projetamos no exterior, sobre o outro e sobre o mundo, permitem, ao mesmo tempo, o autoconhecimento e o conhecimento do outro e fazem com que consigamos nos situar de maneira mais adequada em “nossa” realidade e “na” realidade. Esse é um dos principais objetivos da análise junguiana.

O papel da consciência é importante, porque ela é a parceira privilegiada do inconsciente no diálogo ininterrupto que eles devem manter entre si, de início por razões de higiene, tanto psíquica como mental, mas também visando a evolução pessoal.

Entretanto, não há consciência sem sujeito, quer dizer, sem um *ego* que seja seu centro. Um *ego* capaz de “avaliar” a situação e posicionar-se nesse diálogo que toma, com frequência, o aspecto de um confronto de opostos, no sentido de restabelecer um melhor equilíbrio de forças presentes.

O *ego*, no entanto, não é o centro da “personalidade total” que, para Jung, é, ao mesmo tempo, consciente e inconsciente. Ele não passa do centro do campo da consciência, “uma parcela de consciência que flutua sobre um oceano de coisas obscuras”.⁴ O centro da personalidade global é uma instância “hipotética” e “virtual” que mantém juntos os opostos conscientes e inconscientes, enquanto permite seu encontro e união. Jung chama-o de *Self*.

O ego e seus fantasmas: os complexos

Para explicar o funcionamento do psiquismo, Jung não se refere a uma pressuposta “normalidade” que estaria idealmente isenta de toda e qualquer disfunção. Foi, paradoxalmente, a partir da observação dos doentes mentais que ele considerou esse funcionamento, e sobretudo em termos de “equilíbrio energético” mais do que de normalidade.

No hospital Burghölzli, onde foi médico residente e depois médico-responsável durante quase dez anos, Jung testou ampla gama de pessoas vindas de todos os horizontes: homens, mulheres, crianças, casais, famílias, irmãos, pessoas da cidade e do campo, cultos e analfabetos. Graças a seu teste de associação de palavras, concebido inicialmente para os doentes esquizofrênicos, que passou muito rapidamente a ser aplicado a todos, inclusive a seus parentes, ele percebe que a fronteira entre o normal e o patológico pode ser bastante flutuante, e que é mais a *intensidade* de alguns fenômenos psíquicos naturais do que sua presença que faz a diferença e permite o equilíbrio.

Inspirando-se nos trabalhos de Janet, com quem, como vimos, estudou em Paris, e de Morton Prince,⁵ Jung observou que a consciência tem tendência natural para se dissociar sem que, no

entanto, isso seja anormal ou patológico. Essa *dissociação* acontece sob o efeito de conteúdos psíquicos que, após um choque emocional ou um trauma, foram rejeitados para o inconsciente, onde levam existência *autônoma*, que pode se mostrar mais ou menos perturbadora para o ego. Jung as chama de “complexos afetivos”.

São eles que, retornando à superfície sob uma forma “personificada” estão na origem do delírio do psicótico, das vozes que ouve, dos reis e princesas que encontra durante seus passeios, dos fantasmas que vê desfilar em seu quarto durante a noite. Mas, diz Jung, essas coisas que parecem absurdas “existem de fato no coração de todos os seres humanos. Portanto, nós não descobrimos no doente mental nada de novo nem de desconhecido, mas sim o substrato de nossa própria natureza, a matriz dos problemas vitais com os quais nós somos todos confrontados”.⁶

Quando era pequeno, Thomas vivia alternadamente nas casas de sua mãe e de seu pai, que era um engenheiro que tinha explicações racionais sobre tudo. Mas, algumas noites, esse homem não conseguia dormir porque, estranhamente, chorava e gemia em seu leito. Às vezes, acontecia de ele acordar o filho, chamando-o para a cabeceira de seu leito.

Não somente Thomas ficava aterrorizado por ver seu pai em tal estado, mas, como não compreendia o que estava acontecendo, ele se sentia terrivelmente culpado, pois pensava que, se o pai estava assim, era por culpa dele, que não teria feito algo que deveria. Ele se sentia responsável pelo sofrimento do pai e imaginava que deveria reparar aquilo que, ao mesmo tempo, fazia com que se sentisse totalmente impotente, por não ter nenhuma ideia do que deveria ser feito.

Thomas atualmente ensina bioquímica na universidade. É um cientista bem informado e bastante competente na matéria. Entretanto, quando precisa dar aulas, por vezes, acontece de ser literalmente tomado pelo pânico, em especial quando seus alunos são adultos que estão lá para fazer uma readaptação profissional.

Nesses momentos, Thomas começa repentinamente a duvidar de si, angustia-se, acorda no meio da noite, fala muito rápido durante suas aulas. Mas, principalmente, ele tem a impressão de que lhe cabe gerir “todas” as dificuldades que seus alunos encontram e resolver “todos” os problemas deles, o que ele sente como uma tarefa absolutamente insuperável que o sobrecarrega ainda mais.

Assim como em sua infância, nesses momentos, Thomas é “revisitado” pela relação traumática que teve com seu pai. É seu complexo paterno, um complexo autônomo, que, afastado de sua consciência, atua, em seu inconsciente, semelhante a um elétron livre. Quando, de repente, ele volta novamente à superfície, em determinados momentos-chave, perturba sua vida consciente, remetendo-o ao mesmo estado de pânico e à mesma sensação de impotência do menininho que foi.

Podemos dizer o mesmo sobre Hervé, de quem vimos o exemplo

anteriormente (veja capítulo 4, página 45). Ele também é regularmente revisitado e perturbado por seu “complexo paterno”.

Os mesmos conteúdos habitam o esquizofrênico e o neurótico e perturbam seu psiquismo. Mas, no primeiro, a forte investida dos complexos cria um desequilíbrio tal que faz com que o ego exploda, e desapareça seu sentimento de coesão; no segundo, o ego conserva o controle da consciência, pelo menos em parte, em diferentes graus. “Quanto maior o campo de consciência de um ser limitado, mais seus conteúdos psíquicos... parecerão... exteriores a ele.”⁷

Freud só utiliza a palavra complexo em referência ao complexo de Édipo ou à castração, mas, para Jung, “todo acontecimento afetivo se transforma em complexo”,⁸ tanto que os complexos que nos perturbam podem ser multiplicados: paterno, materno, fraterno, de inferioridade, de poder etc.

Capítulo 7

NOSSA EQUAÇÃO PESSOAL

*Existe uma equação pessoal em psicologia,
assim como na psicofisiologia.¹*

Jung tinha observado o local diferente que ocupava o mundo exterior para os doentes histéricos e esquizofrênicos. Ele começou, então, a generalizar essas observações com o objetivo de permitir melhor compreensão das reações e atitudes dos indivíduos perante si mesmos, por um lado, e, por outro, em sua relação com os outros. Visava, ainda, melhor compreender as diversas formas de pensamentos, crenças ou opiniões que podem existir, sem que uma prevaleça sobre a outra. Isso quer dizer que, ao lado das múltiplas diferenças individuais, Jung estabeleceu as diferenças *típicas*.

O desejo de classificar os seres humanos em função de seu tipo certamente não é uma invenção de Jung, pois, desde Hipócrates, não faltaram tentativas de realizá-lo. Mas seria um erro considerar a tipologia junguiana como uma espécie de caracterologia cujo objetivo seria classificar os seres esquematicamente, segundo categorias preestabelecidas. A maneira como Jung procede, fiel a si mesmo, é, antes de tudo, “complexa”, e não cede, de maneira alguma, à simplificação, mesmo que tenha sido esse o intento de sua tipologia segundo alguns círculos.

A cada um, seu tipo

Jung determina dois tipos fundamentais, que vão influenciar nossos comportamentos e nossas relações com os outros: a introversão e a extroversão.

Para a pessoa extrovertida, é o mundo exterior que predomina.

Toda sua energia é dirigida para ele. Da mesma maneira, ela se nutre da energia que emana de suas interações com os outros, os acontecimentos do mundo.

Para a pessoa introvertida, por outro lado, o mundo interior é o que há de mais importante e o que a nutre. São seus pensamentos, reflexões e emoções que lhe fornecem a energia vital de que ela precisa, enquanto sua energia alimenta de volta seu mundo interior.

Lydia, que acabou de colocar no mundo gêmeos, espanta-se com o comportamento tão diferente deles, quando são tão semelhantes na aparência. Paul, quando tem fome, manifesta ruidosamente sua exigência e seu descontentamento, gritando com voz de estentor, que atravessa as paredes da casa. Quando a mamadeira chega, ele se agarra a ela, com o semblante avermelhado, e começa a mamar vorazmente, devorando o leite conforme devora a mãe com os olhos.

Louis, ao contrário, chora de maneira mais discreta sem qualquer outra forma de demonstração. Quando a mamadeira chega, ele também começa a mamar com deleite evidente, mas seus olhos permanecem olhando para o espaço. Sem dúvida, ele parece saborear intensamente o líquido que penetra em seu corpo, mas seu olhar parece estar mais ocupado com seu intenso prazer interior do que com o olhar de sua mãe.

Eis aqui, portanto, duas atitudes contrastantes, que parecem estar presentes desde o nascimento. Duas atitudes típicas com relação ao objeto, com relação ao outro, duas atitudes diante dos acontecimentos e do mundo exterior.

Adaptar-se ao meio: as funções

Complementando as duas orientações do consciente, Jung observa que cada um tem igualmente uma maneira preferencial de refletir sobre os problemas, de se organizar, de entrar em contato com os outros ou de apreender o mundo.

Ele identificou, assim, quatro *funções* que são complementares aos dois tipos fundamentais, e que se opõem duas a duas:

- o pensamento e o sentimento, duas funções racionais, no sentido de que elas “avaliam”; a primeira, de maneira “objetiva”; a segunda, de maneira “subjetiva”;
- a sensação e a intuição, duas funções não racionais ou irracionais, no sentido de que elas “percebem” o aqui e agora ou o além do

espaço-tempo.

Quando alguém “pensa”, não pode ter sentimentos ao mesmo tempo. Aqueles que avaliam com seus sentimentos deixam seu pensamento de lado, pois essas duas funções são incompatíveis entre si. Claro, isso não quer dizer que aquele que pensa não tem sentimentos, nem que aquele que avalia preferencialmente com seu sentimento não saiba pensar.

Da mesma maneira, sensação e intuição se contrariam. O pesquisador não pode observar o que acontece em seu tubo de ensaio, com a infinita precisão necessária para isso, enquanto tenta captar mil outros detalhes à sua volta. Seus olhos devem convergir em direção a um único ponto. Jung diz, aliás, sobre o intuitivo, que ele “é o homem que vai semear um campo e, antes mesmo que o grão esteja maduro, ocupa-se de outro campo. Ele deixa continuamente campos trabalhados para trás de si e coloca diante de si novas esperanças, mas nada se realiza jamais”.²

Nesse sentido, essas duas atitudes são incompatíveis entre si.

Essas diferentes funções determinam a maneira pela qual o ego se adapta ao mundo exterior ou interior. Elas estão presentes tanto no extrovertido quanto no introvertido. Mas nenhum dos dois tipos, nem nenhum dos modos pelos quais se articulam as funções, é melhor do que o outro. Isso contribui somente para fazer de nós seres diferentes.

As múltiplas combinações

A função que predomina no consciente é chamada de “superior”, e a função que lhe é oposta é, portanto, inconsciente e pouco funcional – por isso, é chamada de “inferior”. Assim, se colocarmos alternadamente cada uma dessas funções na posição superior, com o ego alternadamente extrovertido e introvertido, poderemos definir oito tipos funcionais.

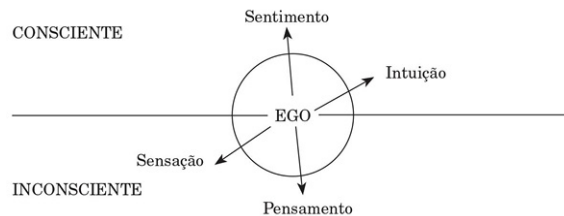


Figura 1: A cruz das funções.

Por exemplo, se uma pessoa é do tipo extrovertido e se, como no esquema acima, sua função *sentimento* for a mais desenvolvida, e aquela com a qual se orienta de maneira preferencial na vida, a função *pensamento*, que lhe é oposta, será, então, inconsciente, pouco diferenciada e sua expressão se dará segundo os moldes da introversão.

Como mostra o desenho, a função *intuição*, que se encontra igualmente no consciente, será, de fato, também extrovertida. É chamada de “auxiliar”, pois auxilia a função superior em sua relação com o mundo. Em tal caso, a função *sensação*, que lhe é oposta, será, então, inconsciente e introvertida. É uma auxiliar secundária.

Alexia, trinta e cinco anos, trabalha em uma agência de publicidade. É uma extrovertida em quem primam o “sentimento” e a “intuição”. É uma mulher muito simpática que gosta muito do contato e tem diversos amigos. Todos a apreciam por suas capacidades relacionais e sua energia para o trabalho. Quando está na agência, ninguém consegue ignorá-la, porque ela vai constantemente de uma mesa a outra; fica de lá para cá e não produz muito. Fala alto e sem parar. Dá a impressão de pensar em voz alta. Alguns a acham bastante superficial e não gostam de trabalhar com ela, pois tende a agir antes de refletir, o que criou problemas em sua equipe. Além disso, Alexia é desorganizada e nunca sabe onde estão suas pastas, que perde ou esquece em casa no dia da reunião.

Devido ao fato de seu “pensamento” e sua “sensação” serem pouco desenvolvidos, a jovem tem dificuldade para se concentrar em uma tarefa e para ter referências confiáveis. Como, por exemplo, quando está ao volante de seu carro e percebe milhares de coisas ao mesmo tempo no interior e no exterior de seu veículo, mas dá sinal de seta para a direita quando quer virar para a esquerda...

Vamos examinar, agora, uma pessoa do tipo introvertido, cujas funções conscientes são o *pensamento* e a *sensação*.

Bruno é pesquisador em informática. Ele cria máquinas extremamente complexas em um laboratório. Trata-se de um introvertido que trabalha com seu “pensamento” sem fazer muitas trocas com seus colegas. Tem poucos amigos, porque seu maior prazer é ficar mergulhado no computador. Quando sua mulher fala com ele, permanece silencioso, porque precisa sempre refletir longamente antes de responder a uma questão, por mais banal que seja. Sua esposa acredita que ele não a ouviu, mas, na realidade, não se trata disso; simplesmente, ele precisa amadurecer sua resposta. O mesmo acontece quando são convidados para ir à casa de amigos. Bruno não fala daquilo que ele domina perfeitamente, como, por exemplo, a inteligência artificial, sobre a qual ele pode repentinamente falar sem cessar e monopolizar a palavra durante horas. Ao contrário, ele se cala e ouve. Com o “sentimento” no inconsciente, as relações humanas não são de seu interesse. Ele tem dificuldade para se comunicar com os outros e as relações mundanas lhe são profundamente enfadonhas. Isso o torna antipático para alguns, que o veem como frio e distante. Muitos se perguntam o que a esposa viu nele...

Para Bruno, o pensamento e a sensação funcionam segundo os moldes da introversão, porque são alimentados pelo mundo interior e o alimentam de volta, enquanto, no inconsciente, o *sentimento* e a *intuição* se expressam de maneira arcaica e de acordo com a extroversão. É isso que vemos quando Bruno se mete a monopolizar a palavra em público, quando é animado por um assunto pelo qual sente paixão.

Os perigos da unilateralidade

Aqui novamente, nenhuma dessas configurações é melhor que outra. Trata-se simplesmente de uma maneira *diferente* de apreender a realidade e de entrar em contato com o outro, que tem vantagens e inconvenientes em cada um desses casos. Entretanto, a grande unilateralidade de uma função que, por exemplo, agiria sem se apoiar sobre as funções auxiliares, ou de um tipo, extroversão ou introversão extremas, deixando pouca ou nenhuma possibilidade para o outro aspecto se expressar, gera uma oposição excessivamente grande e cria tensão forte demais entre o consciente e o inconsciente. A equação pessoal está, então, desequilibrada.

É o que acontece na histeria, por exemplo, quando há grande excedente de extroversão em detrimento da introversão, tendo como consequência a projeção de tudo no exterior, sobre outra pessoa ou sobre o mundo. Nada do que pertence ao sujeito pode estar contido nele, como se o interior estivesse do avesso, como

uma luva. Já o esquizofrênico, pelo contrário, vive unicamente em seu mundo interior, e a relação com o outro e com o mundo é cortada.

Entre essas duas posições extremas há, obviamente, toda uma gama de possibilidades que, sem ser patológicas, podem, entretanto, colocar a personalidade em desequilíbrio e em dificuldade. Como, por exemplo, alguém que funciona unicamente com a função “pensamento” e é incapaz de avaliar de maneira diferente da lógica fria, desprovido de todo “sentimento”, ou então alguém cuja “intuição” seria hiperdesenvolvida em detrimento da “sensação”, ou seja, de uma relação mais concreta com a realidade.

Aliás, o introvertido poderá parecer frio, distante ou egoísta para o extrovertido, que se nutre de suas interações com os outros, enquanto o extrovertido será sentido como invasivo pelo introvertido.

Do mesmo modo, uma pessoa cuja função “sensação” seja hiperdesenvolvida, de maneira unilateral, poderá parecer, para alguns, muito concreta, enquanto um intuitivo que não tenha conseguido desenvolver suficientemente a função “sensação” poderá ser percebido como uma espécie de Gaston Lagaffe³ ou de professor Nimbus,⁴ vivendo fora da realidade.

Nós e os outros

Saber que cada um de nós tem sua “equação pessoal” é, portanto, de importância capital em nossas relações cotidianas com aqueles à nossa volta. Isso nos permite uma melhor compreensão dos outros e uma abertura à diferença sem que surja aí um julgamento que, geralmente, tem como efeito complicar a relação ou estigmatizar o outro que, com frequência, temos dificuldade de compreender e aceitar que não funcione como nós.

Isso pode igualmente se mostrar muito útil no seio da família, em que, por vezes, uma criança que nasce com um tipo contrário ao de seu pai ou de sua mãe pode ser vista com uma estranheza

inquietante pelo genitor em questão.

Pode acontecer também que, naturalmente, prefiramos este ou aquele filho porque ele funciona como nós. Enquanto o contrário pode acontecer, ou seja, que desenvolvamos um ressentimento secreto em relação a alguém que nos constranja com reações que são opostas às nossas. Poder compreender que a criança não tenta deliberadamente nos contrariar ou nos agredir pessoalmente com seu comportamento, mas que ela simplesmente é *diferente* de nós pode não somente ser de grande utilidade em nossa relação com ela, mas também nos introduzir a outra maneira de estar em contato com o outro e com o mundo.

O mesmo acontece entre irmãos quando, com frequência, as relações conflitivas podem ser explicadas pelo fato de as equações pessoais serem excessivamente opostas. Por essa razão, é importante ensinar, através do exemplo, ao filho extrovertido que fala sempre um pouco alto demais, bate as portas e deixa seu quarto bem aberto para que todos possam aproveitar sua música preferida, que ele põe na altura máxima, a respeitar a necessidade de silêncio da irmã ou do irmão introvertido, que prefere brincar tranquilamente com seu jogo eletrônico ou ler em um canto.

Da mesma maneira, é importante fazer com que a criança introvertida compreenda que o irmão prefere jogar uma partida de futebol com seus amigos em vez de jogar Banco Imobiliário ou se lançar em uma partida de Trivial Pursuit com ele, sem que ele se sinta rejeitado e que isso não se transforme num drama pessoal.

Devido a sua maneira dinâmica de considerar o psiquismo, e longe de ser uma psicologia do ego, um dos objetivos da análise junguiana consiste, entre outros, em reequilibrar as posições conscientes e inconscientes de nossas diferentes funções. Progressivamente, a função principal vai perder sua importância e a energia assim liberada virá alimentar, em troca, as outras funções, que permaneceram não desenvolvidas no inconsciente.

Tal reorganização dá ao ego mais flexibilidade, permitindo-lhe manter, na consciência, a tensão entre pontos de vista opostos.

Capítulo 8

O SER E O PARECER: A *PERSONA*

*Somos personagens e representamos
nosso papel mais ou menos bem.*¹

Diferentemente dos tipos e funções, que não inerentes ao indivíduo, a *persona* é um dispositivo de adaptação ao mundo.² Nós a desenvolvemos em nossas relações com o ambiente, de maneira que ela faz o papel de uma proteção ou até mesmo, em alguns casos, de defesa contra o mundo à nossa volta.

Jung escolheu o termo em referência à máscara que, no teatro antigo, permitia ao ator fazer ressoar sua voz (*per sonare*) e definir seu papel indicando certos traços de seu personagem no palco, como Zeus com sua barba cerrada evocando autoridade e poder, ou Medusa e sua cabeleira de serpentes buscando inspirar terror. Tantos códigos coletivos eram compreendidos imediatamente por todos e, sem precisar de explicação, permitiam montar a cena e entrar diretamente em sintonia com o espectador.

Desde a mais tenra idade, Laëtítia construiu para si uma *persona* para conseguir se adaptar ao desejo de seus pais – única maneira de ser aceita por eles e sentir-se amada: a da menininha modelo na qual ela deveria usar vestidos franzidos maravilhosos que sua mãe comprava para “exibi-la” como uma boneca. Ela deveria sempre dizer bom dia aos clientes e amigos de seus pais, ser a única criança do jantar, diante de uma multidão de adultos muito tristes com quem tinha de saber manter uma conversa, e, claro, ser boa aluna na escola. Portanto, ela era sempre a primeira aluna da classe, muito gentil e educada, e não sujava nunca seus belos vestidos. Mas, no fundo de si, ela só sonhava com uma coisa: subir em árvores e brincar com os meninos do vilarejo de quem ela se sentia próxima.

Aos quinze anos, mentindo a uns e outros que, evidentemente, nunca duvidavam da palavra dessa criança modelo, Laëtítia buscava desesperadamente escapar de sua gaiola dourada. Mas ela só conseguiu ir para o extremo oposto dessa bela imagem: fugas, sexo, muitas aventuras etc. Laëtítia pensava que assim viveria uma vida mais próxima do que ela desejava no fundo de si mesma, enquanto, na realidade, sua maneira de agir não passava do contrário da forma estreita na qual ela fora modelada desde a infância, quer dizer, era outra máscara, que simplesmente se opunha à primeira, outra *persona*.

Nesse contexto, a parte íntima e autêntica dela mesma não pôde se revelar. A verdadeira Laëtitia permaneceu sempre escondida tanto de si mesma quanto dos outros, de maneira que, aos trinta anos, ela ainda se apresenta tanto em seu meio profissional como em sua vida privada ora como mulher dependente e submissa ora como uma marginal atrevida, o que lhe causa enormes dificuldades.

Duas atitudes, dois falsos semblantes de si mesma, que, na realidade, não lhe pertencem verdadeiramente, mas são máscaras de palco baseadas em códigos coletivos. Em algum lugar profundo de seu interior, encontra-se uma pessoa completamente diferente que nunca consegue, entretanto, mostrar sua face verdadeira.

No palco da vida, assumimos papéis com os quais podemos até nos identificar e neles acreditar, confundindo-os com o que somos verdadeiramente. A *persona* que construímos nos serve, com frequência, para proteger um si-mesmo mais profundo, que sentimos ou acreditamos ser excessivamente frágil para ser confrontado com o mundo exterior. Entretanto, ao proteger essa parte mais íntima de nós mesmos, a *persona* nos impede também, a maior parte do tempo, de revelar e realizar aquele ou aquela que somos verdadeiramente.

A *persona* não passa de uma máscara, que, ao mesmo tempo, dissimula uma parte da psique coletiva da qual ela é constituída e dá a ilusão de individualidade... A máscara de uma submissão geral do comportamento à coerção da psique coletiva.²

Um instrumento de comunicação

No entanto, em determinadas circunstâncias, a *persona* pode também ter um lado adaptativo que permite, ao contrário, facilitar a comunicação. É o caso do médico, por exemplo, que precisa encontrar uma maneira tanto humana como profissional de ser em relação a seus pacientes sem se envolver demais pessoalmente com eles, do professor com seus alunos ou de quem, em sua vida social, não pode revelar seus sentimentos e intimidade para o outro, ao mesmo tempo em que se comunica com ele.

Nesse sentido, quer dizer, quando ela não constitui uma defesa, a *persona* pode ser um instrumento precioso que permite contatos mais fáceis na cena social. Mas assim como certa *persona* pode ser útil e necessária nas relações sociais, ela também pode ser um obstáculo grave que torna impossível toda relação autêntica na

vida íntima.

A desconstrução da *persona* que serve como protetora para determinados “falsos eus” e os impede de entrar em relação verdadeira com o outro é uma etapa importante do processo de individuação, quer dizer, da ascensão ao *Self* (ver capítulo 13, página 119).

Capítulo 9

O CISCO NO OLHO DO VIZINHO

A sombra é... uma porta estreita cujo incômodo estrangulamento não é poupado a nenhum daqueles que descem aos poços profundos.¹

Blandine tem trinta e dois anos. É professora de francês e, apesar de estar casada há algum tempo, ela vive distante do mundo, não encontrando nunca ninguém à sua altura. Ela se compraz, com frequência, com palestras esotéricas e vai sempre sozinha visitar as exposições que lhe interessam, porque a futilidade das observações daqueles que a acompanham irrita-na. Ela também vai só ao cinema, porque os filmes que ela gosta não são compreendidos nem apreciados por seus próximos, nem mesmo por seu marido. Isso justifica o fato de ela distanciar-se dos outros, pois para ela, ninguém conseguiu ainda chegar a seu nível de evolução espiritual. Entretanto, um dia, ela teve o seguinte sonho:

Estou dormindo e acordo ofuscada com a luz. Percebo que estou sozinha em meu leito e em um quarto todo branco que se encontra no topo de uma casa. As paredes, o solo, o teto, a janela, tudo está pintado de branco, e a luz que entra pela janela é deslumbrante. Eu me levanto, visto-me e desço.

Eu estou em uma casa na qual vivem outras pessoas. Ao chegar embaixo, encontro uma de minhas antigas alunas, de quem eu não gostava. Ela me explica que mora lá com um homem, que havia se casado anteriormente, teve um filho e que, agora, está divorciada etc. Estou surpresa por me encontrar lá, não me sinto confortável e sinto raiva dessa mulher.

Então, saio da casa. Caminho pela rua e encontro minha irmã, que me interpela e me diz que é preciso que eu vá imediatamente, porque “eles” prepararam algo para meu aniversário. Ela me irrita, mas eu a sigo. Nós penetramos, então, em outra casa, onde o marido de minha irmã e algumas pessoas nos esperam. É a festa, há confetes. Todos estão felizes e se divertem, menos meu pai, que come sua sopa tristemente em um canto. Estou cada vez mais irritada e com raiva de todas aquelas pessoas, porque tenho horror de confetes e não quero que me cumprimentem pelo aniversário. Então, saio novamente e caminho pela rua sem saber aonde vou. Sinto a raiva em mim.

A sombra e o corpo

No sonho de Blandine – que, inicialmente, encontra a antiga aluna “embaixo” e, em seguida, sua irmã, cujo estilo de vida ela não aprecia por ser muito banal, muito concreto –, a sombra se apresenta sob os traços de um personagem do mesmo sexo. A sombra é, na realidade, alguém que vai representar todo o negativo que não podemos reconhecer em nós mesmos, daí sua expulsão – projeção – para o exterior sobre uma pessoa do mesmo sexo. Isso permite livrar-nos daquilo que não convém e conservar a visão ideal e imaginária que desejamos ter sobre nós mesmos, simbolizada, no caso de Blandine, por aquele branco ofuscante.

A sombra é o oposto da face ideal que tentamos mostrar para os outros, “um antídoto para as ilusões idealistas”,² diz Jung. A parte negligenciada, inferior, primitiva ou inadaptada de nós mesmos, que escondemos de nós e dos outros; aquela que não queremos ver nem mostrar e que, devido à projeção, em geral, tendemos a atribuir aos outros. É o cisco que vemos no olho do vizinho e a trave que não vemos em nosso olho. Assim, quando alguém nos irrita, tanto nos sonhos como na vida real, há grande possibilidade de que ele represente um aspecto de nossa sombra.

Não reconhecer nossa sombra é uma maneira de nos proteger. Entretanto, isso nos priva de nossa densidade e corporeidade. Pois a sombra é o não vivido, aquilo que é colocado de lado da vida pulsional e exige ser integrado à consciência. É a parte de nós que se enraíza na concretude do corpo.

Ora, Blandine se nega a viver como os “mortais comuns”. Em seu sonho, ela se refugia acima de tudo na brancura imaculada do quarto, fora da vida ordinária das pessoas ordinárias. Ao fazer isso, vive afastada da relação com o outro e das dificuldades que uma vida a dois pode representar: confronto com a diferença, rotina, discórdia, fracassos, erros, divórcio etc. Ela também vive longe da vida pulsional e de suas diversas manifestações: prazeres, alegria de viver, tristeza, raiva etc. Em resumo, Blandine se nega a encarnar. Unindo-se somente ao espírito, ela rejeita a outra parte do que nos faz humanos: o corpo.

A sombra nos fala de nosso corpo, da parte inferior e arcaica de nosso ser, que, segundo Jung, equivaleria à porção do crustáceo ou do réptil que ainda vive em alguma parte de nós e corresponde a nosso “psiquismo simpático” ou a nosso “psiquismo espinal”³ – donde o perigo real de somatização quando nos encontramos nessa “passagem estreita”, no momento em que a sombra surge, despedaça as ilusões e desarticula o ego.

Entretanto, tal experiência dolorosa obriga-nos, por bem ou por mal, a olhar a realidade de frente e força-nos a aceitar o lado sombrio de nós mesmos, em relação com nosso ser primitivo.

As pesquisas de Jung sobre as associações de palavras logo no início do século permitiram-lhe realçar a estreita relação existente entre o corpo e a esfera das emoções, ou seja, entre o somático e o psíquico. Essa é a razão pela qual Jung dá sempre importância tão grande ao restabelecimento do equilíbrio energético entre os dois polos que são o corpo e a alma. Dito de outra maneira, entre o fisiológico e o emocional. Nesse sentido, podemos dizer que Jung foi o precursor do que chamamos atualmente de psicossomática.

Os aspectos positivos da sombra

Todavia, e pelo fato de ela representar o “não vivido”, a sombra não é feita unicamente de conteúdos negativos. Ela pode também representar aquilo que jamais ousamos ou tivemos a coragem de desenvolver em nós em dado momento da vida, de maneira que vê-la nos outros constitui uma espécie de picada de lembrança dolorosa e insuportável para o ego, que a nega e rejeita imediatamente.

Foi o caso de Pierre, que foi obrigado a cursar engenharia e não suportava os artistas que, segundo ele, eram todos seres irresponsáveis, que desencadeavam nele, imediatamente, agressividade e desprezo. Até o dia em que se lembrou que, na infância, gostava muito de escrever poemas e histórias que ilustrava. Na realidade, ele teria preferido cursar estudos literários, porque era o que mais lhe agradava e a única coisa que o fazia realmente vibrar. Mas isso era totalmente impensável em um meio familiar como o seu, no qual tais matérias eram vistas com desprezo e aquele tipo de pessoa era visto como “inútil” e “fracassada”.

Pierre confidencia que ainda se diverte desenhando na margem das folhas de anotações durante as reuniões do comitê executivo. Então, ele toma consciência de

que o que critica e despreza nos outros é, na realidade, aquilo que um dia ele gostou tanto de fazer, mas que mantém, desde então, “no exílio” de seu interior. Ele tenta, assim, desenhar com consciência e “de verdade” e não mais somente para “se divertir”, como alegava. Sente um prazer verdadeiro com isso, uma espécie de libertação. Em seguida, estimulado por uma amiga, ele se inscreve em um atelier de redação, onde encontra pessoas muito diferentes daquelas que estão a seu lado costumeiramente e as acha interessantes. Isso lhe dá a possibilidade de expressar muitos sentimentos e emoções que permaneceram enterrados em seu interior. Ele se sente bem em suas novas atividades que lhe permitem reencontrar a energia criadora de sua infância e mudam sua maneira de ser e funcionar, inclusive em seu trabalho.

“O encontro consigo mesmo significa inicialmente o encontro com a própria sombra.”⁴

Portanto, desprezar os artistas revelou-se uma passagem obrigatória, um modo de Pierre eliminar o sofrimento decorrente da amputação de si mesmo a que seu meio familiar o obrigara. Foi por meio da análise que ele conseguiu reconhecer e fazer contato novamente com suas aspirações profundas. Ao encontrar sua sombra e identificá-la, ele pôde desenvolver uma parte de si mesmo que, até então, ignorava.

Capítulo 10

O CASAL E SEUS MISTÉRIOS

*“Se sua alma não vive, nada pode salvar (o homem)
do embrutecimento.”¹*

Ugo, um jovem executivo dinâmico de cerca de quarenta anos, encontrou Julia no avião que o levava de Sofia para Paris. Durante algumas horas de voo, nas quais Ugo e Julia conversam, ele se deixa levar pelo charme da bela estrangeira que vive em Paris. Antes de deixar o aeroporto, eles trocam endereços e números de telefone. Já no dia seguinte, ele lhe envia flores. Ela se diz tocada e agradece-lhe gentilmente, sem mais. Uma semana depois, não aguentando mais esperar e buscando um pretexto para revê-la, Ugo envia flores para Julia novamente. Ela, então, aceita que ele passe para buscá-la para um jantar em um restaurante durante a semana. No dia combinado, ele chega para buscá-la exaltado, com flores, champanhe e uma joia caríssima. Ugo não conhece essa mulher com a qual conversou durante duas horas no avião, mas está encantado por ela e, quando retorna de Sofia, vem para sua sessão de análise e fala dela. Está totalmente agitado, quase que em estado alterado, porque tem certeza absoluta de que, finalmente, encontrou a “mulher de sua vida”, aquela por quem espera há tanto tempo para apagar seus vários fracassos amorosos e preencher o vazio afetivo que sente.

Os gregos adoravam Zeus, o rei dos deuses, o deus salvador e protetor, bem como Afrodite, a deusa da beleza, do amor e dos prazeres carnavais, que engendrou Eros. Os romanos, por sua vez, rendiam graças a Júpiter e a Vênus, seus homólogos na mitologia romana. E nós veremos que, quando se trata do encontro com o “outro”, somos, assim como Ugo, com frequência tomados por emoções que nos transcendem, exatamente como ocorria aos gregos e aos romanos com seus deuses.

Masculino, feminino

Já na Idade Média, muito antes que tivesse sido demonstrado que cada ser é provido de elementos masculinos e femininos, um ditado dizia: “cada homem traz em si uma mulher”.

A partir dos vestígios biológicos cujo crescimento a natureza muito cedo interrompeu, para conservá-los em nós em estado

embrionário, a fim de que fôssemos todos de um gênero bem determinado, masculino ou feminino,² Jung vai definir, em cada um, uma contraparte sexual.

Mesmo que seu desenvolvimento tenha sido interrompido em um estágio precoce, essa propriedade do sexo oposto permanece sempre presente no âmago de nossas células. Ainda que seja mínima, ela permanece tanto em nosso sistema hormonal como em nosso inconsciente. Essa contrapartida sexual constitui, portanto, uma disposição latente de nosso psiquismo que, à sua maneira, aspira a ser reconhecida pelo que ela é e a fazer parte de nossa vida.

Em nossas sociedades monoteístas e patriarcais, as especificidades costumeiramente associadas ao gênero devem ser claramente marcadas. Assim, os homens devem ser “viris”, quer dizer, fortes, ativos, corajosos, racionais, responsáveis e, sobretudo, não se deixar emocionar. As mulheres, por sua vez, devem ser “femininas”, ou seja, receptivas, sensíveis, doces, frágeis, plenas de emoção, de interioridade, de sentimento etc.

Afinal, como sabemos, “os meninos não são como as meninas!”, “são corajosos, não têm medo de nada e, principalmente, não choram nunca” etc. Que menino não ouviu esse tipo de discurso desde sua mais tenra infância? E quantos, sem questionar, ainda se veem presos a esses lugares-comuns? A França é um dos países da Europa onde há menos mulheres no governo, menos mulheres presidentes ou em cargos de responsabilidade nas empresas. É também o país em que, com funções iguais, elas recebem salários, em média, 30% mais baixos do que os dos homens.

Pode-se compreender que, nesse tipo de contexto, o feminino do homem tem dificuldade para se desenvolver. Que homem gostaria de desenvolver esse ser inferior e de menor valor que está dentro dele? É compreensível, também, que certas mulheres chamadas, neste caso, de “feministas”, sejam reivindicadoras e entrem em competição feroz com os homens na tentativa de encontrar o lugar justo que elas estimam que a elas pertença na sociedade.

Entretanto, afirma Jung, “nenhuma consciência é possível sem a percepção da diferença”.³

A anima e o feminino no homem

Vimos acima que, após sua ruptura com Freud, e no mais profundo da depressão, Jung começou a dialogar com as imagens de seu inconsciente. Ele o fez para entrar em relação com seu inconsciente, e não somente para tentar compreender o que estava acontecendo com ele, mas também para encontrar um sentido para aquele momento tão doloroso de sua vida. Um diálogo instaurou-se, então, mais particularmente com uma figura feminina que ele chamou de “*anima*”.⁴

Era uma parte desconhecida de sua psique que o colocou, de fato, em contato com um aspecto desconhecido dele mesmo, e que defendia um ponto de vista completamente diferente do de seu consciente. Quando a *anima* encontrou um local de escuta, ensinou muito a Jung sobre ele mesmo, ajudando-o a dialogar com o inconsciente, o que lhe permitiu tomar um rumo decisivo e encontrar um modo completamente diferente de ser e de situar-se na vida.

O que Jung chama de *anima* é a parte feminina abandonada, imatura e, com frequência, arcaica da psique masculina, aquela para a qual o homem não dá voz e que, escondida em seu inconsciente, é o oposto do consciente e vem compensá-lo. É aquela também que, na maior parte do tempo, ele recusa, e que, por falta de reconhecimento, só poderá, portanto, manifestar-se e tomar vida por meio das projeções que ele fará sobre as mulheres, quer dizer, “depositando” essa parte feminina no exterior dele mesmo. Assim, para tal homem, a mulher não poderá jamais ser verdadeiramente um “outro”, mas somente um aspecto dele mesmo. Ela permanecerá sua parte inconsciente, e ele fará dela sua companheira, sua “metade”, como diz tão bem a expressão popular.

A noção de *anima* concentra propriedades ditas “femininas”, em relação às quais os homens costumam ser reticentes quanto a desenvolvê-las por elas mesmas. Elas são a contraparte daquelas partes ditas “viris” de sua natureza consciente, das quais o sentimento e as emoções são habitualmente excluídos.⁵ Todo

menino digno desse nome, em geral, foi educado dessa maneira e, frequentemente, com a cumplicidade de sua mãe. As mulheres, por sua vez, precisaram contentar-se em ser frágeis, sensíveis e intuitivas e, contrariamente aos homens, plenas de interioridade, sentimento e emoções. Pelo menos, esses são os estereótipos que circulam amplamente no imaginário coletivo. É provável que, na época de Jung, no início do século XX, essas características estivessem ainda mais estereotipadas do que atualmente e que talvez não fossem definidas exatamente assim, se bem que...⁶

O animus e o masculino na mulher

O *animus*, por sua vez, é o mundo interior e a imagem das forças espirituais na mulher. É uma noção que concentra, em si, as qualidades comumente atribuídas ao homem e que, com frequência, as mulheres têm dificuldade de cultivar por si mesmas. Quando o *animus* é integrado à consciência, ele se expressa sob seu aspecto positivo, e seu registro é o da força, do pensamento, da ação, da clareza. Entretanto, quando ele permanece inconsciente, seu registro é, então, o da rigidez, da violência, das opiniões peremptórias, dos preconceitos etc., ou seja, o registro de um masculino arcaico oposto às forças espirituais femininas.

Quando o *animus* é inconsciente, ele se expressa geralmente de maneira “personificada” na vida consciente da mulher. Isso acontece ou sob a forma de projeções que ela faz sobre os homens de seu ambiente social ou cultural e, mais particularmente, em sua vida de casal, quer seja nos sonhos ou nas fantasias.

O casal *anima-animus*

Quando a *anima* e o *animus* permanecem inconscientes, eles vêm, em um jogo de projeções recíprocas, perturbar fortemente a relação do casal.

Após praticamente dez anos de amor apaixonado, o casal formado por Amandine e Éric deteriora-se, provocando, no final, um divórcio, vivido num desenrolar de animosidades. O que aconteceu? Desde que Amandine descobriu, por acaso, no computador de Éric, que ele mantinha relações estranhas com uma de suas colegas

de trabalho, a relação deles fragilizou-se. Ele negou de início, deixando a entender que não passavam de relações profissionais. Amandine gostaria muito de acreditar nele e tenta fazê-lo num primeiro momento, procurando esquecer a descoberta, mas fica abalada, e decide permanecer vigilante. Com isso, logo se transforma em verdadeira tigresa, ao conseguir a prova irrefutável de que a relação passional que teve com Éric foi transferida para a outra mulher.

O casal engaja-se, então, em um confronto terrível. Éric, sedutor, mentiroso e com má fé, continua a negar a evidência, bem servido nessa empreitada por sua *anima*, que se revela, nessa ocasião, manipuladora, e isso sob seu aspecto mais abjeto. De seu lado, Amandine, autoritária e guerreira, está disposta a combater até o fim, amparada por sua boa consciência e suas convicções, servida admiravelmente nesse sentido por seu *animus*. Evidentemente, o conflito tornou-se verdadeira catástrofe para seus filhos, os primeiros espectadores e vítimas reais desse combate mortífero entre *anima* e *animus*.

“Quando a *anima* e o *animus* se encontram, diz Jung, o *animus* brande a espada de sua potência e a *anima* cospe seu veneno de ilusão e sedução.”¹

Em lugar de desenvolver sua parte feminina, interrogando sua própria pessoa, Éric vai buscá-la no exterior. De início em Amandine e, em seguida, quando a paixão cedeu lugar para a construção do casal, ele a busca em outra mulher. Quando Amandine descobre as trocas entre o marido e sua colega de trabalho, uma agressividade bastante masculina se revela nela. Como é que o homem que ela acreditava ser um pilar para ela pode traí-la dessa maneira? Seu *animus* se manifesta e se descontrola, encorajado pela expressão da *anima* de Éric.

Éric e Amandine defendem suas respectivas posições sem tomar o tempo de se perguntar “onde aquilo os toca”. Assim, não reconhecendo a expressão de sua *anima* e *animus*, respectivamente, e não tentando integrá-los em sua pessoa, eles os atiram na figura um do outro, entrando, assim, em verdadeira guerra destruidora.

Encontrar o outro

Para se tornar um ser “inteiro” em relação com seu mundo interior, o homem precisa tornar consciente um princípio de vida que é o oposto da ação e da racionalidade de sua vida externa consciente. Para isso, é-lhe necessário entrar em relação com seu feminino interior, quer dizer, com a parte vulnerável e fraca de si,

sua sensibilidade, suas emoções, seu sentimento; melhor dizendo, com sua “alma”, que é o sentido da palavra *anima*. Somente assim será possível ter uma verdadeira relação com uma mulher, sem que ela sirva de suporte e refém do feminino interior do homem. Um verdadeiro encontro com o outro, no qual cada um dos parceiros seja um ser inteiro e assim permaneça.

Do mesmo modo, para entrar em contato com suas forças espirituais, a mulher deve se religar ao “outro” aspecto dela mesma, isto é, ao masculino interior, e torná-lo consciente para desenvolver a totalidade de si. Esse “outro” nela lhe confere autonomia, clareza de espírito e relação adaptada ao social, sem, entretanto, que isso substitua e aniquile sua natureza feminina. É o que lhe permite igualmente encontrar um homem em sua verdadeira diferença, sem esperar que ele venha compensar sua falta nem pedir que ele encarne seu *animus*; sem exigir dele que represente, sozinho, “todos” os homens; sem fazer dele um deus protetor dotado de todas as virtudes, como a mulher faz, em geral, em relação ao homem que ama.

Capítulo 11

COMO SE MANIFESTA A *ANIMA*?

É a mãe quem serve de primeiro suporte para a *anima*, que, segundo Jung, preexiste no inconsciente de todo homem. Essa imagem arquetípica e fascinante transforma a figura maternal e faz com que ela libere um poder inquietante e perigoso para o menino.

“Da porta que conduzia ao quarto de minha mãe chegavam influências angustiantes. À noite, minha mãe tornava-se aterrorizante e misteriosa”,¹ recorda-se Jung sobre sua infância distante.

Conforme a criança toma consciência da realidade de sua mãe, a *anima* perde seu poder no consciente e retira-se para o inconsciente, para animar outros conteúdos, como as feiticeiras dos contos e monstros inquietantes para a criança.

Quando ela é diferenciada no nível do consciente, a *anima* dará ao menino² e, mais tarde, ao homem adulto qualidades que virão contrabalançar a unilateralidade de suas qualidades unicamente “viris” – ação, resistência, racionalidade, violência etc. No plano educativo, portanto, é importante permitir ao jovem menino, desde a mais tenra infância, desenvolver outras disposições, por meio de atividades que favorecerão sua sensibilidade, escuta, receptividade, atenção ao outro, doçura etc., porque, se o menino não tem possibilidade de desenvolver esse aspecto de sua pessoa, ele não terá, em seguida, acesso a seu ser “inteiro”, quer dizer, um ser cujos fatores opostos conscientes e inconscientes estejam ligados para formar, em conjunto, uma personalidade global. De fato, a *anima* compensa a personalidade consciente e é exalada conforme se diferencia da imagem materna inconsciente.

O homem cuja *anima* conseguiu integrar-se ao consciente pode ser reconhecido por um lado calmo, doce e amável, que emana dele e é perceptível nas trocas com os outros, por sua maneira menos intransigente, seca ou arrogante, pelas qualidades humanas que acompanham sempre seus julgamentos e sua aproximação dos outros, e por uma maneira justa e sensível de avaliar os seres e as situações. É nessas condições que a *anima* preenche plenamente seu papel de mediadora e de elemento unificador entre ele e o outro, da mesma maneira que entre si mesmo e o outro em seu interior.

Em compensação, quando está inconsciente, a *anima* se manifesta e se evidencia, em geral, no homem, por seus humores, atitudes caprichosas e possessivas, explosões de cólera ou sentimentos irracionais. É ela que, habitualmente, é responsável por emoções e afetos que ele não controla.

A *anima* ou as fraquezas ignoradas

A *anima* é o oposto da *persona*, da imagem ideal que o homem tem de si mesmo, daquilo que ele gostaria de ser ou imagina que deveria ser. Assim, quanto mais ele faz o papel de homem forte no exterior, daquele que sabe tudo ou que é perfeito, menos ele será capaz de perceber suas próprias fraquezas e seu mundo interior, e mais sua *anima* será relegada à obscuridade de seu inconsciente para, sem que ele se dê conta, irromper bruscamente em determinadas circunstâncias da vida.

Loïc tem quarenta e dois anos, é casado e pai de quatro filhos. É um dos responsáveis pelo marketing de uma multinacional. Seu cargo é importante e ele fica, com frequência, ausente de casa, porque tem de viajar muito. Um dia em Nova Iorque, alguns dias depois em Singapura, de volta a Paris durante vinte e quatro horas e voa novamente em direção ao Rio etc. Além disso, quando está em Paris, submerso em reuniões, seus horários são incompatíveis com qualquer vida privada. Reuniões desde às 8 horas de segunda-feira em uma região distante ao norte de Paris, quando ele mora em outra região ao sul da cidade (no mínimo, uma hora e meia de trajeto); reunião à noite até as 21 horas, às vezes até mais tarde que isso... Ele não chega em casa antes das 22 ou 23 horas e, quando precisa tomar o avião no dia seguinte às 7 horas, é preciso que se levante às 4h30. Ele não aguenta mais, porém permanece firme e não diz nada, pois essa é a lei naquela empresa. Todos aceitam ser tratados dessa maneira e, se quiserem manter o emprego, precisam aceitar essas condições. Um dia, ele chega em casa, no limite de suas forças, e, ao se deitar, começa a soluçar, para enorme surpresa de sua esposa, que nunca o tinha

visto chorar em quinze anos de casamento. Depois de ter chorado durante uma parte da noite, no dia seguinte, Loïc está como que prostrado e não consegue levantar. Apavorada de vê-lo nesse estado, sua mulher chama o médico. Diagnóstico: *burnout*.

O mundo do trabalho captou bem a psicologia masculina e utiliza sabiamente a tendência que os homens têm de fazer o papel de “homem forte” e não reconhecer e aceitar suas fraquezas. Isso se tornou até mesmo um verdadeiro sistema de “formatação” de executivos, no qual a noção de *anima* foi utilizada na contracorrente.

Numerosos psicólogos, diretores de recursos humanos ou *coaches* souberam, em vista disso, colocar a serviço da empresa técnicas radicais, reputadas por formar “verdadeiros” gestores, ensinando-os a se superarem cada vez mais. Nessa lógica, toda fraqueza é sinal de incompetência. Os homens encontram-se encarcerados em uma espécie de armadilha, acreditando, assim, serem obrigados a aceitar condições de trabalho totalmente inumanas. Uma situação que, ao contrário do que preconiza Jung, os acua na crescente unilateralidade de consciência. É situação oposta e, portanto, incompatível com o tornar-se um ser psiquicamente “autônomo” e “inteiro”, ou seja, em quem o consciente e o inconsciente estejam em relação entre si e em equilíbrio.

É por isso que, como vimos, a partir de um determinado número de anos, levados até seu limite por políticas empresariais perversas, com a cumplicidade de seus dirigentes, os homens, sem dizer uma palavra, buscam a cada dia superar-se mais, esquecendo que também têm uma “alma”, ou seja, sentimentos, emoções e limites. Alguns terminam, como Loïc, experimentando um *burnout*, pelo qual, eventualmente, são vítimas de infarto. Outros, ainda, decidem suicidar-se, como podemos ver, com frequência, na mídia.

Evidentemente, trabalhar e mostrar suas competências não leva sistematicamente à perda da alma. Por outro lado, se o trabalho solicita toda a energia, ele impede que o homem entre em contato com sua parte feminina.

De qualquer modo, se o feminino no homem permanecer

inconsciente e sem a possibilidade de se integrar à consciência, como tudo que é ignorado ou depreciado, assim como o *animus* na mulher, acabará expressando-se de maneira “personificada” na vida consciente. Isso acontece:

- sob a forma de projeção sobre as mulheres;
- nos sonhos ou fantasias, em que o feminino vai geralmente aparecer com traços misteriosos estranhos ou outros personagens fascinantes, vindos de “outro lugar”.

É por esse motivo que os homens geralmente esperam que as mulheres à sua volta encarnem, em seu lugar e por ele, em sua vida quotidiana, essa parte da psique que eles mesmos não souberam desenvolver.

É assim que, mesmo que isso, por vezes, seja feito com muita elegância e respeito, o homem precisa manter a mulher em estado de inferioridade. Ela representa, então, a parte inconscientemente subavaliada e subdesenvolvida dele mesmo.

Ao contrário, pode acontecer, igualmente, através da projeção do outro polo da *anima*, que ele a transforme em uma deusa do Amor, a quem ele venerará de maneira ingênua e quase extática, como acontecia no tempo dos gregos.

No primeiro caso, é o que acontece, com frequência, com aquelas que lhe são mais próximas – esposa, filha, irmã, mãe etc. No segundo, é algo que um belo dia irá acometê-lo, devastando-o como um raio. De repente, no acaso de um encontro, ele cairá “loucamente” de amor por uma bela desconhecida, que fará sua vida virar do avesso e colocará de pernas para o ar o modo como o homem viveu até aquele instante. Então, ele ficará como que deslumbrado e hipnotizado. A mulher que carrega a projeção massiva é, assim, indevidamente supervalorizada e torna-se aquela nas mãos de quem ele se abandonará inteiramente, para viver o que acredita ser uma fascinante história de amor.

A literatura e o cinema têm muitos exemplos desse tipo. É o

caso do honrado professor de *Anjo azul*,³ que se transforma em um palhaço digno de pena devido ao, por assim dizer, “amor” por uma dançarina de cabaré. É também o tema da *Lulu* de Wedekind, que inspirou numerosas obras, entre as quais o filme de G.W. Pabst.⁴ Há, ainda, o da célebre *Vénus à la fourrure* [Vênus em casaco de peles], de Sacher-Masoch, cujo herói, filósofo, abandona-se à volúpia de se fazer humilhar, em devoção total a sua criação imaginária, a quem ele empresta todas as virtudes.

Foi também o que aconteceu a Ugo, um filho de imigrantes portugueses que foi criado com rigor (veja capítulo 10, página 91). Julia, que é musicista, não tem nome quando ele fala dela. Ela é somente a pura encarnação da delicadeza e da sensibilidade. Ugo diz que ela é “sua violinista”, mostrando claramente que se trata de uma simples imagem, construída sob medida para encaixar-se em sua falta. Ugo não pode, de maneira alguma, satisfazer-se com uma mulher “comum”. É-lhe necessária uma deusa, bela, misteriosa, talentosa, a quem ele possa dedicar sua adoração e diante de quem ele possa se prostrar com fervor.

Por outro lado, isso dá a Ugo uma ilusão de poder, sobretudo aos olhos de outros homens, bem como uma vulnerabilidade infantil, dependência total diante daquela em quem ele investe tal poder. Mas, paralelamente, ela não existe como “pessoa real”, somente como um “suporte de fantasias” advindo de seu inconsciente. Ela está ali apenas para preencher o vazio de feminino que ele não consegue preencher, por e para si mesmo.

Estar possuído pela *anima*

A noção de *anima* tal como Jung a definiu contém um duplo aspecto, o qual seus escritos nem sempre conseguem deixar claro.

Por um lado, ela corresponde à capacidade relacional do homem, àquilo que poderíamos resumir como o mundo da interioridade, da receptividade, das emoções e do “sentimento”, e, por outro lado, pelo arquétipo do Feminino, com seu lado duro, impessoal, sedutor e fascinante, quer seja sob seu aspecto positivo, como distribuidora de eros e de vida, quer seja sob seu aspecto destruidor e mortífero de mulher fatal. Quando o homem se deixa prender pelo poder de tais imagens, ele está verdadeiramente “possuído”, confrontado a algo que o invade literalmente e pode conduzi-lo às fronteiras da loucura.

Isso é geralmente o que acontece quando caímos sob o efeito de um arquétipo que desconecta o ego de sua função diferenciadora e o “possui”, quer dizer, coloca-o em “stand-by”, transformando o sujeito em verdadeira marionete. A projeção do arquétipo da *anima* sobre uma mulher faz com que o homem imagine que ela o iniciará no Amor e escancarará as portas de Eros, assim como se acreditava que Afrodite tivesse feito nos mistérios consagrados a seu culto na Antiguidade.

Mas, ao contrário, o homem também pode sentir-se ameaçado ou perseguido por aquela por quem, anteriormente, estava perdido de amor, e, assim, fugir para bem longe, com medo de que ela o destrua.

Jacques, professor titular de matemática, está nos seus cinquenta anos. Sua companheira tem quinze anos menos do que ele. Encantado por sua beleza e seu *sex appeal*, que atrai todos os olhares, Jacques a descreve como uma mulher “suntuosa” e adora pavonear-se com ela pelas ruas da cidade. Uma noite, em seguida a uma briga violenta e atormentado pelo pânico, ele se refugia em uma pequena cabana perdida no campo nos arredores da cidade. Ele permanece aí escondido durante vários dias, aterrorizado pela ideia de que sua companheira o descubra e venha matá-lo.

É assim que, *em estado de possessão pela anima*, alguns homens, em geral em torno dos cinquenta anos, não hesitam em abandonar esposa e filhos para partir com outra mulher, muitas vezes mais jovem que eles. Isso, em geral, acontece exatamente no momento em que algo neles deveria mudar e rearranjar-se. Mas, em lugar de viver essa transformação “interiormente”, por um questionamento real com respeito a sua vida e uma reorganização psíquica, eles atuam de maneira concreta na realidade exterior. Ao fazerem isso, sucumbem à projeção que os faz vislumbrar um mundo de ilusões e de prazeres carnavais que jamais tinham acreditado que fosse bom satisfazer até então, ao lado de uma esposa frequentemente relegada ao respeitável *status* de gestora do lar. Quer dizer, de mãe que, além disso, recebe a projeção das qualidades negativas da *anima*, como é próprio das crianças pequenas fazerem.

Como todo arquétipo, o do Feminino exerce sua função em dois polos opostos no psiquismo do homem. Dois polos que podem

declinar-se de inúmeras maneiras. Por exemplo:

- *Vênus* e a *mulher fatal*: uma, iniciadora no Amor; a outra, condutora em direção à decadência e à morte;
- a *mamãe* e a *puta*: uma, virginal e intocável; a outra, que leva à perdição nos caminhos da perversão;
- a *Deusa* e a *mulher profana*: a primeira, permitindo ligar-se ao amor do sagrado; a segunda, hábil e prosaica guardiã do lar.

Anima, *mulher* e *Feminino*

Por outro lado, acontece que os homens se identifiquem com a *anima*, ou seja, que se fusionem à parte feminina de seu inconsciente e se confundam com ela. Eles perdem, então, sua masculinidade para se tornarem feminoides e, por vezes, chegam a ser caricaturais.

Por se tratar de um arquétipo do inconsciente coletivo, a *anima* existe, portanto, igualmente no inconsciente da mulher. Não como no homem enquanto instância que se opõe ao consciente, mas, principalmente, como marca do Feminino eterno, uma espécie de memória coletiva de todas as experiências femininas que já existiram desde o início da humanidade e que se origina na própria essência da mulher. É desse Feminino arquetípico que emanam as disposições funcionais próprias a sua natureza feminina. Bem no princípio, ele é carregado pela mãe, mas também pela Grande Mãe. Onde as relações mãe-filha, com frequência feitas de uma fascinação recíproca em cadeia, nas quais amor e ódio estão estreitamente imbricados – relações que se revelam de uma complexidade completamente diferente do que a rivalidade edipiana unicamente, a que elas não excluem em absoluto e que vem unir-se a elas mais tardiamente.

Pode, também, por vezes, acontecer que uma mulher esteja identificada com o Eterno feminino em uma adesão inconsciente

ao desejo de um homem que a mantém cativa em suas próprias representações inconscientes. Isso provém, em geral, da relação que essa mulher teve com seu pai, que, desde a mais tenra idade, colocou-a, contra a vontade dela, na posição de ser a representante viva, quer dizer, de “encarnar” sua própria *anima*. Esse tipo de mulher é comumente chamada de “mulher *anima*”, e, com frequência, emanam dela muito charme e mistério. Mas essas mulheres não podem existir fora do desejo de um homem e têm muita dificuldade para desenvolver por si mesmas suas próprias potencialidades inconscientes e sua criatividade. Mesmo quando têm muito talento, elas se sentem, entretanto, vazias interiormente, se não houver o olhar de um homem para lhes dar o sentimento de existir. Fora desse olhar, elas têm a impressão de não ter valor e afundam-se facilmente em angústia, depressão e aniquilamento.

Outras podem também ser aprisionadas pela projeção desse Eterno feminino que sua mãe lhes pede inconscientemente que encarnem para ela. Elas são tão prisioneiras quanto as referidas no parágrafo anterior, pois nunca são verdadeiramente reconhecidas pelo que são e devem consagrar-se inteiramente ao culto narcísico da mãe, em vez de realizar seu próprio destino. Essas mulheres estão presas a uma homossexualidade inconsciente com a mãe e, com frequência, têm muita dificuldade para construir sua própria vida de mulher, fora do desejo da mãe.

A mãe de Christelle sempre teve uma grande foto de sua filha emoldurada e afixada na parede do quarto, ao passo que não tem foto de nenhum dos outros filhos. É verdade que Christelle é especialmente bonita, de uma beleza delicada, que fascina sua mãe, que, durante um tempo, foi também uma mulher muito bonita. Certamente, ela poderia ter-se tornado manequim ou atriz de cinema. A injustiça gritante que a mãe comete com os outros filhos cria problemas entre eles. Assim, Christelle está, agora, brava com sua irmã mais velha. Christelle e sua mãe estão em um jogo de espelho no qual a filha tem dificuldade de sair. Ela está como que capturada, sem vontade, como se suas forças lhe escapassem quando ela quer se engajar em algo. De todos os homens que ela encontra, nenhum nunca lhe convém, pois ela tem medo de estreitar uma relação verdadeira com um deles, porque seria imediatamente criticada por sua mãe. Christelle deve permanecer “o objeto” à disposição de sua mãe. Sua vida não existe.

Outro tipo de homossexualidade feminina pode também se explicar pela fascinação que algumas mulheres sentem

inconscientemente pela *anima* enquanto arquétipo do Feminino. Da mesma maneira que o homem, uma mulher fascinada pela *anima* pode ficar igualmente “encantada” a ponto de se deixar subjugar pela projeção que ela fará sobre outra mulher. Sob esse domínio, ela pode, em dada circunstância, também abandonar marido e filhos para viver um amor sublime com o da Deusa.

Capítulo 12

COMO SE MANIFESTA O *ANIMUS*?

A contraparte sexual da mulher, seu mundo interior, que é oposto ao consciente feminino e que o compensa, chama-se *animus*. O termo significa “espírito” em latim. Trata-se, para a mulher, de seu masculino inconsciente, que permaneceu geralmente imaturo e arcaico. Assim como o homem deve fazer com a *anima*, ela deve aprender a desenvolver seu *animus* para se tornar um ser “inteiro”.

Marie sonha que deve preparar-se para um espetáculo de dança com seus alunos. Uma de suas colegas coloca sobre a mesa um livro intitulado *O domínio do phallus*. Ela diz para si mesma que esse tema será difícil de dançar, pois, se os homens possuem e dominam as mulheres, será necessário colocar em cena mulheres submissas e infelizes.

Eis-nos, portanto, novamente nos estereótipos ligados ao gênero, mesmo que estejamos no século XXI e que Marie ainda não tenha trinta anos.

No sonho, os estereótipos culturais estão anunciados claramente: os homens possuem e dominam as mulheres e elas, por sua vez, devem colocar-se em cena submissas e infelizes. O que não é fácil para uma jovem inteligente e culta.

De fato, Marie funcionara até então, pelo menos nas aparências, segundo o esquema de ser submissa ao homem e, se não fosse infeliz, ao menos não verdadeiramente feliz com a situação. Mas ela está exatamente percebendo que não pode continuar assim, sob pena de passar ao largo da vida. É uma tomada de consciência importante para ela, um momento em que deve deixar de ser a metade dela mesma para tomar contato com a parte negligenciada e não diferenciada de sua pessoa, que deve oferecer-lhe outra maneira de ser em relação ao homem, à vida e

à sociedade.

Virtudes e trevas do *animus*

O *animus* “personificado” não é um homem real, mas uma espécie de deus ou semideus dos tempos modernos: ator famoso, cantor, professor, astro da TV e toda espécie de “grande homem” ou outro portador de autoridade.¹

Célia tem onze anos e está na quinta série do ensino fundamental. Desde o início do ano, ela adula seu professor de Ciências da Vida e da Terra, um homem na faixa dos trinta, que é também o professor principal de sua classe. Cada vez que tem aula com ele, volta para casa com os olhos brilhando e sente um prazer evidente ao fazer as pesquisas para ele, sobre a formação de rochas sedimentares, o aparelho respiratório dos animais ou os recursos geológicos.

Como podemos ver através do exemplo de Célia, nessa idade de transição, é o *animus* que promove a abertura para o “conhecimento”, para a “reflexão” e para o mundo. Geralmente, é o pai ou o substituto paterno que serve de primeiro recipiente para o *animus*, pois, na família, habitualmente, ele é reconhecido como o ator da vida social. Mas pode acontecer, em alguns casos de falha ou de inexistência paterna, que o masculino da mãe seja também o substituto – quando o pai está ausente, por exemplo, ou, mais simplesmente, é alguém submisso à mulher e não é quem “usa as calças”, quando são as mães que criam seus filhos sozinhas, ou no caso do casal homoparental. Mais tarde, assim como para Célia, o *animus* será projetado em outra figura mais emblemática.

Quando ele se torna consciente, e em sua vertente positiva, o *animus* é o “logos”² que traz para a mulher capacidade de reflexão, de deliberação e de conhecimento de si, permitindo-lhe, ao mesmo tempo, ser criativa e inscrever-se no social. Ele lhe dá o desejo e a possibilidade de sair de seu papel de genitora e dona de casa para se integrar à vida em sociedade, levar sua contribuição e ter aí seu papel. Assim como a *anima* para o homem, o *animus* serve de mediador entre o consciente e o inconsciente e permite à mulher acesso a seus planos de fundo obscuros. Portanto, ele é um elemento unificador entre nós e o outro, bem como entre o ego

feminino e o outro em nós, quer dizer, o inconsciente.

No caso de Marie, trata-se da “dominação do Phallus”, quer dizer, de uma entidade divina venerada pelos homens da Antiguidade como um símbolo de força e de poder, como um sêmen. É, então, um masculino extremamente arcaico, que ainda não tem forma humana e que era, na época antiga, mais ligado aos rituais de fertilidade das Deusas Mães.

Marie vive com Raphael, como casal, há oito anos. Ela causa boa impressão diante de seus amigos e família, mostrando um sorriso em todas as circunstâncias. No entanto, Marie não se sente radiante. Seu marido a agride com regularidade e com frequência cada vez maior. Ele ri de seu bom humor, de sua ingenuidade, denigre seu trabalho e critica sua família, que ele julga “maluca”. Marie não responde a seus ataques e deixa-o falar. Aliás, ela arca com as despesas do casal, chegando a ponto de acumular dois empregos para que os dois possam viver bem. O mesmo acontece com a educação dos filhos, cujos princípios ela define sozinha.

Em sua vida de casal, Marie é, conscientemente, como uma menininha perante o marido. Inconscientemente, porém, ela está, de fato, em uma posição de todo-poderosa, semelhante à das Grandes Deusas, proibindo ao homem qualquer existência como homem.

Quando uma mulher está em uma configuração inconsciente do tipo em que Marie se encontra, não há relação de casal possível, porque ou ela faz do homem uma espécie de Zeus a ser venerado, um deus todo-poderoso autoritário e violento, com o qual ela mantém relações do tipo sadomasoquista, ou ela mesma, interiormente e inconscientemente, é esse déspota que nega ao homem qualquer acesso à masculinidade e o reduz ao estado infantil ou de simples objeto sexual. Com frequência, ocorre tanto um quanto o outro, como vemos no caso de Marie. Assim, não pode haver aí nem uma relação verdadeira homem-mulher nem amor. Somente uma relação de poder destruidor age, então, no casal.

Animus e vontade de poder

Há um século, a sociedade mudou e as mulheres, desde então, têm acesso à educação igual à dos homens. Isso era raramente possível para as mulheres da época de Jung. Elas podem, hoje,

exercer a maior parte das profissões que os homens exercem, mesmo que ainda recebam salário menor. Mas o outro lado da moeda dessa evolução é, por vezes, uma “identificação” com o *animus* que masculiniza a mulher e lhe faz perder seu “sentimento” e os verdadeiros valores femininos, aos quais se substitui, com frequência, o desejo de poder.

Françoise tem quarenta e cinco anos. É uma bela mulher, carismática, que ocupa o cargo de chefe de serviço em um hospital. Ela dá mostras de grande autoridade com sua equipe e é esperado que ela assuma a direção do hospital logo que o atual diretor se aposentar, o que deve ocorrer em breve. Eis o sonho que ela teve outro dia.

Françoise está com o grupo de amigos que tinha quando era estudante. As moças caminhavam adiante, enquanto os rapazes vinham atrás. Uma das moças diz a ela que eles estão fazendo comentários a seu respeito e que um deles se pergunta por que ela é bela e limpa na parte da frente, mas tão negligente na parte de trás. Intrigada, ela para, tira seu casaco e percebe que ele está, de fato, cheio de manchas nas costas. Ela percebe, também, que há um zíper no forro que ela nunca tinha visto. Ela o abre e descobre que está abarrotado de sorvetes de chocolate que estão derretendo. Ela se surpreende com o fato de ainda não terem derretido até aquele momento.

Françoise sempre olha diretamente “para a frente” e tem dificuldade de se voltar para si mesma, ou seja, de se questionar pessoalmente, o que não deixa de causar graves problemas com seus colegas e o pessoal do trabalho. Além disso, o casaco que ela está usando no sonho é um casaco espesso de homem, que a protege do frio, mas, por um lado, é verão, o que o torna totalmente inadequado, e por outro lado, ela jamais usaria esse tipo de vestimenta na realidade.

Na vida, Françoise é uma mulher trabalhadora, responsável e ambiciosa. Ela se mostra mais como elegante e “feminina”, mas seu sonho revela, de fato, uma pessoa completamente diferente: uma mulher que se revestiu de espessa proteção “masculina”, que parece não ser muito atraente aos olhos do homem que a interpela, a quem ela não chega nem a ouvir. Uma mulher que, ainda, ignora sua imaturidade, com seus sorvetes de chocolate escondidos no forro do casaco. Imatura, mas também provavelmente fria, quer dizer, sem “sentimento”, mesmo que o sorvete comece a derreter...

Para chegar a seu ambicioso objetivo profissional, toda uma parte dela precisou ser negada e colocada de lado. Em especial,

tudo o que diz respeito ao prazer e ao corpo. Antes de seu casamento, ela tinha certo sucesso com os homens. Evidentemente, não é o caso hoje. Françoise nem chega a ouvir aquele que fala, e, na realidade, o casamento está desmoronando: nada mais funciona com seu marido. Portanto, está na hora de ela frear sua corrida frenética, sua fuga para a frente. Está na hora de fazer uma pausa e voltar-se em direção a si mesma para ouvir a “mulher” que a alerta a seu lado.

Foi assim que Françoise descobriu que ela está vestida como homem, e que se comporta também como homem. Isso quer dizer que, sem que ela tenha consciência, um aspecto dela mesma tornou-se “homem”. Ela ficou muito surpresa com isso e contrariada, pois se via, ao contrário, muito feminina com suas vestimentas bem talhadas, maquiagem estudada e penteados e unhas sempre bem feitos.

Mas, em sua busca por reconhecimento na cena social, que passa, de fato, pela “integração” do masculino, sem perceber, Françoise “identificou-se” com esse masculino. Ela vestiu sua roupa, em lugar de integrá-lo ao ego feminino para enriquecê-lo com outra dimensão.

Trata-se, aí, de um fenômeno que se produz com cada vez mais frequência com mulheres jovens de hoje. Ao buscar adaptar-se e ajustar-se aos códigos masculinos que regem o mundo do trabalho, elas acabam por perder parte de sua natureza feminina por identificação com o poder masculino. De modo que essa nova liberdade, que certamente é um progresso para a mulher moderna, representa, ao mesmo tempo, verdadeiro perigo para seu equilíbrio e sua evolução profunda quando essa mutação não puder ser verdadeiramente vivida com ampliação da consciência, mas, ao contrário, uma situação que a amputa de uma parte de si mesma.

Tal liberdade que, como Françoise, grande parte das mulheres de hoje parece ter adquirido não sem dificuldade, pode, certamente, ser considerada uma conquista importante. Mas, na realidade, para muitas, não se trata do fruto de um processo de evolução “individual” e “individuante”. Trata-se, ao contrário, da

adaptação do consciente da mulher a novas “normas coletivas”. Essa adaptação passa, na maioria dos casos, como acabamos de ver com Françoise, mais pela “identificação” do consciente da mulher com o masculino do que pela diferenciação e “integração” de seu masculino inconsciente pela consciência feminina.

A respeito do ressurgimento do uso do véu em um país laico como a Tunísia, uma filósofa tunisiense, sem utilizar nenhum termo junguiano, faz uma análise bastante semelhante sobre esse recente fenômeno coletivo. Ela considera, de fato, que se trata mais de um efeito perverso da modernidade e da reaparição de um masculino inconsciente opressor do feminino, na superfície de um modo coletivo, do que a expressão de uma verdadeira liberdade interior da mulher tunisiense moderna.³

O *animus* do qual se trata aqui não tem, portanto, o papel de intermediário entre o consciente e o inconsciente. Ele não permite “fazer uma ligação”, mas, ao contrário, corta a mulher de sua relação com o inconsciente, com sua natureza feminina e com o homem ao mesmo tempo, como apareceu muito bem no sonho de Françoise.

“Ao poder absoluto e à brutalidade das convicções coletivas [o ser humano] não tem mais nada a opor além do mistério de sua alma viva”,⁴ diz Jung.

Estar possuída pelo *animus*

Não há nada mais perigoso do que estar possuído por um arquétipo. Da mesma maneira que o homem possuído pela *anima* pode ser empurrado às fronteiras da loucura (ver capítulo 11, página 99), a mulher possuída pelo *animus* pode, ela também, ser conduzida a tais limites.

Barbara, uma quadragenária dotada de grande intuição e professora de ioga, desembarca em Delhi mais ou menos em ruptura com seu meio, e em busca de si mesma. Desde sua chegada, ficou imediatamente muito impressionada pela densidade da cidade em que todos os seus sentidos foram, desde o início, fortemente solicitados. O barulho, o calor, os odores, os sabores, as cores, a visão das mulheres em saris e dos homens com seus turbantes... Outro mundo. Após um périplo na região, ela vai a Agra para visitar o Taj Mahal, um mausoléu em mármore branco construído por um imperador mongol em memória de sua saudosa e sempre adorada esposa. Ainda uma vez, Barbara ficou impressionada pela beleza mágica do local e,

na noite seguinte, teve um sonho. “Estou dormindo profundamente quando, pela janela de meu quarto, penetra o deus Shiva, que se lança sobre meu leito e copula comigo. Nosso abraço é de tal intensidade que acordo atordoada e ensopada de suor.” Nos dias seguintes, Barbara permanece como que invadida pela visão de seu sonho, em uma espécie de êxtase e bem-estar absoluto, como se estivesse “apaixonada”.

Esse estado termina no final do quarto dia, quando, abatida por forte febre, Barbara precisa ser hospitalizada e, alguns dias mais tarde, levada de volta a seu país.

A irrupção brutal desse “outro” masculino na vida de Barbara e desse “outro aspecto” dela mesma, ignorado até então, que são, por um lado, o mundo inebriante das sensações e, por outro, o vivido intensamente erótico de uma relação homem-mulher através de sua “experiência” onírica, foi excessivamente intensa para ela, que tinha mantido todas essas coisas bem a distância.

De certo, sem realmente saber, foi bem isso que ela tinha ido buscar tão longe. Mas seu psiquismo não pôde suportar a violência de tal revelação e, por ter escapado da loucura, o que quase lhe aconteceu, foi o corpo que aguentou a explosão de suas portas blindadas, de tal sorte que ela caiu doente e precisou ser repatriada para territórios menos ardentes.

Após essa experiência, foram necessários vários meses para que Barbara conseguisse compreender que o que tinha ido buscar na Índia era o encontro com seu mundo interior, que permanecera tão longe dela até aquele dia. “O outro” nela mesma, suas forças espirituais simbolizadas aqui pelo deus Shiva, que vem tomá-la à força em seu sono. Ela só consegue essa compreensão ao final de um intenso e doloroso trabalho de diferenciação e de integração do conteúdo de seu sonho.

Capítulo 13

O *SELF*: SER INTEIRO

O Self... representa o objetivo do homem total, ou seja, a realização de sua totalidade e de sua individualidade, com ou contra sua vontade.¹

Vimos anteriormente, a respeito do “tornar-se consciente”, que o centro da personalidade total, que não deve ser entendido no sentido de uma personalidade “perfeita”, mas no sentido de uma personalidade que engloba consciente e inconsciente, não é o ego, mas o *Self*.

A via do centro

Durante os difíceis anos que vão de 1913 a 1919, não somente Jung se pôs a dialogar com a parte feminina de sua psique, mas também começou a desenhar, esculpir e pintar.

Todo dia ele desenhava formas redondas em uma pequena caderneta até que conseguiu constatar, depois de alguns dias, que essas formas se transformavam de acordo com o estado psíquico em que ele se encontrava. Ele sentiu também que, diante do caos que, com frequência, o assaltava durante esse período, o que desenhava dessa maneira permitia que reencontrasse a calma e se centrasse novamente.

Pareceu-lhe, então, que algo central se expressava por meio de seus desenhos, que aquelas formas representavam ele mesmo em sua “totalidade”. Totalidade essa que, segundo o estado em que ele se encontrava interiormente, se expressava de maneira diferente: inteira ou alterada. Assim, ele chegou a supor que as formas redondas ou quaternárias que desenhava espontaneamente eram mandalas,² figuras concêntricas muito comuns em todo o Oriente, geralmente ligadas a uma divindade, que servem como suporte para a meditação.

Foi assim que Jung chegou à hipótese de um centro da personalidade de natureza arquetípica, “verdadeiro eixo de crescimento”³ do psiquismo, que ele diz ser o mais íntimo em cada um e o mais coletivo em todos,⁴ a que chamou de *Self*.

Maior que o ego

É difícil falar desse centro da personalidade em termos simples, que não sejam, ao mesmo tempo, simplificadores, porque é de uma das ideias mais complexas de Jung.

Como todos os seus conceitos, o *Self* pode ser ainda mais que os outros, pois se trata de fatores psíquicos que só podemos realmente apreender por meio da experiência que fazemos deles. Essa é a razão pela qual eles não podem ser desligados da matéria em que Jung os descobriu. Pois, como dizíamos no início desta obra, os conceitos junguianos não são entidades abstratas, mas sim conceitos “empíricos” que se reportam todos a uma experiência íntima, que é experimentada fisicamente e também sentida afetivamente.

Há, portanto, duas maneiras diferentes de apreender o *Self* que correspondem a seus dois aspectos:

- por um lado, o aspecto puramente *conceitual*. O *Self* é um conceito “hipotético” que, pelo menos por enquanto, não pode ser provado ou demonstrado cientificamente;
- por outro lado, o *Self* empírico, quer dizer, a experiência que os indivíduos podem fazer dele por meio do efeito de concentração em sua vida, mas também, e de maneira mais geral, por símbolos muito comuns, que em todos os lugares se representam em alguns rituais, em culturas ou em sonhos, imaginação e obras de arte.

Para Jung, o *Self* é o arquétipo central de organização e da totalidade do homem. É o organizador dos “organizadores”, que preside as grandes etapas de transformação psíquica, o conceito chave de sua teoria e de sua conduta analítica.

O *Self* é aquilo para o qual nos direcionamos sempre e o objetivo jamais atingido da vida, em relação e, ao mesmo tempo, em oposição ao ego. Em outras palavras, oposto à personalidade consciente que ele também inclui, pois é muito mais vasto que ela e a transcende. Ele é, de alguma maneira, a quintessência do indivíduo.

No plano teórico, é uma instância hipotética e paradoxal, um “conceito-limite” que representa a unificação “virtual” de todos os opostos que estão em cada um de nós: masculino-feminino, positivo-negativo, corpo-psique, matéria-espírito etc. Isso no sentido de que, como já vimos, a conduta junguiana consiste, antes de tudo, em “tornar-se” consciente por meio do trabalho de “diferenciação” desses opostos, quer dizer, de reconhecimento e integração, pelo ego, daquilo que busca emergir do inconsciente e vem, da mesma maneira, opor-se ao consciente.

- Ou aquilo foi reprimido em um momento da existência porque era indesejável ou inaceitável pelo consciente: erro, vergonha, culpa etc.
- Ou porque aquilo vem contrariar meu desejo consciente e a “vontade” de meu ego, como vimos a respeito da sombra ou da *anima* e do *animus*, por exemplo.
- Ou porque aquilo emerge espontaneamente do inconsciente sob a forma de um símbolo, por exemplo, como algo totalmente desconhecido do ego e com o qual este deve confrontar-se e ao qual deve submeter-se como uma exigência vinda de outro local e sobre a qual ele não é mestre.

Jung explica que o *Self* é uma instância “vazia”, o que não significa, para ele, que haja aí uma “falta” ou uma “ausência”, mas que nós devemos lidar com o “incognoscível”.

É nesse sentido que ele diz também que “a experiência do *Self* representa uma derrota do ego”,⁵ que questiona radicalmente “as

identificações e projeções egoicas”,⁶ porque o *Self* não é o ego, mas sim uma instância estruturante e organizadora muito mais vasta do que ele, daí acabar sempre se impondo, quer o ego queira ou não.

Os símbolos do *Self*

O *Self* é representado, com frequência, com formas redondas, círculos, quadrados. Assim como a mandala, o círculo é uma imagem da totalidade que é sempre uma imagem da divindade. Jung explica que, assim como os jesuítas traduziram Tao por Deus, também podemos definir o vazio do centro como Deus. Trata-se, aqui, de uma ideia muito antiga que remonta a um período bem anterior à nossa era. Jung mostra que ela já se exprimia no Egito e em Parmênides no século VI a.C.⁷ A historicidade desse símbolo o conduz a fazer do *Self* uma ideia que reflete todas as imagens de totalidade e de unidade, quaisquer que sejam, e, mais particularmente, as contidas e utilizadas nas religiões monoteístas ou outros sistemas monistas.⁸

Assim, além das formas redondas, o *Self* pode também se manifestar sob outras formas simbólicas como as de uma ilha, uma catedral, uma criança, um ser sábio ou de natureza eterna como o Cristo ou o Buda etc. Jung considera que, em nossas sociedades ocidentais, o Cristo é “a analogia mais próxima do *Self* e de sua significação”,⁹ da mesma maneira que o Atman, na Índia, ou o Tao, na China. Para ele, a imagem da crucificação do Cristo *entre os dois ladrões* é o símbolo que representa o fato de que o desenvolvimento da consciência não pode ser feito sem “a crucificação do ego, *quer dizer, sua suspensão torturante entre opostos inseparáveis*”,¹⁰ uma vez que o que é oposto ao ego constitui sempre uma ameaça à sua supremacia.

Esse aspecto é extremamente importante, pois significa que, por um lado, nenhum símbolo do *Self* poderá jamais cumprir plenamente seu papel de centração e de reorganização do psiquismo enquanto o indivíduo não souber, de início e em consciência, fazer face a sua própria negatividade. Pode, por

vezes, ser tentador deturpar uma noção como a do *Self* em benefício do narcisismo, colocando o *Self* a serviço de objetivos exatamente inversos aos dele, isto é, a unificação da personalidade. Devido ao fato de tais símbolos serem sempre carregados de uma energia poderosa, não é raro, quando aparecem, de a pessoa deixar-se “possuir” por eles, seja identificando-se com eles – e, nesse caso, em lugar de ser “crucificado”, o ego elimina a tensão oposta e “fica tomado” pelo *Self*, ou seja, por Deus – seja deixando-se fascinar pela projeção que o sujeito vai fazer dele no exterior, o que paralisa o ego e o desconecta de suas capacidades de discernimento.

A identificação do ego com o *Self* coloca o sujeito em situação de poder absoluto e o encerra no imaginário. Esse estado pode ser muito perigoso tanto para o indivíduo cujo ego está identificado com o *Self* como para quem está à sua volta, estando todos, de uma maneira ou de outra, sob a mesma influência.

É assim que atuam os “gurus” de todo tipo, assim como o perverso narcísico, que provoca muitos estragos, em termos de destruição psíquica e esterilização da criatividade naqueles que consegue captar em sua rede. Mas é necessário compreender bem que aquilo com o que ele se identifica é exatamente o que ele representa e encarna para suas “vítimas”, quer dizer, a imagem da Totalidade, com a aura de divindade que a acompanha e que, de fato, o fascina. Isso explica a confiança que suas “vítimas” têm nele e a falta de discernimento tão grande com relação a ele, decorrentes da “desconexão” de seu ego em razão da fascinação, já que o perverso mata o pensamento do outro, o que, por vezes, pode dar a impressão de que as “vítimas” estejam “consentindo”.

Aí está a energia propulsora de todos os despotismos, sejam eles políticos, religiosos, profissionais ou domésticos, donde a extrema importância de saber recuperar “no interior” de si a força que se exerce em direção à totalidade e autonomia. É uma força que não deixa jamais de se manifestar em todos e, por isso, é importante que se permita que ela se desenvolva “em si mesma”, sem se identificar com ela nem expulsá-la para o exterior, pedindo a outro que a encarne por nós. Sem “pervertê-la”, então, porque

reconhecida ou mal conhecida, consciente ou inconsciente, ela agirá de qualquer maneira, a nosso favor ou contra. Jung diz que, nesse caso, ela pode tomar a forma de um “destino”.

O processo de individuação

Jung denomina a relação que se instaura entre o ego e o *Self*, em uma dinâmica de compensação, complementaridade e tensão de opostos, de *processo de individuação*. É a “grande história” da segunda parte da vida, sendo a primeira essencialmente consagrada a nos “individualizar”, ou seja, a nos construir, adaptando-nos ao mundo exterior: crescer, estudar, ter um trabalho estável, fundar uma família etc. Isso não significa que o *Self* não esteja ativo na primeira parte da vida, mas ele age de outra maneira e de forma mais discreta, porque inconsciente.

O processo de *individuação* é o processo de transformação interior que permite a síntese do consciente e do inconsciente. É o processo por meio do qual nos tornamos um “in-divíduo”, ou seja, um ser único, inteiro e autônomo.

Ele responde a uma dinâmica interna que se ordena em torno do *Self* e cujo centro não é mais o ego, como na individualização da primeira parte da vida. O processo de *individuação* conduz a uma organização diferente e, sobretudo, mais complexa da personalidade, e em seu objeto último ao confronto com o “vazio” do centro, quer dizer com o incognoscível.

No final de um período difícil e caótico no qual todo seu mundo se transformou, levando à perda de seus parâmetros – nascimento de seus filhos, morte prematura de seus pais, divórcio etc. – Julie, quarenta anos, professora escolar, que vive em uma espécie de desagregação e com frequência submergida pelos acontecimentos, tem, um dia, o seguinte sonho:

“Chego à China, onde sou acolhida por um homem com uma barba longa e pontuda, vestido com um grande mantô à moda dos antigos chineses. Ele traz em suas mãos um livro, uma espécie de manuscrito velho, que me entrega cerimoniosamente como um presente de boas-vindas. Atrás dele se desenha uma paisagem enorme e magnífica. Estamos os dois sós na imensidão em que reina um grande silêncio. Sinto uma paz interior profunda.”

Ao acordar, Julie está surpresa de ter tido esse sonho, que contrasta tanto com sua vida no momento. Nos dias que se seguiram, ela constata que a angústia na qual vivia permanentemente atenuou em grande medida. O velho chinês que a acolhe com aquele livro de sabedoria como presente de boas-vindas a um mundo pacífico corresponde a um estilo de vida completamente diferente do que ela teve até então.

Desde que ela saiba, logicamente, elaborar seu interesse em mudar e que seu consciente aceite permanecer à escuta do que se apresenta a ela dessa maneira, o aparecimento do velho chinês pode ser o anúncio de uma mudança importante em sua vida. Em todo caso, é assim que ela entende. Como uma espécie de promessa do inconsciente que simbolicamente procura chamar-lhe a atenção para a entrada em um mundo que lhe é totalmente estranho.

Trata-se, nesse caso, tipicamente de um símbolo do *Self* que anuncia a reorganização do psiquismo a partir de um novo centro que não será mais o ego. Como mostra o sonho, a perspectiva desse novo centro é imensa e acompanhada de calma e paz.

Julie soube ouvir a mensagem de seu inconsciente, pois, a partir desse sonho, lentamente sua vida se recentrou e se modificou. Pouco a pouco, ela se tornou menos angustiada, menos dispersa e muito mais centrada em seu mundo interior.

Em breve, retomou os estudos de arquitetura, que havia interrompido para se casar, muitos anos antes, quando ficou grávida. Isso lhe permitiu ser o que sempre quis, mas as circunstâncias da vida até aquele momento impediam-na de fazê-lo. Quer dizer, de ser ela mesma, um ser inteiro e autônomo.

A entrada em cena do *Self* e o processo de individuação que ele engrena recentram a energia e a vida no interior. Então, nesse momento, produz-se uma introversão da libido que ativa outros conteúdos inconscientes e provoca uma inversão de valores. Entretanto, essa introversão – inescapáveis tensão dos opostos e “crucificação do ego” – deve permanecer em relação com o mundo, pois a individuação não exclui a realidade exterior e o mundo, mas, ao contrário, ela o inclui.¹¹

Capítulo 14

O MEIO DA VIDA

Ao meio-dia começa a descida, determinando uma inversão de todos os valores e de todos os ideais da manhã.¹

Comparando a trajetória de nossa vida à do Sol, Jung se perguntava por que não existiam grandes escolas para ensinar aos quadragenários a vida de amanhã, que, com excessiva frequência, após o “solstício”, é acompanhada de catástrofes, seja no plano físico, psíquico ou conjugal.

Enantiodromia

Mesmo que o *Self* esteja presente e ativo desde o início da vida, ele não entra em ação imediatamente de maneira aberta, pois, para o bebê e a criança pequena, ele é, antes de tudo, transmitido pela mãe.² No entanto, é ele quem impulsiona o desenvolvimento psíquico, tanto durante a infância como na idade adulta, tanto na primeira parte da vida quanto na segunda.

Quando o ego se confunde com a atitude externa e volta resolutamente as costas ao que acontece no inconsciente, quer dizer, ao que emana do *Self*, este será obrigado a forçar a porta, de sorte que, segundo Jung, aquele ou aquela que se identifica com sua atitude externa – *persona* viril, professoral, mãe perfeita, sedutora etc. – torna-se, irremediavelmente, presa de processos internos.

Jung chama esse fenômeno de “enantiodromia”.³ Ele expressa o retorno em seu contrário da atitude consciente e o brusco aparecimento da contraposição que, no inconsciente, é construída em compensação a uma posição consciente excessivamente orientada a uma única direção e em detrimento de seu oposto. O exemplo mais conhecido é o da conversão de Paulo de Tarso ou

Saulo na Bíblia.⁴

Paulo era conhecido por seu caráter violento e intratável e por sua intransigência com relação aos discípulos de Jesus, que ele perseguia e combatia com ferocidade. Mas, um dia, quando caminhava em direção a Damasco, foi atingido por uma luz vinda do céu que o envolveu com sua claridade. Ele caiu por terra cego e petrificado e ouviu uma voz que lhe dizia: “Saulo, Saulo, por que me persegues?”. A partir dessa experiência, Paulo se transforma, então, *radicalmente* e se torna um dos apóstolos mais fiéis a Jesus.

Da mesma maneira, o sonho de Barbara fez com que ela desse uma reviravolta em sua vida (ver o exemplo na página 116). Se era o símbolo de uma imagem do deus Shiva, de uma imagem de *animus*, esta estava, de fato, fortemente “contaminada” pela imagem do *Self*. Ela contém as qualidades arquetípicas mais características: emoção, intensidade, divindade, conjunção de opostos, o pulsional e o espiritual etc. Diante dessa irrupção brutal, ela também foi “atingida”, como Paulo foi, segundo a Bíblia. E ela quase perdeu a vida e o entendimento, pois não estava preparada para isso. Foram necessários vários meses de trabalho analítico para conseguir distinguir essas duas imagens que correspondiam a dois conteúdos psíquicos diferentes – *animus* e *Self* – e que eram também duas direções diferentes para dar a seu psiquismo.

A enantiodromia se produz nos momentos em que uma mudança se impõe, em especial nesse ponto de transição do “meio da vida”, que é o momento no qual o *Self* tenta tomar o comando das operações, e corresponde ao início do processo de individuação. Um tempo de questionamento e de transformação, se soubermos entender de que se trata verdadeiramente; um momento em que consciente e inconsciente devem imperativamente entrar em relação para que as energias se reequilibrem e possam expressar a outra vertente de nossa personalidade.

Como para Barbara e Paulo, a enantiodromia manifesta-se geralmente, para nós, como um golpe de raio em um céu sereno. Trata-se de um forte empurrão do inconsciente que, de repente, irrompe em nossa vida, nos desconcerta, traz uma reviravolta e quer, com isso, forçar uma mudança. Se, nessa ocasião, a

mensagem do inconsciente não for entendida em termos de para que ela serve verdadeiramente, isso pode tomar formas, por vezes, dramáticas. Pode, por exemplo, desembocar em graves acidentes ou somatizações invalidantes: acidentes de carro, AVCs, enfartes, início de doenças etc. Pode, ainda, aparecer por meio de atuações intempestivas, como vimos a respeito de alguns homens, em especial aqueles que, no momento de se abrir para os valores do “sentimento” e de atenuar uma racionalidade mordaz e esterilizante, deixam bruscamente a mulher e os filhos para se casar com outra mulher. É o que chamamos comumente de “demônio do meio-dia”.

Primeiro amor

O meio da vida é o momento em que fazemos o balanço conosco mesmos, em que realizamos o exame de nossa vida, quando começa a “descida” do Sol. De maneira que é, com frequência, também um tempo de depressão. Na realidade, devemos, então, renunciar a uma ideia de juventude eterna e abandonar certas ilusões que nos fizeram viver até então.

Com frequência, não temos o mesmo ardor, estamos cheios de tristeza e rugas, e cabelos brancos começam a aparecer no horizonte. Já criamos belos filhos a quem consagramos toda nossa energia, mas o que fizemos de nossos talentos? Tivemos sucesso em uma carreira brilhante, mas em que se transformou nossa vida afetiva? Nós medimos o caminho percorrido e olhamos o tempo passado, por vezes, com nostalgia. Nossa juventude ficou para trás, e entramos em outra fase de vida. Para a maioria de nós, nada fácil de aceitar.

Alguns passam, então, o filme ao inverso e pedem ajuda, de maneira real ou fantasmática, a seu primeiro amor. Àquele ou àquela por quem vibraram tão intensamente, como somente na primeira vez sabemos fazer.

De fato, o primeiro amor representa a escolha que não fizemos, o caminho que não pudemos, não quisemos ou não ousamos tomar em um momento de nossa vida para irmos em direção

completamente diferente; é o que ficou na beira da estrada, quer dizer, um aspecto de nós mesmos que, em benefício de outro, precisamos abandonar e permaneceu não cultivado.

Simbolicamente, o primeiro amor encarna, portanto, essa “falta de escolha”, esse “não vivido”. É por isso que alguns partem para retomá-lo na realidade, pensando que é com ele que poderão encontrar o que ainda não puderam viver.

Por vezes, encontrar aquele ou aquela que os fez vibrar tão intensamente vinte e cinco ou trinta anos atrás permite efetivamente nos recolocarmos em contato com essa parte deles mesmos que, até então, foi negligenciada em termos de desenvolvimento. Mas, entretanto, o mais frequente é que não passe de um engodo, porque é em nosso interior que cochilam as qualidades encarnadas por esse primeiro amor, e cabe a nós desenvolvê-las “em nós mesmos”, e não, uma vez mais, “delegar” a responsabilidade ao outro do exterior.

Além disso, quando o “primeiro amor” aparece em nossos sonhos ou pensamentos, significa sempre para nós que algo na vida, em particular em nossa vida pulsional, deve mudar. Uma mudança que requer reorganização da vida afetiva e, com frequência e sobretudo, de nossa vida de casal.

Caroline é advogada empresarial. Ela funciona de modo binário e muito rígido: preto/branco, bem/mal. Desde que se casou, sempre teve amantes, como se estivesse constantemente em busca de algo que, por si só, o marido não pudesse oferecer. Ele é alguém a quem, aliás, ela ama muito. Aos quarenta e oito anos, ela teve o seguinte sonho: “Estou com meu marido quando, por acaso, encontro Gérard, meu primeiro amor, com quem tive, aos dezesseis anos, uma relação muito passional. Fico emocionada ao revê-lo e sorrio para ele timidamente. Tudo volta de repente à memória. Hesito um instante, pronta para cair, para me jogar em seus braços e dizer quanto o amo e que espero por ele desde sempre. Em seguida, voltando a mim, tomo a mão de meu marido carinhosamente e continuamos os dois nosso caminho. Ao partir, faço um sinal afetuoso para Gérard, para que ele saiba que o reconheci”.

Gérard é fotógrafo, um homem sensível, um artista e, por intermédio dele, o que ela encontra em seu sonho, o que ela “espera desde sempre” é a parte criativa de sua personalidade. Quando era jovem, na realidade, Caroline pintava e tocava violoncelo, mas abandonou tudo quando entrou no ensino médio, sem nunca retomar. É uma parcela de sua alma que ela

abandonou e deixou de cultivar.

O sonho a abalou bastante, e Caroline chorou longamente ao contá-lo. Uma emoção que voltou de longe, que ela havia confinado desde a adolescência. Ela diz que agora sabe que nunca mais terá amantes e que, mesmo que os filhos estejam saindo de casa, é com seu marido que deve tentar encontrar uma vida de casal adulta e equilibrada, correspondente à verdadeira maturidade, porque o que ela sempre buscara “em outros locais” era, de fato, essa parte dela mesma, abandonada há muito tempo: a sensibilidade relegada ao fundo de seu inconsciente, que se faz lembrar de repente para ela, por meio do personagem Gérard. Ela sente quanto é difícil abandonar a ilusão de que o outro virá preencher sua falta, mas, para ela, entrar em outra fase de vida, na qual cada um se assume e é um ser “inteiro”, é uma cartada desafiadora.

O que Jung chama de “solstício” da vida é uma etapa importante que nos obriga a repensar nossa maneira de ser, nossas escolhas de vida, nossos valores.⁵

Capítulo 15

A SINCRONICIDADE, AS COINCIDÊNCIAS SIGNIFICATIVAS

Para a psique inconsciente... o conhecimento acha-se em uma espécie de contínuo espaço-temporal, no qual o espaço já não é mais espaço e o tempo não é mais tempo.¹

Jung interessou-se muito pelo mito de Fausto, aquele que trocou sua alma pelo poder material da ciência. Um mito que ele considerava o do homem moderno, sobre quem ele lamentava que não podia fazer a experiência do oculto e do irracional na época. Esse assunto foi, desde o início, a primeira grande divergência entre Freud e Jung.

Além e aquém do espaço e do tempo

Muitos conhecem o encontro desses dois homens, tornado célebre por um incidente em particular, significativo sobre a personalidade de cada um.

Foi em 1909, em Viena, no momento exato em que Jung seria consagrado príncipe herdeiro da psicanálise. Freud estava expressando sua hostilidade com relação aos fenômenos ocultos, e Jung, que havia feito sua tese em medicina sobre o tema,² estava interiormente irritado com isso. Mas ele se continha para não deixar nada transparecer e não responder a Freud de maneira excessivamente brusca, quando, de repente, um enorme barulho se fez ouvir, e era proveniente da biblioteca de Freud, como se ela fosse cair sobre a cabeça deles. Freud ficou paralisado, e Jung, por sua vez, não ficou em absoluto surpreso. Levando em conta o que estava sentindo, disse ao amigo que se tratava de um “fenômeno de exteriorização catalítica”, o que Freud apressou-se em rejeitar como um absurdo. Jung, então, retorque, como que para apoiar seu ponto de vista, que aquilo seria reproduzido incessantemente, o que não demorou a acontecer, deixando Freud em estado de choque.

Foi como se o ruído vindo da biblioteca de Freud quisesse expressar o despedaçar de seu edifício científico puramente causalista, que não permitia nenhum espaço para o irracional, e revelar, no exterior, sem que pudesse haver uma razão de causa e

feito, o que Jung sentia interiormente naquele exato momento.

Jung, grande leitor de Kant, conhecia bem a visão detalhada e em simultâneo que teve o cientista Swedenborg, em 1756, do incêndio de Estocolmo.

Swedenborg, enquanto se encontrava em outra cidade, muito longe de lá, teve claramente a visão de um incêndio que ocorreu em Estocolmo. Atormentado, ele confidenciou o fato a seus empregados, chegando ao ponto de dizer que o incêndio se dirigia à casa dele. Mais tarde, ele se tranquilizou ao “ver” que as chamas tinham sido dominadas três portas antes que atingissem a casa dele. Sua visão foi corroborada alguns dias mais tarde por testemunhas diretas do incêndio.

Nessa espécie de fenômeno que antecipa um acontecimento futuro ou coincide, a distância, com outro, como no exemplo de Swedenborg, Jung pensa que, a título provisório, em todo caso, devemos supor a intervenção de coincidências significativas, quer dizer, de algo que é, ao mesmo tempo, “da ordem do sentido e de natureza acausal”.³

“A sincronicidade significa, antes de tudo, a simultaneidade de certo estado psíquico com um ou vários acontecimentos exteriores que aparecem como elementos paralelos significativos com relação ao estado subjetivo do momento e, eventualmente, vice-versa.”⁴

Em seguida a uma queda, o Sr. J., vizinho de Béatrice, morreu repentinamente e de maneira totalmente inesperada. Ele não estava doente. Era um homem que ela apreciava muito por suas qualidades humanas, mesmo que eles jamais tenham tido quaisquer relações além das de simpatia e de boa vizinhança. Sem que ela soubesse, ele foi levado para o hospital, onde morreu pouco tempo depois, e, em seguida, foi trasladado a sua cidade natal, longe de Paris, para ser enterrado. Béatrice não pôde rever o Sr. J. nem lhe dizer adeus. Ela não poderá tampouco ir ao enterro e ficou muito afetada com tudo isso.

Nos dias que se seguiram à morte do vizinho, Béatrice ficou ocupada em colocar um pouco de ordem em seu quarto. De repente, ela ouve um estranho barulho seco: “Toc, toc, toc”. Intrigada, vai até a porta de entrada ver o que é... Ninguém. No entanto, ela tinha certeza de que haviam batido na porta e até mesmo com força. Ela retorna ao seu quarto e novamente: “Toc, toc, toc”... É então que ela vê um pequeno pássaro colorido, talvez um beija-flor, que faz viravoltas diante de sua janela e bate energicamente com seu longo bico contra o vidro, como se quisesse entrar. Béatrice fica com medo e bastante perturbada. É a primeira vez, nos trinta anos que ela mora lá, que esse tipo de coisa acontece. Entretanto, não faltam pássaros nessa região verdejante. Mas um como esse ela nunca tinha visto. Ela percebe, então, que é exatamente o dia e a hora em que seu vizinho está sendo enterrado a 600 km de lá. O pássaro desaparece e não volta nunca mais.

Um mundo “Uno”

A ideia de sincronicidade supõe um mundo unificado no qual a

matéria e o espírito são um.

Jung interessou-se pelo tratado taoísta sobre a experiência do vazio, *Le mystère de la Fleur d'Or* [O segredo da Flor de Ouro], que lhe havia sido enviado por seu amigo, o sinólogo R. Wilhelm. A leitura permitiu a Jung compreender e dar sentido ao que ele próprio tinha vivido durante esses anos de confronto com o inconsciente. Em seguida, o estudo do Yi Jing, o *Livre des transformations*⁵ [I Ching – O livro das mutações], para o qual ele fez a introdução para as versões alemã e inglesa, colocaram-no em relação com outra maneira de compreender os acontecimentos e o mundo, que se apoiava sobre a “não causalidade” e para a qual não existia palavra no Ocidente.

Por outro lado, durante os anos em que Einstein estava em Zurique, ia regularmente à casa de Jung, e os dois homens discutiam interminavelmente sobre ciência e psicologia. Jung gostava muito de ouvir as explicações sobre a teoria da relatividade; em troca, Einstein era iniciado na psicologia.⁶ Mais tarde, foi com Wolfgang Pauli, o Prêmio Nobel de Física, que ele foi introduzido à física quântica. Jung analisou os sonhos dele,⁷ e os dois mantiveram, em seguida, uma longa correspondência.⁸

Para Jung, o mundo estruturado pelos arquétipos enquanto formas vazias, mas geradoras de símbolos e de sentido, é um mundo que ultrapassa nossa natureza tridimensional regida pelo espaço, o tempo e a causalidade, um mundo onde tudo é sempre contíguo e simultâneo a tudo.

A unidade do homem... significa... a possibilidade de produzir também a unidade com o mundo, não com a realidade múltipla que vemos, mas com um mundo potencial que corresponde ao fundamento eterno de toda existência empírica, assim como o *Self* é o fundamento e a fonte original da personalidade e a compreende no passado, no presente e no futuro.⁹

Podemos (pensar)... que, em determinadas circunstâncias, o acaso pode apresentar um caráter de pseudointencionalidade... que ele pode “criar” ordens significativas, de sorte que tudo se passa como se uma intenção causal estivesse em andamento. Está aí o que entendo como sincronicidade.¹⁰

Os acontecimentos sincronísticos são devidos à constelação de um arquétipo, o que, segundo a ótica na qual se situa Jung, condiciona certas “probabilidades” psíquicas. Esse tipo de

acontecimento não pode, portanto, ser previsível, porque se trata de um ato de criação no tempo, ou seja, um ato irregular e único,¹¹ o qual precisa ser entendido pelo que é, sem tender para a magia, nem, em nome de uma racionalidade bitolada, à recusa de ver e ouvir.

CONCLUSÃO

“O que a natureza deixou inacabado, a arte deve terminar.”¹

Em 14 de fevereiro de 1955, o grande periódico americano *Time* fez sua capa com a foto de Jung e o título “A exploração da alma – um desafio para Freud”.² No interior da revista, na rubrica “medicina”, havia um longo artigo intitulado “O Velho Sábio”, que era consagrado a Jung, no qual sua concepção de inconsciente e os grandes pilares de seu método analítico eram explicados de maneira muito clara.

A partir desse momento, ficou evidente, além do Atlântico e para todos os anglófonos, que Jung acabava de ser reconhecido como um dos personagens importantes e influentes desse meio do século XX. Desde o início do período, suas ideias tinham, com efeito, sempre encontrado ampla audiência em todo o mundo anglo-saxão. Jung fez numerosas conferências em Londres, na famosa Tavistock Clinic³ e em outros lugares, além de nas grandes universidades americanas, como Harvard, Yale e a Clark University, em Massachusetts, onde esteve em 1909 e recebeu, assim como Freud, o título de doutor *honoris causa*.⁴

Não somente suas ideias e seus conceitos foram amplamente reconhecidos por essas apresentações, mas também se tornaram muito populares em diversas áreas além da psicologia, como a sociologia, as religiões, as mitologias comparadas, o direito⁵ e as artes: dança, música, cinema, literatura, pintura etc.

O processo de criação, reparador da alma

Jung pensava que, enquanto homem, nada do que dizia respeito ao homem lhe era estrangeiro. Nisso ele incluía, entre outros, a arte moderna “com paixão”.⁶ Vimos como, desde os

primórdios de sua obra, Jung soube acentuar a criatividade do inconsciente e dar sentido aos processos de criação que ele considerava, ao mesmo tempo, provenientes e reparadores da alma.

É a expressão desses processos que está no cerne de seu *Livre rouge* [*O livro vermelho*], no qual, durante anos, à maneira de William Blake, Jung se dedicou a copiar em letras góticas e a ilustrar magnificamente seus sonhos, bem como seus diálogos com os personagens do inconsciente. Igualmente, seja por ele mesmo, para dar forma às suas emoções e representar suas vivências internas,⁷ no trabalho terapêutico com seus pacientes, ou de maneira mais geral, a criatividade e a criação estão na origem e no coração da obra de Jung.

Além de suas próprias produções picturais e dos textos que as acompanham, Jung interessou-se particularmente pela poesia e, aliás, escreveu artigos sobre dois grandes pioneiros, cada um em sua área: Joyce, na literatura, e Picasso, na pintura.⁸ Ele considerava a expressão desses artistas como o reflexo de sua genialidade pessoal e da visão de mundo⁹ da época, que seus inconscientes souberam captar apesar deles. Era um tempo, o início dos anos 1930, sombrio e perturbado, à beira de uma catástrofe, cujas semelhanças evidentes com a esquizofrenia Jung soube captar.

Ele considera o processo criativo uma descida às profundezas da alma humana, e não a “sublimação” da pulsão sexual desviada de seu objetivo. Esse processo é, ao mesmo tempo, para ele, um movimento natural, mas também uma luta e um confronto quando do surgimento de imagens desse patrimônio da humanidade que ele denomina “inconsciente coletivo”.

Devido ao fato de encarar o trabalho analítico como um mergulho no inconsciente, para dele extrair tesouros escondidos, a postura junguiana está, também, muito próxima do processo criativo que o próprio Jung viveu a partir de seu interior durante toda sua vida. É por isso que muitos artistas foram tocados e inspirados por essa obra profunda e complexa. Eles conseguiram encontrar nela seus próprios processos em ação, sem ter a

impressão de que, ao criar, estivessem se subtraindo do que quer que fosse, mas, ao contrário, eles deparavam com as forças poderosas, tanto criadoras como destruidoras. Da mesma maneira, numerosos são os que reconhecem na obra de Jung seu próprio combate, que sua relação com as imagens inspirou.

Desde a coreógrafa Martha Graham ao cineasta Federico Fellini, passando pelo pintor Jackson Pollock e o escritor Jorge Luis Borges, Jung inspirou muitos artistas de talento ao acentuar a importância do sonho e da criatividade do inconsciente.¹⁰

O incognoscível, fonte de riqueza

Ao ousar manter juntos “a medida e a desmedida (ver 1º capítulo, p. 15), a ordem e a poesia”, Jung foi ele próprio o criador de uma obra abundante e original que, ao mesmo tempo que era uma obra científica, soube abrir-se para o irracional, o desconhecido e o incognoscível.

O médico da alma que ele foi durante toda sua vida dizia que Rainer Maria Rilke tinha bebido das mesmas fontes que ele, quer dizer, do inconsciente coletivo, “ele, como poeta e visionário, e eu, como psicólogo, pelo método empírico”.¹¹ Então, por que não deixar para o poeta o cuidado de concluir...?

A arte é... o amor mais amplo, mais desmedido. É o amor de Deus. Ela não tem o direito de se deter no indivíduo, que é somente a porta da vida. Ela deve atravessá-la. A fadiga lhe é proibida. Para se realizar, ela deve atuar lá onde todos – são um. E, quando ela oferece esse um, então sobrevém a todos uma riqueza sem limites.¹²

Haveria homenagem mais bela à criação, à dimensão espiritual da arte e ao *Self*, tal como Jung o definiu, do que essas poucas linhas de Rilke? Quase poderíamos dizer à obra inteira de Jung, ainda que, provavelmente, os dois homens não tenham nunca se encontrado na realidade.

Entretanto, é interessante constatar que o “Velho Sábio” que era Jung e o “jovem poeta” que era Rilke foram, os dois, beber “da mesma fonte”, a da infinita riqueza do mundo dos arquétipos, no qual o corpo e o espírito são Um.

De fato, é aí que eles se encontram. É também aí que a obra de

Jung nos convida a chegar, para permitir que nossa criatividade desabroche e que o ser único que somos aconteça.

GLOSSÁRIO

Anima: é o feminino do homem, quer dizer, sua parte inconsciente, que compensa sua masculinidade.

Animus: é o masculino da mulher, quer dizer, sua parte inconsciente, que compensa sua natureza feminina.

Arquétipos: são formas instintivas de representações mentais que estão na origem das imagens universais, tais como o Herói, o Velho Sábio, a Grande Mãe etc. Os arquétipos são o que estrutura o inconsciente coletivo.

Complexos: são fragmentos psíquicos carregados afetivamente que têm vida autônoma no inconsciente e detêm o desenvolvimento, perturbando a vida consciente.

Consciente: é o que se extrai do inconsciente conforme acontece o desenvolvimento psíquico do indivíduo.

Deixar acontecer: do alemão *Geschehenlassen*, atitude que pede que deixemos emergir os conteúdos inconscientes não como devaneios, mas com o objetivo de um confronto com eles, visando integrá-los à consciência.

Ego: é o centro da consciência. Ele está no cruzamento de nossos conteúdos conscientes e inconscientes.

Enantiodromia: é aquilo que se transforma em seu contrário; mais precisamente, o aparecimento repentino da contraposição inconsciente no consciente.

Energia: para Jung, é um sinônimo de *libido*.

Imagens: expressam a criatividade do inconsciente e são a forma que a libido toma nos sonhos, nas fantasias ou na imaginação.

Imaginação ativa: é a maneira de dialogar com o inconsciente, a partir de uma emoção, deixando vir as imagens e se deixando experimentar por elas como se fossem personagens reais.

Inconsciente: é o mundo subjacente do indivíduo, desconhecido por ele, que escapa ao controle da consciência. Sem que ele saiba, o inconsciente influencia sua vida, suas emoções, seus comportamentos e, com frequência, dirige suas ações.

Inconsciente coletivo: é a camada profunda e primitiva do inconsciente, estruturada pelos arquétipos e que está em relação com o corpo e os instintos.

Individuação (processo de): é o processo natural de transformação interior, por meio do qual nos tornamos um “indivíduo”, quer dizer, um ser autônomo e “inteiro”.

Libido: é a energia que se manifesta no processo de vida. Ela pode se comunicar com todas as áreas: a fome, a religião, o poder, a sexualidade etc.

Meio da vida: a crise que muitos atravessam entre os quarenta e os cinquenta anos; é uma passagem importante da vida que impulsiona o indivíduo a se interrogar sobre suas verdadeiras aspirações e a reorganizar sua vida em função do *Self*, e não mais do ego.

Numinoso: essa noção existe para aproximar os arquétipos. Ela designa o espanto, quer dizer, a submissão passiva que provoca a irrupção do sagrado na vida de um indivíduo, pelo viés de uma imagem arquetípica, que pode tanto fascinar como inspirar repulsa.

Persona: é a máscara, o conjunto de papéis que o indivíduo aceita desempenhar em sua vida, a fim de se adaptar ao ambiente. Ela age como uma proteção, mas pode também cortar o indivíduo de uma parte dele mesmo.

Projeção: é o mecanismo por meio do qual o indivíduo exterioriza seus conteúdos inconscientes ao atribuí-los aos outros.

Self: é o centro arquetípico da personalidade total, consciente e inconsciente, que está ao lado do ego e que se opõe a ele. Ele representa a unificação virtual de todos os opostos.

Símbolo: é a forma que toma um arquétipo para se representar. Ele expressa o que é indizível, porque ainda desconhecido por

nós.

Sincronicidade: é a simultaneidade entre um estado psíquico dado e um ou vários acontecimentos exteriores sem relação causal aparente.

Sombra: são os aspectos de nossa personalidade que não reconhecemos e que consideramos inaceitáveis, porque se opõem à imagem ideal que temos de nós mesmos.

Unilateralidade: é o que se desenvolve em um único sentido. A unilateralidade da consciência é perigosa, porque ela coloca o indivíduo em uma tensão grande demais e em desequilíbrio energético, pelo fato de o conteúdo do inconsciente ser ignorado.

Coleção AMOR E PSIQUE

Coordenação: Dra. Maria Elci Spaccaquerche

Dr. Léon Bonaventure

O autoconhecimento e a dimensão social

- *Meditações sobre os 22 arcanos maiores do tarô*, Anônimo
- *Encontros de psicologia analítica*, Maria Elci Spaccaquerche (org.)
- *A família em foco: sob as lentes do cinema*, Marfiza Terezinha Ramalho Reis; Maria Elci Spaccaquerche (orgs.)
- *Jung, o médico da alma*, Viviane Thibaudier
- *Entrevistas com Marie-Louise von Franz*, VV.AA. (org.)
- *Psicologia profunda e nova ética*, Erich Neumann

Contos de fadas e histórias mitológicas

- *A individuação nos contos de fada*, Marie-Louise von Franz
- *A interpretação dos contos de fada*, Marie-Louise von Franz
- *O que conta o conto?*, Jette Bonaventure
- *O gato: um conto da redenção feminina*, Marie-Louise von Franz
- *Mitologemas: encarnações do mundo invisível*, James Hollis
- *A ansiedade e formas de lidar com ela nos contos de fadas*, Verena Kast (ebook)

Corpo e a dimensão fisiopsíquica

- *Corpo poético: o movimento expressivo em C. G. Jung e R. Laban*, Vera Lucia Paes de Almeida (ebook)
- *Dioniso no exílio: sobre a repressão da emoção e do corpo*, Rafael Lopez-Pedraza
- *Medicina arquetípica*, A. J. Ziegler
- *Presença no corpo: eutonia e psicologia analítica*, Marcel Gaumond

O feminino

- *Os mistérios da mulher*, Mary E. Harding
- *A prostituta sagrada*, Nancy Qualls-Corbett
- *As deusas e a mulher*, Jean Shinoda Bolen
- *O medo do feminino*, Erich Neumann
- *O que conta o conto? (II): Variações sobre o tema mulher*, Jette Bonaventure
- *Liderança feminina: gestão, psicologia junguiana, espiritualidade e a jornada global através do purgatório*, Karin Jironet

O masculino

- *Sob a sombra de Saturno*, James Hollis
- *O pai e a psique*, Alberto Pereira Lima Filho
- *Os deuses e o homem*, Jean Shinoda Bolen

Maturidade e envelhecimento

- *A passagem do meio: da miséria ao significado da meia-idade*, James Hollis
- *Incesto e amor humano: a traição da alma na psicoterapia*, Robert Stein
- *No meio da vida: uma perspectiva junguiana*, Murray Stein
- *Assombrações: dissipando os fantasmas que dirigem nossas vidas*, James Hollis

Psicologia e religião

- *Uma busca interior em psicologia e religião*, James Hillman
- *A busca de sentido*, Marie-Louise von Franz

Psicoterapia, imagens e técnicas psicoterápicas

- *Psiquiatria junguiana*, Heinrich Karl Fierz
- *Psicoterapia*, Marie-Louise von Franz
- *O abuso do poder na psicoterapia e na medicina, serviço social, sacerdócio e magistério*, Adolf Guggenbühl-Craig
- *O mundo secreto dos desenhos: uma abordagem junguiana da cura pela arte*, Gregg M. Furth
- *Saudades do paraíso: perspectivas psicológicas de um arquétipo*, Mario Jacoby
- *O Mistério da coniunctio: imagem alquímica da individuação*, Edward F. Edinger
- *Psicoterapia junguiana e a pesquisa contemporânea com crianças: padrões básicos de intercâmbio emocional*, Mario Jacoby
- *Letras imaginativas: breves ensaios de psicologia arquetípica*, Marcus Quintaes
- *O mundo interior do trauma: defesas arquetípicas do espírito pessoal*, Donald Kalsched
- *Compreensão e cura do trauma emocional*, Daniela F. Sieff
- *Miscellanea: escritos diversos*, Dr. Leon Bonaventure, Jette Bonaventure

O puer

- *Puer Aeternus: a luta do adulto contra o paraíso da infância*, Marie-Louise von Franz
- *O livro do puer: ensaios sobre o arquétipo do Puer Aeternus*, James Hilman

Relacionamentos e parcerias

- *Os parceiros invisíveis: o masculino e o feminino*, John A. Sanford
- *Eros e pathos: amor e sofrimento*, Aldo Carotenuto

Sombra

- *A sombra e o mal nos contos de fada*, Marie-Louise von Franz
- *Mal, o lado sombrio da realidade*, John A. Sanford
- *Os pantaneais da alma: nova vida em lugares sombrios*, James Hollis

Sonhos

- *Os sonhos e a cura da alma*, John A. Sanford
- *Aprendendo com os sonhos*, Marion Rausch Gallbach
- *Como entender os sonhos*, Mary Ann Mattoon
- *Sonhos na psicologia junguiana: novas perspectivas no contexto brasileiro*, VV.AA.
- *Pã e o pesadelo*, James Hillman
- *Breve curso sobre os sonhos*, Robert Bosnak

Título original
100% Jung
© Group Eyrolles, 2011, Paris, France
ISBN 978-2-212-54990-4

Tradução
Martha Gouveia da Cruz
Alexandra D. de Sousa

Direção editorial
Claudio Avelino dos Santos

Revisão
Caio Pereira
Iorlando Rodrigues Fernandes
Mario Roberto de M. Martins

Coordenação de desenvolvimento digital
Rodrigo Moura de Oliveira

Desenvolvimento digital
Júlia Cardoso Nascimento

Conversão ePUB
PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Thibaudier, Viviane
Jung, médico da alma [livro eletrônico] / Viviane Thibaudier ; tradução de Martha Gouveia da Cruz, Alexandra D. de Sousa. —
São Paulo: Paulus, 2021.
314 Kb ; ePUB — Coleção Amor e psique.

Título original: 100% Jung.
ISBN 978-65-5562-356-7 (e-book)

1. Jung, Carl Gustav, 1875-1961 - Crítica e interpretação I. Título. II. Cruz, Martha Gouveia da III. Sousa, Alexandra D. de IV.
Série

CDD-150.195092
21-3776 CDU 159.9

Índice para catálogo sistemático:
1. Jung, Carl Gustav, 1875-1961 - Crítica e interpretação



Seja um leitor preferencial **PAULUS**.
Cadastre-se e receba informações
sobre nossos lançamentos e nossas promoções:
paulus.com.br/cadastro
Televentas: (11) 3789-4000 / 0800 016 40 11

1ª edição, 2021 (e-Book)

© PAULUS-2021
Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 São Paulo (Brasil)
Tel. (11) 5087-3700
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br
ISBN 978-65-5562-356-7

INTRODUÇÃO

¹ C.G. Jung, *Ma vie. Souvenirs, rêves et pensées*, Gallimard, NRF, 2005 [*Memórias, Sonhos, Reflexões*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1983].

² O *Jahrbuch für psychoanalytische und psychopathologische Forschungen*, fundado em Salzburgo, em 27 de abril de 1908, com Bleuler e Freud como diretores e Jung como redator-chefe.

³ Ver C.G. Jung, *Commentaire sur le mystère de la Fleur d'Or*, Albin Michel, 1979 [C. G. Jung e R. Wilhelm, *O segredo da Flor de Ouro: um livro de vida chinês*, Petrópolis, Vozes, 1977 (“Comentário Europeu de C.G. Jung”)], assim como seus comentários sobre o *Livre des morts tibétains* [*Livro tibetano dos mortos*] (Bardo Thödol), e o *Livre tibétain de la Grande Délivrance* [*Livro tibetano da grande liberação*], em *Psychologie et orientalisme*, Albin Michel [*Psicologia e religião oriental*, Obras Completas de Carl Gustav Jung, V. 11/5, Petrópolis, Vozes, 1982]. Ver igualmente seus diferentes prefácios para o livro de D. T. Suzuki, *Introduction au bouddhisme zen*, Buchet/Chastel, 1996 [*Introdução ao Zen Budismo*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1961], e para as traduções alemãs e inglesas do *Yi King*, Albin Michel, 2005 [Prefácio de Jung ao *I Ching – O livro das mutações* (org. Richard Wilhelm), São Paulo, Pensamento, 2013], ou de *Psychologie du yoga et de la Kundalini* [*Psicologia da Ioga e da Kundalini*], Albin Michel, 2005 etc.

⁴ A esse respeito, ver, entre outras obras: M. Cazenave, *Sciences et conscience, les deux lectures de l'univers* [Ciências e consciência, as duas leituras do universo], Stock, 1980, ou *La synchronicité, l'âme et la science*, Albin Michel, 1994 [*A Sincronicidade, a alma e a ciência*, Lisboa, Instituto Piaget, 1994].

⁵ C. G. Jung, *Psychologie du Transfert*, Albin Michel, 1980, p. 55 [“Psicologia da Transferência”, em *A Prática da Psicoterapia*, Obras Completas de Carl Gustav Jung, V. 16/1, Petrópolis, Vozes, 1981].

CAPÍTULO 1

¹ C. G. JUNG, *Ma vie. Souvenirs, rêves et pensées*, op. cit., p. 28 [*Memórias, Sonhos, Reflexões*, op. cit.].

² Cf. M. POROT, *L'enfant de remplacement* [O filho substituto], Edições Frison-Roche, 1993 ou E. POSNANSKI, “The ‘replacement child’: a saga of unresolved parental grief” [O “filho substituto”: uma saga de dor parental não resolvida], em *Journal of developmental and behavioral pediatrics* [Revista de pediatria do desenvolvimento e comportamental], 81, 6, p. 1190-1193.

³ C. G. JUNG, *Ma vie, souvenirs, rêves et pensées*, op. cit. [*Memórias, Sonhos, Reflexões*, op. cit.].

⁴ Id., *Psychogenèse des maladies mentales*, Albin Michel, 2001, p. 330 [*Psicogênese das Doenças Mentais*, Obras Completas de Carl Gustav Jung, V. 3, Vozes, 1986].

⁵ Ainda que, desde 1870, a Alsácia tenha sido reivindicada pela Alemanha, ela não se tornou menos “francesa”.

⁶ C. G. JUNG, *The Zofingia Lectures* [As conferências de Zofingue], Princeton, Bollingen série XX, 1983 (tradução francesa no prelo).

⁷ Eugen Bleuler (1857-1939): psiquiatra suíço e professor de psiquiatria em Zurique, que, em 1911, inventou o termo “esquizofrenia”, com o qual rebatizou a *demência precoce* para exprimir que se tratava do despedaçar da personalidade.

⁸ Wilhem Wundt (1832-1920): filósofo e médico alemão que fundou, em Leipzig, o

primeiro laboratório de psicologia experimental, no qual numerosos médicos europeus e americanos vieram se formar com seus métodos.

⁹ Alfred Binet (1857-1911): inventor, com Jules Simon, do teste de inteligência Binet-Simon. Por meio do teste que aplicou em crianças das escolas, percebeu as semelhanças flagrantes que existiam entre a normalidade e a anormalidade, não somente entre crianças, mas também entre as “grandes mentes”.

¹⁰ Pierre Janet (1859-1947): filósofo e médico francês, professor no Hospital da Salpêtrière, uma das figuras mais importantes, junto a Charcot, da psicologia francesa.

¹¹ S. FREUD, *L'interprétation des rêves*, Paris, PUF, 1980 [A *Interpretação dos Sonhos*, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, V. 4, Rio de Janeiro, Imago, 1972].

¹² S. FREUD, J. BREUER, *Études dus l'hystérie*, Paris, PUF, 1975 [Estudos sobre a histeria, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, V. 2, Rio de Janeiro, Imago, 1990], e S. FREUD, “Sur l'étiologie de l'hystérie”, em *Oeuvres complètes III*, 1894-1899, Paris, PUF, 1989 [Sobre a etiologia da histeria, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, V. 3, Rio de Janeiro, Imago, 1987].

¹³ C. G. JUNG, “Études sur les associations de mots”, em *Collected Works*, vol. 2, Princeton University Press, 1973 [“Estudos diagnósticos de associação”, em *Estudos Experimentais*, Obras Completas de Carl Gustav Jung, V. 2, Petrópolis, Vozes, 1997].

¹⁴ Principalmente o filme de Roberto Faenza, *L'âme en jeu* [Jornada da Alma], a peça de Christopher Hampton, *Parole et guérison* [Palavra e cura], e sua adaptação para o cinema de Cronenberg, *A dangerous method*. Ver também o livro de J. Kerr, *A dangerous method, the story of Jung, Freud and Sabina Spielrein* [Um método perigoso, Alfred A. Knopf, 1993].

¹⁵ S. FREUD, C. G. JUNG, *Correspondence*, vol. 1, p. 271 [Correspondência Completa de Sigmund Freud e Carl G. Jung, Rio de Janeiro, Imago, 1993].

¹⁶ S. FREUD, *L'interprétation des rêves*, op. cit., p. 517 [A *Interpretação dos Sonhos*, op. cit.].

CAPÍTULO 2

¹ C. G. JUNG, *Métamorphoses de l'âme et ses symboles*, Georg, 1972, prefácio [Símbolos da Transformação, Obras Completas de Carl Gustav Jung, V. 5, Petrópolis, Vozes, 1986].

² Ver o sonho de Jung, capítulo 1, página 17.

³ Temos uma ilustração disso no filme *Le Ruban Blanc* [O laço branco], de Michael Haneke, outubro de 2009.

⁴ AGNEL *et al.*, *Dictionnaire Jung* [Dicionário Jung] Paris, Ellipses, 2008, entrada “religioso”.

⁵ Como Stalin, na Rússia, Mao Tse Tung, na China, ou Ali Khamenei, no Irã.

⁶ C. G. JUNG, *Les racines de la conscience* [As raízes da consciência], Buchet/Chastel, 1971, p. 110 [Ensaio que deu forma inicial ao livro que mais tarde foi intitulado *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*, Obras Completas de Carl Gustav Jung, V. 9/1, Petrópolis, Vozes, 2000].

⁷ C. G. JUNG, *Métamorphoses de l'âme et ses symboles*, op. cit., p.677 [Símbolos da Transformação, op. cit.].

⁸ *Ibid.*, p. 515.

⁹ Zone d'éducation prioritaire [Zona de Educação Prioritária].

CAPÍTULO 3

¹ C. G. JUNG, *La guérison psychologique* [A cura psicológica], Genebra, Georg, 1987, p. 207 [A *Prática da Psicoterapia*, Obras Completas de Carl Gustav Jung, V. 16/1, Petrópolis, Vozes, 1981].

² *Id.*, *Correspondance* [Cartas] 1941-1949, Albin Michel, 1993, p. 155.

³ *Id.*, *La guérison psychologique* [A cura psicológica], *op. cit.*, p. 266 [A *Prática da Psicoterapia*, *op. cit.*].

⁴ *Ibid.*

⁵ C. G. JUNG, *Dialectique du moi et de l'inconscient*, Gallimard, 1986, p. 24 [O eu e o inconsciente, Obras Completas de Carl Gustav Jung, V. 7, Petrópolis, Vozes, 1978].

⁶ *Id.*, *Psychologie et éducation*, Buchet/Chastel, 1996, p. 230 [Psicologia analítica e educação, *O desenvolvimento da personalidade*, Obras Completas de Carl Gustav Jung, V. 17, Petrópolis, Vozes, 1978].

⁷ F. PESSOA, *Le Pèlerin*, La Différence, 2010 (“O Peregrino”, em *O Mendigo e Outros Contos*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2012).

CAPÍTULO 4

¹ C. G. JUNG, *L'homme et ses symboles*, Robert Laffont, 1964, p.64 [O Homem e seus Símbolos, Nova Fronteira, 1977].

² C. G. JUNG, *L'homme à la découverte de son âme*, Paris, Albin Michel, 1989, p. 250-51 [O Homem à Descoberta de sua Alma: estrutura e funcionamento do inconsciente, Porto, Livraria Tavares Martins, 1975].

³ *Id.*, *Les types psychologiques*, Georg, 1968, p. 433 [Tipos psicológicos, Obras Completas de Carl Gustav Jung, V. 6, Petrópolis, Vozes, 1991].

⁴ *Id.*, *L'homme et ses symboles*, p. 29, *op. cit.* [O Homem e seus Símbolos, *op. cit.*].

⁵ C. G. JUNG, *Les types psychologiques*, *op. cit.*, p. 469 [Tipos Psicológicos, *op. cit.*].

⁶ *Ibid.*, p. 213.

CAPÍTULO 5

¹ Lao-tse, *Tao tö king*, Gallimard, 1964 [Tao-Te King, São Paulo, Pensamento, 2012].

² Segundo J. NATANSON (“Freud et les images”) [“Freud e as imagens”], em *Imaginaire & Inconscient* ([Imaginário & Inconsciente], 2002/1, n° 5), Freud utiliza os três vocábulos: *Bild* (imagem), *Darstellung* (figuração) e *Vorstellung* (representação). A noção de *Vorstellung* – do verbo *vor-stellen*, colocar diante, enfatiza a ação do sujeito que coloca o objeto imaginário diante dele. A expressão utilizada por Jung implica outra relação entre sujeito e objeto.

³ C. G. JUNG, *Le Livre Rouge*, La Compagnie du Livre Rouge, 2011 [O Livro Vermelho, Petrópolis, Vozes, 2010].

⁴ *Id.*, *Ma vie. Souvenirs, rêves et pensées*, *op. cit.*, VI, p. 198-232 [Memórias, Sonhos, Reflexões, *op. cit.*].

⁵ *Ibid.*, p. 224.

⁶ *Ibid.*

⁷ Ver, a esse respeito, o livro de E. HUMBERT, *Jung*, Hachette Littératures, 2004 [Jung, São Paulo, Summus, 1985].

CAPÍTULO 6

¹ C. G. JUNG, *Les types psychologiques*, *op. cit.*, p. 3 [Tipos Psicológicos, *op. cit.*].

² A esse propósito, cf. *Id.*, *Le Livre Rouge* [O Livro Vermelho, *op. cit.*].

³ C. G. JUNG, *Sur les fondements de la psychologie analytique*, *Les conférences Tavistock*, Albin Michel, 2011, p. 35 [*Vida Simbólica*, Obras Completas de Carl Gustav Jung, V. 18/1, Petrópolis, Vozes, 1999].

⁴ C. G. JUNG, *Sur les fondements de la psychologie analytique*, *Les conférences Tavistock*, *op. cit.*, p. 34 [*A Vida Simbólica*, *op. cit.*].

⁵ Morton Prince (1854-1929): psiquiatra americano muito interessado pela psicologia francesa. Um dos fundadores da psicopatologia norte-americana. Ele estudou, em especial, os fenômenos dissociativos e os transtornos de múltipla personalidade.

⁶ C. G. JUNG, *Psychogenèse des maladies mentales*, *op. cit.*, p. 220 [*Psicogênese das Doenças Mentais*, *op. cit.*].

⁷ C. G. JUNG, *Dialectique du moi et de l'inconscient*, *op. cit.*, p. 134 [*O Eu e o Inconsciente*, *op. cit.*].

⁸ *Ibid.*, p. 86.

CAPÍTULO 7

¹ C. G. JUNG, *Les types psychologiques*, *op. cit.*, p. 12 [*Tipos Psicológicos*, *op. cit.*].

² C. G. JUNG, *Sur les fondements de la psychologie analytique*, *Les conférences Tavistock*, *op. cit.*, p. 32 [*A Vida Simbólica*, *op. cit.*].

³ Personagem de história em quadrinhos franco-belga que comete muitas gafes e é bastante preguiçoso. Defende a natureza e os animais e é apreciador de boa comida. (N.T.)

⁴ Personagem de história em quadrinhos francês criado por André Daix, um professor elegante e bastante distraído. Atualmente, tem também a conotação de “cientista maluco”. (N.T.)

CAPÍTULO 8

¹ P. JANET, *L'évolution psychologique de la personnalité* [A evolução da personalidade], relatório das conferências feitas em 1929 no Collège de France, nova edição, 1984, p. 181.

² C. G. JUNG, *L'âme et le soi* [A alma e o self], Albin Michel, 1990, p. 28.

³ C. G. JUNG, *Dialectique du moi et de l'inconscient*, *op. cit.*, p. 84 [*O Eu e o Inconsciente*, *op. cit.*].

CAPÍTULO 9

¹ C. G. JUNG, *Les racines de la conscience* [As raízes da consciência], Buchet/Chastel, 1971, p. 35 (ensaio que deu forma inicial ao livro que mais tarde foi intitulado *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*, Obras Completas de Carl Gustav Jung, V. 9/1, Petrópolis, Vozes, 2000).

² C. G. JUNG, *La guérison psychologique*, *op. cit.*, p. 44 [*A Prática da Psicoterapia*, *op. cit.*].

³ *Id.*, *L'homme à la découverte de son âme*, *op. cit.*, p. 297-300 [*O Homem à Descoberta de sua Alma*, *op. cit.*].

⁴ C. G. JUNG, *La guérison psychologique*, *op. cit.*, p. 34 [*A Prática da Psicoterapia*, *op. cit.*].

CAPÍTULO 10

¹ C. G. JUNG, *Mysterium conjunctionis*, tome 1, Albin Michel, 1980, p. 214

[*Mysterium Coniunctionis* (Obras Completas de Carl Gustav Jung, V. 14/1), Petrópolis, Vozes, 1985].

² C. G. JUNG, *L'homme et ses symboles*, op. cit., p. 31 [*O Homem e seus Símbolos*, op. cit.].

³ *Id.*, *Mysterium conjunctionis*, tome 2, Albin Michel, 1989, p. 202 [*Mysterium Coniunctionis*, Obras Completas de Carl Gustav Jung, V. 14/2, Petrópolis, Vozes, 1990].

⁴ C. G. JUNG, *Ma vie*, op. cit., vide capítulo VI “Confronto com o inconsciente”, e *Le Livre Rouge*, op. cit. [*Memórias, Sonhos, Reflexões*, op. cit. e *O Livro Vermelho*, op. cit.].

⁵ Ver, a esse respeito, o livro interessante de A. AGNEL, *L'homme au tablier – Le jeu des contraires dans les films de Ford* [*O homem de avental – O jogo dos contrários nos filmes de Ford*], La part commune, 2002.

⁶ Em artigo de 8 de março de 2011, intitulado “C’est pas toi qui t’occupes de la lessive?” [Não é você que lida com a roupa suja?], uma jornalista do *Libération* reuniu uma série de historietas bem engraçadas sobre o sexismo comum. Levando em conta a violência das reações machistas que esse artigo suscitou em resposta, o *Libération* precisou fechar os comentários dos leitores em seu site.

⁷ C. G. JUNG, *Aïon*, Albin Michel, 1983, p. 29 [*Aion*, Obras Completas de Carl Gustav Jung, V. 9/2, Petrópolis, Vozes, 1982].

CAPÍTULO 11

¹ C. G. JUNG, *Ma vie*, op. cit., p. 38 [*Memórias, sonhos, reflexões*, op. cit.].

² A respeito do desenvolvimento da *anima* na criança, veja o artigo de B. ALLAIN-DUPRÉ “L’écrivain et la navette spatiale” [O escritor e a nave espacial], em *Cahiers jungiens de psychanalyse* [Cadernos junguianos de psicanálise], n° 132, dezembro de 2010.

³ *Der blaue engel* [*Anjo azul*], filme de J. von Sternberg com Marlène Dietrich (1930).

⁴ *Loulou* [*Caixa de pandora*], com Louise Brooks (1929).

CAPÍTULO 12

¹ Em seu livro *Femmes de dictateurs*, Perrin, 2010 [*Mulheres de Ditadores*, Casa das Letras, 2011], Diane Ducret fala que Hitler recebeu mais cartas de amor do que os Beatles e Mick Jagger juntos.

² Em grego: verbo, palavra.

³ H. Béji, *Islam pride, derrière le voile* [Islam pride, por detrás do véu], Gallimard, 2011.

⁴ C. G. Jung, *Mysterium conjunctionis*, tomo 1, op. cit., p. 214 [*Mysterium coniunctionis*, op. cit.].

CAPÍTULO 13

¹ C. G. JUNG, *Réponse à Job*, Buchet/Chastel, 1977, § XVIII, p. 219 [*Resposta a Jó*, Obras Completas de Carl Gustav Jung, V. 11/4, Petrópolis, Vozes, 1979].

² Palavra do sânscrito que significa “círculo”.

³ E. G. HUMBERT, em André VIREL, *Vocabulaire des psychotherapies* [Vocabulário das psicoterapias], Fayard, 1977, p. 304.

⁴ *Id.*, *L'homme aux prises avec l'inconscient* [O homem em luta contra o inconsciente], Retz, 1992, p. 151.

⁵ C. G. JUNG, *Mysterium conjunctionis*, tomo 2, op. cit., p. 351 [*Mysterium Coniunctionis*, op. cit.].

⁶ E. G. HUMBERT, em André VIREL, *Vocabulaire des psychotherapies* [Vocabulário das psicoterapias], *op. cit.*

⁷ C. G. JUNG, *L'âme et le soi* [A alma e o self, *op. cit.*, p. 99].

⁸ *Id.*, *Aion*, *op. cit.*, p. 48 [*Aion*, *op. cit.*].

⁹ *Ibid.*, p. 59.

¹⁰ *Ibid.*, p. 59 (sublinhado por Jung).

¹¹ C. G. JUNG, *Les racines de la conscience* [As raízes da consciência], *op. cit.*, p. 554.

CAPÍTULO 14

¹ C. G. Jung, *Problèmes de l'âme moderne* [Problemas da alma moderna], Buchet/Chastel, 1976, p. 234.

² Ver, a esse respeito, o artigo de B. Allain-Dupré “The child’s side: genealogy of the self” [O lado da criança: genealogia do Self], in *Junguian Psychoanalysis* [Psicanálise Junguiana], Chicago e Lasalle, Illinois, Open Court, 2010.

³ De acordo com Heráclito.

⁴ Ver Atos dos Apóstolos 9,1-9, na *Bíblia de Jerusalém*.

⁵ Ver, sobre esse assunto, o livro de L. von BENEDEK, *La crise du milieu de vie* [A crise do meio da vida], Eyrolles, 2010.

CAPÍTULO 15

¹ C. G. JUNG, *Synchronicité et Paracelsica*, Buchet/Chastel, 1976, p. 234 [“Sincronicidade: um princípio de conexões acausais”, em *Sincronicidade*, Obras Completas de Carl G. Jung, V. 8/3, Petrópolis, Vozes, 1984].

² *Id.*, “Psychologie et pathologie des phénomènes dits occultes”, em *L'énergétique psychique*, Georg, 1973 [“Sobre a psicologia e a patologia dos fenômenos chamados ocultos”, em *Estudos Psiquiátricos*, Obras Completas de Carl Gustav Jung, V. 1, Petrópolis, Vozes, 1994].

³ C. G. JUNG, *Synchronicité et Paracelsica*, *op. cit.*, p. 269 [“Sincronicidade: um princípio de conexões acausais”, em *Sincronicidade*, *op. cit.*].

⁴ *Ibid.*

⁵ Ver nota p. 10.

⁶ C. G. JUNG, *Sur les fondements de la psychologie analytique*, *Les conférences de Tavistock*, *op. cit.*, p. 98 [A vida simbólica, *op. cit.*].

⁷ *Id.*, *Psychologie et alchimie*, Buchet/Chastel, 2004 [Psicologia e alquimia, Obras Completas de Carl G. Jung, V. 12, Petrópolis, Vozes, 1991].

⁸ W. PAULI/C. G. JUNG, *Correspondance, 1932-1958* [Correspondência, 1932-1958], Albin Michel, 2000.

⁹ C. G. JUNG, *Mysterium conjunctionis*, Tomo 2, *op. cit.*, VI, 9 [Mysterium Coniunctionis, *op. cit.*].

¹⁰ *Id.*, *Synchronicité et Paracelsica*, *op. cit.*, p. 284 [“Sincronicidade: um princípio de conexões acausais”, em *Sincronicidade*, *op. cit.*].

¹¹ Ver, a esse respeito, M.-L. von FRANZ, *La psychologie de la divination*, Albin Michel, 1995 [Advinhação e sincronicidade: a psicologia da probabilidade significativa, São Paulo, Cultrix, 1985].

CONCLUSÃO

¹ Aforismo alquímico: “*Quod Natura relinquit imperfectum, Ars perficit*”.

² *Exploring the soul – A challenge to Freud*.

³ C. G. JUNG, *Sur le fondements de la psychologie analytique – Les conférences à la Tavistock*, Albin Michel, 2011 [*A Vida Simbólica, op. cit.*].

⁴ Jung e Freud fizeram a viagem juntos, mas não foram convidados ao mesmo tempo nem pelas mesmas razões.

⁵ Seu teste de associações foi muito utilizado em criminalística, como diagnóstico psíquico e como prova ou detector de mentiras.

⁶ C. G. JUNG, *Correspondance* [Cartas] 1958-1961, Albin Michel, 1996, carta ao Sr. Robert Read, de 2 de setembro de 1960.

⁷ Jung sempre rejeitou a ideia de que o que saía dele nessas circunstâncias era arte. Ver, a esse respeito, *Ma Vie, op. cit./Memórias, Sonhos, Reflexões, op. cit.*

⁸ Ver C. G. JUNG, *Problèmes de l'âme moderne* [Problemas da alma moderna], *op. cit.*

⁹ Em alemão, *Weltanschauung*, que significa “concepção do mundo”.

¹⁰ Entre os mais conhecidos, podemos citar os cineastas Ingmar Bergman e Margarethe von Trotta; os escritores Herman Hesse, Thomas Mann, Eugen O'Neill e Doris Lessing; o filósofo Gaston Bachelard; Hergé, o pai de Tintin; Meret Oppenheim, que era escritor, pintor e artista plástico; o poeta, romancista e dramaturgo René de Obaldia; o cantor Graeme Allwright; as atrizes Catherine Dasté e Charlotte Rampling... A lista está longe de ser exaustiva, mas a variedade de criadores leitores de Jung, que se interessaram por ele, é impressionante.

¹¹ C. G. JUNG, *Correspondance* [Cartas] 1955-1957, Albin Michel, 1995, carta para Ellen Gregori, p. 216.

¹² Rainer M. RILKE, *Notizen zur Melodie der Dinge – Notes sur la mélodie des choses* [Notas sobre a melodia das coisas], Allia, edição bilíngue, 2008, p. 15.